



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Linguística e Literaturas

Curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Ramo Profissionalizante

Questões de tradução em *The Path to Power*, de Margaret Thatcher.

Vol. II

Milena Isabel Barão Vaz

Orientadora: Prof^ª Doutora Olga Maria T. P.M. Baptista Gonçalves

Co-Orientadora: Prof^ª Doutora Ana Clara Birrento

Évora, Outubro de 2011



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Linguística e Literaturas

Curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Ramo Profissionalizante

Questões de tradução em *The Path to Power*, de Margaret Thatcher.

Vol. II

Milena Isabel Barão Vaz

Orientadora: Prof^ª Doutora Olga Maria T. P.M. Baptista Gonçalves

Co-Orientadora: Prof^ª Doutora Ana Clara Birrento

Évora, Outubro de 2011

Índice

Vol. II

Índice.....	iii
1. Notas Prévias	-3-
2. Tradução.....	- 4 -
3. Texto-Fonte (em suporte CD)	

Notas Prévias

1. A tradução não inclui a tradução da lista de ilustrações, nem do índice mas apenas a tradução dos agradecimentos e dos três primeiros capítulos de *the Path to Power*.
2. A paginação da tradução inicia-se nos agradecimentos, por isso a mesma não coincide com a do texto original.
3. Os poemas citados no texto-fonte não foram traduzidos.
4. As citações de outras vozes convocadas pela autora foram alvo de tradução e incluídas no sítio respectivo, não havendo, assim, lugar a notas.

Margaret Thatcher
O Caminho para o Poder

Este livro é dedicado à memória de Keith Joseph

Agradecimentos

Escrever este segundo livro de memórias foi, para minha surpresa, uma tarefa mais exigente do que escrever o primeiro. Na preparação de *The Downing Street Years* tive a oportunidade de consultar um volume considerável de documentos oficiais, que reavivaram e confirmaram as minhas memórias sobre diversos acontecimentos. Mas quando me dispus a escrever sobre os meus primeiros passos - a vida familiar, os primeiros passos que dei na política, a minha experiência enquanto ministra e finalmente como líder da oposição – apercebi-me de que as provas documentais eram mais escassas. Existiam, é certo, documentos de família preciosos dos anos passados em Grantham. Eu e o Dennis reunimos as nossas lembranças dos anos 50 e 60. A este espólio juntam-se também documentos dos arquivos do Partido Conservador, bem como alguns documentos oriundos do Ministério de Educação agora lamentavelmente em número reduzido. Outros permitiram-me consultar os seus documentos, como indico abaixo.

Neste volume, e ainda mais do que no Volume I, dependi do engenho, desenvoltura e capacidade de pesquisa da minha equipa na procura de cartas, diários, recortes, relatórios de conferências e variados ficheiros onde se registam e armazenam os pedaços da vida moderna. Os meus companheiros nesta aventura foram indispensáveis. Devo, contudo, destacar Robin Harris, que me ajudou a dar forma aos meus pensamentos, levantou objecções úteis e garantiu que eu cumprisse vários prazos. John O’Sullivan deslocou-se da América para polir a prosa e aguçar o conteúdo. Chris Collins, que se aventurou pelos arquivos do Partido Conservador e que percorreu quase todo o país tendo em vista recolher fragmentos dispersos da minha vida e reavivar e corrigir as minhas memórias. Debbie Fletcher trabalhou incansavelmente durante muitas horas, tomando conta de nós e dactilografando o manuscrito, de modo a enviar um texto cuidado ao editor. Se este foi frequentemente um trabalho árduo, é também necessário dizer que foi sempre divertido. Terei de certeza saudades dos tempos estimulantes de convívio que passámos a dar forma a

este livro. Tenho também de manifestar a minha gratidão para com Eddie Bell e Stuart Proffitt da Harper-Collins pelo encorajamento bem como pelas úteis sugestões.

Tive a sorte de ter a oportunidade de discutir os anos turbulentos e cruciais que passei enquanto Líder da Oposição com outros que também os vivenciaram. Alguns desses amigos também me emprestaram ou permitiram o acesso aos seus documentos. Gostaria de agradecer em particular aos seguintes: Sir Tim Bell, Roger Boaden, Sir Adam Butler, Lord Colnbrook, Gerald Frost, Sir George Gardiner, Deputado, Sir John Hoskyns, Derek Howe, Sir John Lacy, Lord McAlpine, Sir Fergus Montgomery, Deputado, Sir Peter Morrison, Sir Michael Partridge, Sir Gordon Reece, Richard Ryder, Deputado, Caroline Ryder, Sir William Shelton, Sir Alfred Sherman, Sir John Stanley, Deputado, Harvey Thomas, Allison Wakeham e Simon Webley.

Tessa Gaisman ajudou-me, uma vez mais, a organizar as fotografias. Alguns habitantes de Grantham tiveram a gentileza de localizar registos da minha vida nessa localidade: o editor e colaboradores do *Grantham Journal*; Jim Allen; e Lisa Budreau do *Grantham Museum*. Em Oxford, a Dra. Pauline Adams deu-me acesso aos arquivos de *Sommerville College*. A Dra Ann Gold ajudou-me a encontrar documentos relativos ao seu irmão, Edward Boyle. Tessa Phillips recuperou material valioso sobre Finchley. Alistair Cooke, Shirley Oxenbury e o Dr. Michael Maw deram-me acesso aos arquivos do Partido Conservador. Estou profundamente agradecida à família Neave por me permitir ler o fascinante diário e documentos pertencentes a Airey Neave.

Para a última parte deste livro pude contar com a generosidade de vários peritos que me deram alguns conselhos. Alguns destes são mencionados nos agradecimentos ao longo do texto. Mas gostaria de fazer especial referência a: Martin Howe (sobre a Europa, capítulo 13); Professor James Q. Wilson (Política Social, capítulo 15); Sir Alan Waters, Professor Tim Congdon e Patrick Minford (Economia, Capítulo 16). Peter Campbell, no capítulo 15, e Ramesh Ponnuru, no capítulo 16, disponibilizaram também informação valiosa. O capítulo relativo a negócios estrangeiros reflecte anos de conversas com, entre outros, Vladimir Bukosky, Bob Conquest, Chris Cviic, Noel Malcom, Radek Sikorski e o Professor Norman Stone. Contudo, é necessário ressaltar que as opiniões aqui expressas são de minha exclusiva autoria não devendo ser atribuídas a outros.

Finalmente, tive o privilégio de partilhar as memórias e pontos de vista com o falecido Lord Joseph of Portsoken. Keith, nos últimos dias de vida que passou no hospital, apesar de muito débil, continuava desperto e após aquela que seria a nossa última conversa perguntou-me se eu acharia útil registar os seus pontos de vista num *memorandum*. Infelizmente tal nunca

chegou a acontecer. A dedicatória deste livro testemunha uma dívida que é reconhecida mas que nunca poderá ser paga.

Capítulo I

Uma Infância na Província

Grantham – 1925 a 1943

A minha primeira recordação nítida de infância é o trânsito. Lembro-me de ser passeada no meu carrinho pela cidade em direcção ao parque num dia de sol e devo ter presenciado o bulício de Grantham. Esta imagem ficou gravada na minha memória pela mistura de cores, veículos, pessoas e barulho ensurdecedor. Esta é, por estranho que possa parecer, uma recordação muito agradável. Provavelmente, devo ter gostado desta primeira tomada de consciência do mundo exterior.

No que diz respeito às memórias indistintas, para mim, tal como para quase todos, os primeiros anos estão envoltos numa espécie de neblina. Os meus estão envoltos numa neblina idílica na qual o sol entrava na minha sala de estar por entre as folhas do limoeiro e havia sempre alguém por perto, a minha mãe, a minha irmã ou alguém que trabalhava na loja, para me mimar ou para me acalmar com um doce. De acordo com os testemunhos da família, eu era um bebé muito calmo, ainda que isso pudesse parecer estranho aos meus adversários políticos. Mas não nasci numa família calma.

Há quatro gerações que a família Roberts era fabricante de sapatos em Northamptonshire, que era na altura um dos grandes centros da indústria de calçado. O meu pai, que queria ser professor, teve de abandonar a escola aos treze anos pois a família não tinha condições económicas para o manter a estudar. Foi então trabalhar para Oundle, uma das melhores escolas privadas. Anos mais tarde, quando respondia a questões num debate na Câmara dos Comuns, Eric Heffer, deputado Trabalhista e um dos meus adversários habituais, tentou evidenciar a sua condição de membro da classe trabalhadora ao mencionar que o seu pai havia sido carpinteiro em Oundle. Ficou sem palavras quando lhe retorqui que o meu pai também lá tinha trabalhado no bar.

O meu pai teve vários empregos, e creio que quase todos foram na área do comércio de produtos alimentares de uso doméstico, até que em 1913 lhe ofereceram o lugar de gerente numa mercearia em Grantham. Anos mais tarde, ele diria que dos catorze xelins que recebia semanalmente, doze eram para pagar alojamento e alimentação, um era para poupar, apenas

gastando o xelim restante. A Primeira Grande Guerra Mundial eclodiu no ano seguinte. O meu pai, um patriota convicto, tentou alistar-se no Exército seis vezes, mas foi sempre rejeitado por razões médicas. Eduardo, o seu irmão mais novo, alistou-se, e morreu na frente de combate em Salonika em 1917. Muito poucas famílias britânicas escaparam a estas perdas e o Remembrance Day era celebrado rigorosa e intensamente por todo o país.

Quatro anos após chegar a Grantham, o meu pai conheceu a minha mãe, Beatrice Ethel Stephenson, através da Igreja Metodista local. Era costureira por conta própria. Casaram nessa mesma igreja em Maio de 1917 e a minha irmã, Muriel, nasceu em 1921.

A minha mãe também era muito poupada e em 1919 conseguiram um empréstimo e compraram a sua própria loja em North Parade. A nossa casa era por cima da loja. Em 1923 o meu pai abriu uma segunda loja em Huntingtower Road em frente à escola primária que eu mais tarde frequentaria. A 13 de Outubro de 1925 nasci no andar de cima da loja de North Parade.

Nesse mesmo ano, o meu pai expandiu os negócios comprando dois edifícios adjacentes em North Parade. A nossa loja e casa estavam situadas num movimentado cruzamento e a principal linha de comboio - Grantham era um importante apeadeiro - encontrava-se a 100 metros de distância. Podíamos acertar os nossos relógios pela passagem barulhenta do comboio “Flying Scotsman”. O que mais me entristecia nesta altura era não termos um jardim. Só após o final da Segunda Guerra Mundial foi possível ao meu pai comprar uma casa com um grande jardim mais ao fim da rua de North Parade pela qual a família já se havia apaixonado há alguns anos.

A vida “por cima da loja” é muito mais do que uma expressão. É algo que só quem o vivencia consegue compreender. Em primeiro lugar, estávamos sempre de serviço. As pessoas batiam à nossa porta praticamente a qualquer hora da noite e ao fim de semana quando ficavam sem bacon, açúcar, manteiga ou ovos. Todos sabiam que vivíamos do serviço prestado ao cliente; por isso, era inútil queixarmo-nos e nem o fazíamos. Claro que estas encomendas eram um acréscimo às habituais. O meu pai ou os seus empregados - tínhamos três empregados em North Parade e um outro em Huntigtower - normalmente saíam para tomar nota das mesmas. Mas às vezes ia a minha mãe, e então a Muriel e eu íamos com ela. Assim, a minha irmã e eu conhecíamos muitas pessoas na vila.

Estava completamente fora de questão fechar-se a loja para longas férias em família. Íamos então para Skegness, uma estância balnear local. Mas os meus pais tinham de tirar as férias separadamente, tirando o meu pai uma semana por ano para praticar o seu jogo favorito, competindo no torneio de pataca de Skegness. Ao viver por cima da loja, os filhos convivem

mais com os pais do que noutra tipo de actividade. Eu via o meu pai ao pequeno-almoço, almoço, lanche e jantar. Tínhamos muito mais tempo para conversar do que outras famílias, facto pelo qual sempre me senti agradecida.

O meu pai era um merceeiro especializado. O seu objectivo era o de fornecer produtos da melhor qualidade, e a própria loja era o espelho dessa realidade. Atrás do balcão havia três filas de magníficas gavetas de mogno para especiarias com puxadores de bronze reluzente, encimadas por caixas de chá, grandes, pretas, lacadas. Uma das tarefas em que, por vezes, participava era na pesagem de chá, açúcar e biscoitos a partir dos sacos ou caixas em que chegavam para sacos de meio ou de quilo. Numa fresca divisão das traseiras à qual chamávamos "a velha casa do forno" estavam pendurados bocados de presuntos que tinham ainda de ser desossados e cortados para serem fatiados. Aromas maravilhosos a especiarias, café e presunto fumado invadiam a casa.

Nasci num ambiente prático, sério e fervorosamente religioso. Os meus pais eram Metodistas convictos; o meu pai era até um pregador laico muito requisitado em Grantham e arredores. Era muito bom pregador cujos sermões eram de uma grande consistência intelectual. Um dia ficou muito surpreendido quando lhe perguntei porque fazia a sua "voz de sermão" nestas alturas. Penso que nunca se apercebeu de que o fazia. Era uma homenagem inconsciente à mensagem bíblica, e bastante diferente dos tons mais prosaicos utilizados quando despachava assuntos administrativos ou do dia-a-dia.

A nossa vida girava em torno do Metodismo. A família ia à Missa dominical às 11 horas da manhã, mas antes disso já eu tinha ido à Escola Bíblica Dominical onde voltava à tarde. Mais tarde, por volta dos 12 anos, tocava piano para que as crianças mais jovens pudessem cantar os hinos. E normalmente os meus pais iam de novo à Missa da tarde.

Eu achava tudo isto um exagero, e lembro-me de, em algumas ocasiões, ter tentado não ir. Mas quando dizia ao meu pai que os meus amigos preferiam ir passear e que eu gostaria de os acompanhar, ele respondia: 'Nunca faças algo só porque os outros o fazem'. Esta era, com efeito, uma das suas expressões favoritas - usada quando quis aprender a dançar, ou quando por vezes queria ir ao cinema, ou quando queria ir passar o dia a algum lado. Independentemente do que sentia na altura, tal como ao meu pai, também esta máxima me seguiu toda a vida. O sentido de dever do meu pai sempre tinha, contudo, um lado mais suave. O mesmo não se podia dizer de toda a gente. A vida para os pobres nos anos que antecederam a Segunda Grande Guerra Mundial era muito difícil; e também não era nada mais fácil para aqueles que trabalharam arduamente, que acumularam um pé-de-meia e que atingiram alguma credibilidade. Vivam no fio da navalha, temendo que se algum imprevisto

lhes acontecesse ou que se diminuíssem os seus esforços de poupança e de empenho, poderiam mergulhar num mar de dívidas e de pobreza. Esta precariedade frequentemente fez com que pessoas outrora boas se transformassem em pessoas duras e incapazes de perdoar. Recordo-me de uma discussão entre o meu pai e um dos frequentadores da igreja sobre o ‘filho pródigo’ de um amigo, que, após gastar as poupanças dos pais, lhes apareceu à porta com a sua jovem família e sem um tostão. A opinião do frequentador da igreja era inequívoca: o rapaz não valia nada, e nunca mudaria, por isso deveria ser posto no olho da rua. A resposta do meu pai continua gravada na minha mente. Não, um filho é sempre um filho, e deve ser recebido com todo o amor e carinho pela família quando dela mais precisa. Aconteça o que acontecer, devemos sempre poder voltar a casa.

Isto demonstra que o meu pai era um homem de princípios firmes - ‘O teu pai mantém sempre os seus princípios’, como a minha mãe costumava dizer - mas não seria capaz de os aplicar se eles causassem a infelicidade das pessoas. Ele demonstrou isto mesmo quando, na sua qualidade de edil, tratou da questão controversa sobre o que poderia ser feito durante o *Sabbath*. Nessa altura, em Grantham e na maior parte dos locais, os cinemas estavam fechados ao domingo, mas durante a guerra - adoptando uma abordagem mais utilitarista do que dogmática - apoiou a abertura dos mesmos aos domingos, pois isso permitia aos militares estacionados perto da vila terem algum sítio para ir sem incomodar os que preferiam um *Sabbath* mais calmo e contemplativo. Ao mesmo tempo que se opunha veementemente (ainda que no final sem sucesso) à abertura dos parques para a prática de jogos, o que poderia acabar com a paz e o sossego das outras pessoas. Ele queria manter o domingo um dia especial, mas era flexível no modo de o conseguir. Eu estava pouco convencida, mesmo quando era muito jovem, da necessidade de tais restrições, mas consigo agora dar valor ao quanto este homem de tão fortes princípios estava disposto a ceder quando a natureza das circunstâncias o exigia.

Estas qualidades de carácter, que implicavam a recusa em alterar as nossas convicções só porque outros discordavam ou porque nos tornavam impopulares, foram-me inculcadas desde muito cedo. Em 1936, tinha eu 11 anos, foi-me oferecida uma edição especial da revista *Bibby’s Annual*. Joseph Bibby era um industrial do ramo alimentício de Liverpool que usou uma parte considerável da sua fortuna, feita a pulso, para editar uma revista religiosa constituída por uma estranha combinação de formação de carácter, filosofia doméstica e religião, contendo também belas reproduções de quadros famosos. Eu era na altura demasiado jovem para compreender que a abordagem que lhe estava subjacente era

Teosofista;¹. Mas esta revista era um dos meus tesouros. Mais do que outro qualquer conteúdo, esta revista ensinou-me alguns versos que ainda utilizo para discursos de improviso pois conseguem encarnar muito daquilo me foi inculcado a sentir ao crescer.

One ship drives East, and another drives West,
By the self-same gale that blows;
'Tis the set of the sail, and not the gale,
That determines the way she goes.

Ella Wheeler Wilcox

Ou ainda:

The heights by Great men reached and kept
Where not attained by sudden flight,
But they, while their companion slept,
Were toiling upward in the night.

Henry Wadsworth Longfellow

Quer tenha sido o contacto precoce com a *Bibby's Annual* ou uma inclinação natural, fiquei rapidamente fascinada por poesia. Com dez anos, fui a orgulhosa vencedora de um prémio por recitar poesia no festival Eisteddfod de Grantham. Recitei "Moonlit Apples" de John Drinkwater e "The Travellers" de Walter de la Mare. Pouco tempo depois, quando fui a uma casa recolher uma encomenda de mercearias, foi-me oferecida uma edição de Milton por alguém que sabia o que a poesia significava para mim: Desde então esse livro é um dos meus tesouros. Nos primeiros anos da Guerra integrei um espectáculo de variedades que se deslocava pelas aldeias em redor de Grantham e recitava poemas do meu *Oxford Book of English Verse* - outro dos livros que mesmo hoje tenho sempre por perto. O Metodismo, ele próprio, tem excelente poesia religiosa, na forma dos hinos de Wesley.

A vida religiosa em Grantham era muito activa e, no tempo que antecedeu o ecumenismo Cristão, competitiva, alimentada por um espírito de rivalidade. Existiam três igrejas

¹ A Teosofia era uma mistura de misticismo, Cristianismo e de 'sabedoria do Oriente', senso e contra-senso.

Metodistas, a Igreja Anglicana de S. Wulfram que, segundo a lenda local, tinha o sexto maior campanário de Inglaterra e uma Igreja Católica Romana mesmo em frente a nossa casa. Do ponto de vista de uma criança, os Católicos pareciam levar uma vida mais despreocupada. Lembro-me de invejar as raparigas Católicas na sua primeira comunhão, vestidas com vestidos brancos de festa com fitas brilhantes e na mão cestos de flores. O estilo Metodista era muito mais simples e se se vestisse um vestido com fitas logo um dos mais velhos abanaria a cabeça em desagrado e nos advertiria para “o primeiro passo no caminho de Roma”.

Mesmo sem fitas, contudo, o Metodismo estava longe de ser tão austero, tal como as pessoas o imaginam hoje em dia. O Metodismo dava grande ênfase à parte social da religião, bem como à música, dando-me ambas muitas oportunidades para desfrutar da vida, ainda que isso desse a impressão de ser feito de forma séria. Os nossos amigos da igreja vinham frequentemente ao domingo ceiar connosco a nossa casa ou íamos nós à deles. Sempre apreciei a conversa dos adultos, que incluía não só a religião e os acontecimentos em Grantham, mas também a política nacional e internacional. Uma das consequências involuntárias da facção mais moderada do Metodismo era a de que os Metodistas tendiam a dedicar mais tempo e atenção à comida. “Ter uma mesa farta” era uma expressão comum, e muitos dos eventos sociais eram realizados em torno de chás e de jantares. Havia também sempre muitos eventos ligados à igreja, organizados quer para agradecer aos mais jovens ou para angariar fundos para alguma finalidade.

Confesso que o que mais gostava era da parte musical do Metodismo. Cantávamos Hinos especiais aquando dos aniversários da Escola Dominical. Os cânticos e as leituras de Natal da escola para raparigas de Kesteven e Grantham - e as semanas de prática que os precediam - era algo com o qual sempre ansiava. A nossa igreja tinha um coro excepcionalmente bom. De dois em dois anos realizávamos uma oratória: o *Messias* de Handel, a *Criação* de Haydn ou *Elias* de Mendelssohn. Para as partes mais difíceis dos *solo* contratávamos cantores profissionais que vinham de Londres. Mas o que mais me impressionava era a riqueza latente do talento musical que podia ser desenvolvido com treino sério e prática. A minha família também pertencia a uma sociedade musical e entre três a quatro vezes por ano realizava-se um concerto de música de câmara.

Éramos uma família muito musical. Comecei a ter aulas de piano aos cinco anos: a minha mãe também tocava. Na verdade, tornei-me numa pianista bastante boa, e tive a sorte de ter excelentes professores, tendo ganho vários prémios em festivais de música locais. O piano em que aprendi a tocar foi feito pelo meu tio-avô, John Roberts, em Northampton. Ele

também fazia órgãos de igreja. Quando tinha dez anos visitei-o e fiquei entusiasmadíssima por ter tido permissão para tocar num dos dois órgãos que ele tinha construído numa espécie de celeiro que tinha no seu jardim. Infelizmente, aos dezasseis tive de desistir das aulas de música porque estava a estudar para a entrada na universidade, e ainda hoje lamento não ter voltado a ter aulas de piano. Nesta altura, no entanto, era eu quem tocava o piano em casa, enquanto o meu pai, que era um bom baixo, e minha mãe, que era contralto, e por vezes também alguns amigos, cantávamos os nossos velhos temas favoritos: “The Holy City”, “The Lost Chord”, Gilbert e Sullivan, etc.

O acontecimento talvez mais emocionante da minha infância foi uma viagem que fiz a Londres quando tinha doze anos. A viagem foi feita de comboio, acompanhada por uma amiga da minha mãe, e em King’s Cross esperavam-me o Reverendo Skinner e a sua esposa, dois amigos da família que iriam tomar conta de mim. O primeiro impacto de Londres foi esmagador: King’s Cross assemelhava-se a uma movimentada caverna, mas o resto da cidade tinha o encanto de uma capital imperial e comercial. Pela primeira vez na minha vida vi pessoas de países estrangeiros, alguns deles nos seus trajes tradicionais da Índia e de África. Até o volume de tráfego e dos peões era emocionante: pareciam gerar uma espécie de electricidade. Mas os edifícios de Londres eram impressionantes por outra razão. Enegrecidos pela fuligem, eram de uma magnificência imponente que constantemente me dava a impressão de estar no centro do mundo.

A família Skinner – minha anfitriã – levava-me a todos os sítios de visita habitual. Alimentei os pombos em Trafalgar Square; andei de metro - uma experiência um pouco assustadora para uma criança; fui ao Jardim Zoológico, onde andei de elefante e recuei perante os répteis - o que foi um presságio do que viriam a ser as relações com Fleet Street. Fiquei desiludida com a Oxford Street, que era muito mais estreita do que a ampla avenida que imaginara. Fui em peregrinação à Catedral de S. Paulo, onde John Wesley havia rezado na manhã da sua conversão, e como não podia deixar de ser, ao Parlamento e Big Ben, que corresponderam totalmente às minhas expectativas. E fui também a Downing Street, mas, ao contrário do jovem Harold Wilson, não me lembrei de tirar uma fotografia à porta do N° 10.

Tudo isto era por demais excitante. Mas o ponto alto foi sem dúvida a minha primeira visita ao Catford Theatre em Lewisham onde assistimos ao famoso musical de Sigmund Romberg: *The Desert Song*. Durante três horas vivi noutra mundo, arrebatada, tal como a heroína, pelo audaz Red Shadow. O arrebatamento foi tal, que comprei a partitura e tocava-a em casa, provavelmente vezes demais.

Mal podia pensar em sair de Londres ou da companhia dos Skinner, os meus simpáticos anfitriões. A sua amabilidade permitiu-me vislumbrar, usando as palavras de Talleyrand, “*la douceur de la vie*”, o quão doce a vida podia ser.

A nossa religião não compreendia apenas a vertente musical e social, era também intelectualmente muito estimulante. Os padres eram personalidades com fortes pontos de vista. Os Metodistas e outros Não-Conformistas da nossa cidade eram tendencialmente de esquerda ou pacifistas. Os Metodistas de Grantham tiveram um papel preponderante na organização do ‘Peace Ballot’ de 1935, fazendo circular um inquérito à população, que votou de forma esmagadora pela paz. Não se sabe até que ponto este resultado influenciou Hitler e Mussolini; nós tínhamos a nossa própria opinião que partilhávamos com Robert na sua casa. O Peace Ballot era uma ideia tola a qual foi parcialmente responsável pelo atraso no rearmamento necessário para deter e, em última análise, derrotar os ditadores. Sendo conservadores convictos como éramos, nesta e noutras questões, éramos considerados como as ovelhas negras. O Reverendo Skinner, nosso amigo, era um apoiante entusiasta do Peace Ballot; era o homem mais generoso e piedoso que conheci, e muitos anos mais tarde foi ele quem celebrou o meu casamento com Dennis na Capela de Wesley em Londres. Mas as virtudes humanas não substituem um forte pragmatismo político.

Os sermões de domingo tiveram um profundo impacto em mim. Foi o Reverendo Childe, um padre Congregacionista convidado, que esclareceu a noção, muito avançada para a época, de que os pecados dos pais (e das mães) não deviam recair sobre as crianças. Recordo ainda o sentimento de condenação que exprimi em relação à tendência farisaica de apelar de ‘ilegítimas’ as crianças nascidas fora do casamento. Toda a cidade sabia que existiam algumas crianças com pai incógnito; ao escutarmos o que o Reverendo Child pregava, sentíamo-nos culpados por pensarmos que elas eram diferentes. Os tempos mudaram. Conseguimos desde então eliminar o estigma da ilegitimidade não só das crianças, como também dos pais. Este talvez possa ser um dos motivos que tenham levado ao aumento do número de crianças desfavorecidas. É ainda necessário encontrar uma forma de aliar a caridade Cristã a políticas sociais mais sensíveis.

Quando a guerra eclodiu e a morte parecia mais próxima de todos, os sermões tornaram-se mais fortes. Num deles, logo após a Batalha da Grã Bretanha, o padre disse-nos que, tal como Cristo e os seus apóstolos, eram sempre “poucos os que salvavam muitos”. Fiquei também muito impressionada com o tema de um outro sermão: a História demonstrava que aqueles que nasciam no meio de uma grande crise conseguiam lidar melhor com a próxima. Esta era a prova da providência misericordiosa de Deus e o alicerce do optimismo em

relação ao futuro, por muito negro que o cenário parecesse naquele momento. Os valores inculcados na igreja eram fielmente acatados em minha casa.

Como também o era a necessidade de trabalhar arduamente. Na minha casa ninguém era preguiçoso, em parte porque a preguiça era um pecado, em parte também porque o trabalho era sempre muito, e em parte certamente porque nós éramos simplesmente assim. Tal como já mencionei, sempre que necessário eu ajudava na loja. E também aprendi com a minha mãe como gerir uma casa de modo a que tudo funcionasse na perfeição, embora ela tivesse de passar muitas horas atrás do balcão. Apesar de termos uma empregada antes da guerra - e mais tarde uma empregada de limpeza duas vezes por semana - a minha mãe fazia a maior parte do trabalho, e ele era certamente muito mais do que o é numa casa moderna. Ensinou-me a passar a ferro uma camisa de homem, bem como a engomar um bordado sem o danificar. Os ferros grandes eram aquecidos no lume, e aprendi o segredo de como dar um acabamento especial ao linho colocando um pouco de cera de vela de forma a cobrir e colar ao ferro uma moeda de cêntimo. Na escola secundária, e apesar de isso ser invulgar à época, tínhamos a disciplina de ciências domésticas - aprendíamos de tudo, desde como lavar bem a roupa até à gestão do orçamento doméstico. Por isso, eu estava duplamente habilitada para ajudar nas tarefas domésticas. A casa de North Parade era toda limpa diária e semanalmente e, para além disso, na primavera era feita uma limpeza anual com o intuito de se limpar o que ficara por limpar durante o ano. As carpetes eram retiradas e batidas e o mobiliário de mogno, sempre de boa qualidade, que a minha mãe comprava em leilões, era todo lavado com uma mistura de água morna e vinagre antes de voltar a ser polido. Esta era também a altura em que se fazia o inventário anual da loja, por isso mal havia tempo para respirar.

Na nossa casa nada era desperdiçado e sempre vivemos dentro das nossas possibilidades. O pior que se podia dizer de outra família é que vivia acima das possibilidades. Como sempre vivemos de forma regrada, foi fácil lidar com o racionamento em tempo de guerra, embora tomássemos nota das dicas que eram transmitidas na rádio sobre a preparação de iguarias mais pesadas como o empadão de batata Lord Woolton, um prato económico assim apelidado em homenagem ao Ministro da Guerra para a Alimentação. A minha mãe era uma cozinheira excelente e organizada. Duas vezes por semana, cozia no forno pão, pastelaria fina, bolos e tartes. O seu pão caseiro era famoso, bem como o seu pão doce de especiarias típico de Grantham. Antes da guerra, aos domingos comíamos sempre assados, que na segunda-feira passavam a carnes frias e na terça transformavam-se em rissóis. Contudo, durante a guerra, os assados de domingo transformaram-se em ensopados com pouquíssima carne ou mesmo em massa com queijo.

Nessa altura as cidades pequenas de província tinham as suas próprias redes privadas de caridade. Com o aproximar do Natal eram organizados cerca de 150 cabazes que continham carne enlatada, pudim de Natal, compota e chá. Tudo isto era comprado pelo Clube dos Rotários uma das mais fortes instituições de solidariedade social de Grantham. Havia sempre algo dos assados de quinta ou de domingo que era enviado para os idosos que viviam sozinhos ou estavam doentes. Como merceeiros que éramos, sabíamos em que circunstâncias viviam os nossos clientes.

O vestuário nunca foi um problema para nós, pois a minha mãe tinha sido costureira e fazia a maior parte das roupas que usávamos. Na altura existiam dois armazéns muito apreciados: o Vogue e o Butterick, e na época de saldos em Grantham e em Nottingham conseguíamos adquirir os tecidos de melhor qualidade a um preço reduzido. Conseguíamos então a melhor relação qualidade - preço e estávamos, acordo com os padrões de Grantham, sempre muito em moda.

Para a celebração do primeiro ano de presidência de Câmara do meu pai, a minha mãe fez-nos, a mim e à minha irmã, dois vestidos novos: o meu era de veludo verde-escuro e o da minha irmã era de veludo azul. Para si própria fez um vestido preto de seda *moiré*. Mas em tempos de Guerra o *ethos* da frugalidade era quase uma obsessão. Até mesmo a minha mãe e eu fomos apanhadas de surpresa ao ouvir uma das nossas amigas dizer que não deitava fora as linhas de alinhavar e que as reutilizava: “Considero ser meu dever fazê-lo” afirmou. E então começámos a fazê-lo também. Por alguma razão éramos Metodistas.

Eu tinha menos tempo livre do que as outras crianças. Mas gostava muito de dar longos passeios, e fazia-o frequentemente sozinha. Grantham fica num pequeno vale rodeado de colinas, ao contrário da maior parte de Lincolnshire que é bastante plano. Adorava a beleza do campo e poder estar sozinha com os meus pensamentos neste ambiente. Por vezes saía da cidade pela Monthorpe Road e para regressar cortava caminho a norte pela Great North Road. Subia também a Hall’s Hill, onde no tempo de guerra tivemos uma semana de férias escolares para lá irmos apanhar pés de roseiras e amoras. Quando nevava, aproveitávamos para deslizar na neve.

Não praticava muito desporto, embora tivesse já aprendido a nadar, e na escola era uma jogadora de hóquei sofrível. Em casa jogávamos aos jogos habituais, como o Monopólio e o Pit – um jogo bastante barulhento baseado na bolsa de valores de Chicago. Numa visita à América visitei a Bolsa, mas a minha incursão pelo mundo das transacções acabou aí.

O grande acontecimento que, contudo, animou a minha vida foi a chegada do cinema a Grantham. Tínhamos a sorte de ter entre os nossos clientes a família Campbell que era a

dona de três cinemas em Grantham. Por vezes convidavam-me para ir à sua casa ouvir os discos que punham a tocar no gramofone, e tive a oportunidade de conhecer a sua filha Judy, mais tarde uma actriz de sucesso que contracenou com Noël Coward na comédia de tempo de guerra *Present Laughter* e que tornou famosa a canção “A Nightingale Sang in Berkley Square”. Por conhecermos os Campbell, o cinema era mais aceitável para os meus pais do que o teria sido noutras condições. Os meus pais ficavam satisfeitos desde que assistisse a “bons” filmes, uma classificação que felizmente incluía os musicais de Fred Astaire e Ginger Rogers, bem como os filmes de Alexander Korda. Os meus pais raramente iam comigo, se bem que em alguns feriados íamos juntos ao teatro ou a um dos grandes cinemas em Nottingham - por isso normalmente ia com amigos ou mesmo sozinha. Havia limites, contudo, mesmo então. Normalmente estreava um filme por semana, mas como por vezes o filme não suscitava o interesse necessário para se manter em exibição durante seis dias, a partir de quinta-feira projectavam outro. Algumas pessoas iam também ver um segundo filme, mas isso era muito mal visto na nossa casa.

Talvez essa tenha sido uma boa restrição, pois estava fascinada com o mundo romântico de Hollywood. Estes foram, apesar de tudo, os anos dourados do cinema. Por 9 xelins acedia a um confortável lugar no escuro do cinema, enquanto no ecrã se projectavam as apresentações dos próximos filmes, na época os comentários alegres e optimistas da British Movietone News, logo seguidos de um pequeno filme de serviço público sobre temas como *O Crime não Compensa*, e finalmente o filme. Estes variavam entre aventuras imperialistas, como *The Four Feathers* e *Drum*, comédias sofisticadas como *The Women* (com todas as artistas do mundo do espectáculo), ou dramas de ir as lágrimas como *Stella Dallas*, com Barbara Stanwyck, ou os filmes de Ingrid Bergman. Mas não negligenciava de todo a minha educação política mesmo ‘no cinema’. Os meus pontos de vista sobre a revolução francesa foram agradavelmente confirmados por Leslie Howard e pela encantadora Merle Oberon no filme *The Scarlet Pimpernel*. Reconheci a ênfase que o meu pai dava à importância de defendermos os nossos ideais incorporado em James Stewart no filme *Mr. Smith Goes to Washington*. Regozije-me ao ver o comunismo soviético ser ridicularizado num tribunal quando Garbo, uma comissária soviética, foi seduzida por um chapéu de senhora em *Ninotchka*. E o meu entendimento da História não ficou de todo comprometido pelo facto de *William Pitt the Young* ter sido interpretado por Robert Donat e de, em *Marie Walewska*, Napoleão ser interpretado pelo grande sedutor francês Charles Boyer.

Reflectia frequentemente sobre o quão afortunada eu era por ter nascido em 1925 e não vinte anos antes. Até aos anos 30 era impossível a uma rapariga a viver numa pequena cidade de

província inglesa ter acesso a esta tão grande gama de talento, expressão dramática, emoções, *sex-appeal*, espectáculo e estilo. Para qualquer rapariga nascida 20 anos mais tarde estas dádivas eram já um lugar-comum, sendo, inevitavelmente, tomadas por certas. Grantham era uma cidade pequena, mas nas minhas idas ao cinema eu deambulava pelos mais fabulosos reinos da imaginação. Isso deu-me a determinação para mais tarde caminhar na realidade.

Para os meus pais a realidade que interessava era o aqui e o agora, e não a do romance. Contudo, não era aversão ao prazer o que justificava a sua atitude. Faziam uma distinção significativa entre o entretenimento de massas e o auto-entretenimento, distinção que continua a ser válida nos dias que correm, sendo as telenovelas e os concursos de televisão uma constante - talvez até de forma mais acentuada. Preferiam uma forma de entretenimento que nos suscitasse resposta a algo a outra que nos tornasse em espectadores passivos. Por vezes achava isto fastidioso mas também entendia o cerne da questão.

Quando a minha mãe, irmã e eu íamos de férias juntas, normalmente para Skegness, mantínhamo-nos activas, em vez de ficarmos paradas todo o dia a sonhar acordadas. Ficávamos hospedadas numa residencial, onde dispúnhamos de cozinha para prepararmos as nossas refeições, o que era muito mais barato do que um hotel, e a primeira coisa que fazia logo de manhã era ir com as outras crianças fazer exercícios físicos organizados nos jardins públicos. Havia muitas actividades em que nos podíamos ocupar e, claro, havia a praia, os baldes e as pás. À noite íamos aos espectáculos de variedades e ao teatro de revista, um tipo de entretenimento inocente à luz dos padrões de hoje, com comediantes, malabaristas, acrobatas, cantores à antiga, ventríloquos e a participação em massa do público quando cantávamos em conjunto *Guest Night*, o último sucesso de Henry Hall. Os meus pais consideravam estes espectáculos totalmente aceitáveis, o que por si só era revelador de como as atitudes tinham evoluído: nunca teríamos ido a um espectáculo de variedades enquanto a avó Stephenson, que viveu connosco até eu completar dez anos, fosse viva.

Isto pode dar a ideia de que a minha avó era uma pessoa muito austera, mas não, não o era. Pelo contrário, ela foi uma presença calorosa na minha vida e na da minha irmã. Vestida como as avós daquele tempo - com um vestido comprido preto de cetineta - ia até ao nosso quarto contar-nos histórias da sua juventude, nas noites quentes de verão. Contava-nos também histórias de arrepiar sobre lacraios que se entranhavam na pele e formavam carbúnculos. Passava imenso tempo connosco, no muito que tinha para dar. Quando faleceu aos 86 anos, deparei-me pela primeira vez com a morte. Tal como era costume nessa época, fui enviada para a casa de amigos até depois que o funeral se realizasse e que todos os seus

pertences tivessem sido embalados. Na verdade, a vida para uma criança é uma experiência feita dia-a-dia, e recuperei muito rapidamente. Mas ia com a minha mãe limpar a sua campa quando a loja só abria numa parte do dia. Não conheci nenhum dos meus avôs, pois faleceram ambos antes de eu nascer, e estive com a minha avó Roberts apenas duas vezes quando fui de férias para Ringstead, em Northamptonshire. Sendo menos imponente do que a minha avó Stephenson, ela era uma velha senhora pequena, irrequieta e activa que mantinha um bonito jardim. Lembro-me bem de que guardava maçãs Cox Orange numa divisão do piso superior de sua casa e de que a minha irmã e eu podíamos escolher as melhores.

O meu pai era um grande jogador de pataca, e também era fumador (o que lhe fazia muito mal pois tinha uns pulmões fracos). Exceptuando esta actividade, as suas actividades de lazer e de entretenimento sempre pareciam fundir-se com o dever. Na nossa casa não existiam bebidas alcoólicas até o meu pai se tornar presidente da câmara no final da guerra, e mesmo então apenas xerez e aguardente de cereja, que por razões algo misteriosas era uma bebida mais respeitável do que aguardente pura, para oferecer às nossas visitas. Anos de campanhas eleitorais também mais tarde me ensinaram que aguardente de cereja faz muito bem à garganta.

Tal como outros empresários em Grantham, o meu pai era Rotário, cujo lema ‘Dar de Si Antes de Pensar em Si’, estava gravado no seu coração. Discursava frequente e eloquentemente em reuniões ou eventos organizados pelo Clube de Rotários e os seus discursos eram publicados na íntegra nos jornais locais. O Clube de Rotários estava constantemente envolvido na angariação de fundos para as diferentes instituições de solidariedade social da vila. O meu pai estava envolvido em actividades similares, não só através da igreja como também na sua qualidade de autarca e de cidadão. Um dos eventos que eu mais apreciava era a festa de Natal das crianças da League of Pity (actualmente a Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra Crianças) à qual eu ia vestida com um dos vestidos maravilhosamente confeccionados pela minha mãe para angariar fundos para as crianças mais necessitadas.

Tirando a nossa casa e a igreja, a escola era, obviamente, outro dos centros da minha vida. Também aqui era afortunada. A Escola Primária Huntingtower Road era muito conceituada na vila. Os edifícios eram novos e os professores excelentes. Quando entrei para a escola já os meus pais me haviam ensinado a ler frases simples, e desde muito nova sempre gostei de aprender. Para mim, como provavelmente para todas as crianças, estes dias mantêm-se bem vivos na minha memória. Recordo um momento em que o meu coração quase parou quando

me pediram para soletrar W-R-A-P. Consegui acertar, mas pensei “para mim escolhem sempre as mais difíceis”. Mais tarde, nas aulas de Cultura Geral, deparei-me pela primeira vez com o mistério dos ‘provérbios’. Detinha já na altura um raciocínio lógico - talvez não tenha mudado muito neste aspecto - e ficava perplexa com o elemento metafórico de expressões como “Olha antes de saltar”. Em minha opinião, seria muito melhor dizer “Olha antes de atravessar” - um conselho bastante prático, dada a perigosa estrada que tinha de atravessar no meu caminho para a escola. E tal como outras crianças antes e depois, sublinhei de forma triunfante a contradição entre aquele provérbio e estoutro “Quem hesita perdido está”.

Estava no último ano da escola primária quando conheci a obra de Kipling, que faleceu nesse Janeiro de 1936. Fiquei imediatamente fascinada pelos seus poemas e histórias e pedia frequentemente aos meus pais um dos seus livros como prenda de natal. Os seus poemas, eles próprios admiravelmente acessíveis, permitiam às crianças aceder a um mundo mais vasto - ou melhor, a mundos mais vastos - do Império, do trabalho, da História inglesa e do reino animal. Kipling oferecia vislumbres das românticas possibilidades de vida fora de Grantham, tal como mais tarde aconteceria com os filmes de Hollywood. Mas nessa altura eu estaria provavelmente a ler mais do que os meus colegas de sala, sem dúvida influenciada pelo meu pai, e isso revelou-se em determinada ocasião. Ainda me lembro de ter escrito uma composição sobre Kipling e de me sentir indignada ao ser acusada de ter copiado a palavra “nostalgia” de um qualquer livro, quando eu a utilizava de forma bastante natural e sem dificuldade.

De Huntingtower Road passei para a Escola de Raparigas de Kesteven e Grantham. Era noutra parte da cidade, mas ia almoçar a casa pois ficava mais económico do que almoçar na escola, tendo, contudo, de percorrer a pé cerca de 6 quilómetros nas idas e vindas. O nosso uniforme era de cor azul acinzentado e azul-escuro e por isso chamavam-nos “as raparigas de azul”. (Quando a Escola de Camden, em Londres, foi evacuada para Grantham durante parte da guerra, as suas alunas eram conhecidas por “as raparigas de verde”). A directora, Miss Williams, uma senhora pequena, muito direita, de cabelos cinzentos, que abrira a escola em 1910, introduziu também algumas tradições, nomeadamente a obrigatoriedade da ciência doméstica, disciplina a frequentar durante quatro anos. A forma serena com que exercia a sua autoridade impunha-se já em toda a escola. Eu admirava muito os trajes especiais que Miss Williams usava em ocasiões solenes, tal como na festa anual da escola ou em entregas de prémios, quando aparecia com sedas belíssimas, delicadamente costuradas à medida, o que resultava numa elegância suprema. Contudo, era uma pessoa bastante prática. Aconselhava-

nos a nunca comprar seda de má qualidade, quando, com a mesma quantia de dinheiro, podíamos comprar algodão de muito boa qualidade. “Nunca desejem um casaco de peles de má qualidade quando um casaco de lã bem confeccionado pode ser uma compra melhor”. A regra era optar sempre pela qualidade dentro das nossas possibilidades.

Os meus professores eram genuinamente vocacionados para o ensino, sendo muito respeitados por toda a comunidade. A nossa escola era relativamente pequena - com cerca de 350 alunas – o que, dentro de determinados limites, nos dava a possibilidade de nos conhecermos umas às outras. As raparigas eram, na sua maioria, provenientes de famílias de classe média; mas isso abrangia um leque razoavelmente grande de profissões, na vila e no campo. A minha melhor amiga, por exemplo, viajava diariamente cerca de 32 quilómetros da sua aldeia rural, onde o seu pai era construtor. Por vezes, eu ficava na casa dela. Os seus pais, tão dedicados e empenhados na sua educação como os meus na minha, levavam-nos a dar longos passeios no campo para identificarmos as flores selvagens e as espécies de pássaros bem como o seu chilrear.

Tive uma professora de História particularmente inspiradora - Miss Harding - que me incutiu o gosto por esta disciplina, o qual, infelizmente, nunca desenvolvi de forma plena. Dei por mim a recordar-me do seu relato da campanha de Dardanelles muitos anos mais tarde quando na qualidade de Primeira-Ministra caminhei nos trágicos campos de batalha de Gallipoli.

Mas a maior influência na minha vida académica foi sem dúvida Miss Kay, professora de química, disciplina na qual decidi especializar-me. Numa escola só para raparigas não era invulgar uma rapariga dedicar-se à ciência, mesmo antes da guerra. O meu entusiasmo natural pela ciência era estimulado pelas notícias de avanços importantes que estavam a ocorrer - por exemplo, na divisão do átomo e as novas aplicações para o plástico. Era evidente que um novo mundo científico se estava a abrir, e eu queria fazer parte dele. Sabendo eu que tinha de ganhar o meu próprio sustento, esta parecia uma forma muito excitante de o fazer.

O meu pai saía da escola aos treze anos e estava por isso determinado a compensar esse facto, fazendo com que eu aproveitasse todas as oportunidades educacionais possíveis. Assistíamos ambos às ‘Extension Lectures’ da Universidade de Nottingham sobre assuntos da actualidade nacional e internacional, que eram proferidas em Grantham com regularidade. Após a palestra, havia sempre um animado período de perguntas e respostas no qual eu e muitos outros participávamos. Lembro-me, em particular, das questões de um militar da Royal Air Force, o Tenente-Coronel Millington, que mais tarde conseguiria vencer as

eleições em Chelmsford para o Common Wealth - um partido de esquerda de protesto da classe média - contra a coligação de Churchill em eleições intercalares já no final da guerra. Os meus pais acompanhavam de perto as minhas actividades escolares. Os trabalhos de casa tinham de ser sempre feitos, mesmo que tal implicasse fazê-los no domingo à noite. Durante a guerra, quando as raparigas de Camden foram evacuadas para Grantham, e teve de ser implementado um sistema de turnos para as aulas, foram necessárias mais horas de estudo ao fim-de-semana as quais eram religiosamente cumpridas. O meu pai, um ávido leitor porquanto autodidacta, discutia comigo o que líamos na escola. Em dada ocasião, apercebeu-se de que eu não conhecia a poesia de Walt Whitman e depressa resolveu essa situação. Whitman continua a ser um dos meus autores favoritos. Fui também encorajada a ler os clássicos – as irmãs Brönte, Jane Austen e, claro, Dickens. O livro *A Tale of Two Cities* de Dickens era o meu favorito pelo seu teor fortemente político. O meu pai também subscrevia o *Hibbert Journal*, uma revista de filosofia, a qual, apesar do esforço de compreensão que eu fazia, achava demasiado maçuda.

Para além da casa, a igreja e a escola constituíam a comunidade de Grantham propriamente dita. Tínhamos muito orgulho na nossa vila; conhecíamos a sua história e tradições e éramos muito felizes por fazer parte dela. Grantham foi estabelecida na época dos saxões, mas foram os invasores dinamarqueses que a tornaram num importante centro regional. No século doze, a Great North Road passou a atravessar a cidade, colocando Grantham literalmente no mapa. Os meios de comunicação sempre se constituíram como a força vital da vila. No século dezoito foi aberto o canal para o transporte de carvão e de gravilha para Grantham, e dela para outras partes o transporte de milho, malte e lã. Mas a verdadeira expansão começou com a chegada dos caminhos-de-ferro em 1850.

A estrutura mais imponente da cidade era, como já referi, o campanário da Igreja de S. Wulfram, que podia ser visto de todas as direcções. Mas para nós o símbolo mais emblemático e característico de Grantham era o GuildHall, esplêndido edifício victoriano, e, à sua frente, a estátua do filho mais famoso da terra, Sir Isaac Newton. Era a partir deste ponto, em St. Peter's Hill, que começava o cortejo do Remembrance Day em direcção a S. Wulfram, que eu observava da janela do salão de baile do GuildHall: em primeiro lugar, as bandas do Exército de Salvação e da locomotiva Ruston and Hornsby, o presidente, vereadores e membros da assembleia com as suas vestes e insígnias, seguidos pelos grupos mais jovens de escuteiras (Brownies), de escuteiros (Cubs), das organizações de juventude cristã (Boy's Brigades), pelos Escuteiros e Escuteiras, Maçons, Rotários, Câmara de Comércio, Sociedade Recreativa dos Trabalhadores, sindicatos, Legião Britânica, soldados,

aviadores, Cruz Vermelha, Organização de Assistência Social St. John's Ambulance e pelos representantes de todas as organizações que faziam o nosso passado tão rico a nível cívico.

Era também nos jardins de St. Peter's Hill que no feriado de 26 de Dezembro nos reuníamos para observar o encontro dos caçadores do clube Belvoir Hunt, trajando casacos cor-de-rosa e empunhando a tradicional bebida alcoólica, que aplaudíamos quando partiam.

O ano de 1935 foi verdadeiramente memorável e excepcional para a vila. Celebrámos o Jubileu de prata do Rei Jorge V e também o centenário de Grantham como município. Lord Brownlow foi eleito presidente nesse ano. Fazia parte da família Cust que, juntamente com a família Manner, (os Duques de Rutland) eram os mais notáveis patronos aristocráticos da vila. As ruas principais estavam decoradas com bandeirolas azuis e douradas - as nossas cores locais - competindo entre si, no cenário que montaram. Lembro-me que foi Vere Court, a rua onde residiam algumas das famílias mais pobres nas piores habitações, que mais bonita ficou. Todos se esforçaram. As bandas filarmónicas tocavam durante todo o dia, e a própria 'Carnival Band' de Grantham - uma inovação audaz importada dos Estados Unidos e apelidada de "The Grantham Gingerbreads" - muito contribuiu para a alegria das festividades. As escolas participaram num grande programa ao ar livre e marchámos em formação perfeita observadas de perto pela esposa do director do liceu masculino de modo a formar as letras G-R-A-N-T-H-A-M. Naturalmente, eu fazia parte do 'M'.

O meu pai foi autarca, Presidente do Conselho Municipal de Finanças, membro da Assembleia Municipal² e, entre 1945-46, Presidente da Câmara e isto fez com que eu soubesse muito sobre os assuntos da cidade e sobre quem neles estava envolvido. A política era entendida como um dever cívico e a filiação partidária era remetida para segundo plano. Os vereadores Trabalhistas que conhecíamos eram respeitados e amistosos e, independentemente das batalhas que travavam na Sala do Conselho ou em tempos de eleições, frequentavam a nossa loja sem qualquer espécie de azedume partidário. O meu pai entendia que a política tem limites - perspectiva que é muito rara entre políticos - sendo a sua visão política talvez melhor descrita como "liberal antiquada". Responsabilidade individual era a sua palavra de ordem e boa gestão financeira a sua paixão. A obra *On Liberty*, de John Stuart Mill, estava entre as suas favoritas. Tal como muitos outros homens de negócios, também ele ficara decepcionado pela aceitação do colectivismo por parte do Partido Liberal. Fazia parte da Assembleia como candidato independente. Naquela altura,

² Estes autarcas eram eleitos indirectamente, pelos membros directamente eleitos, por um período de tempo fixo. Era uma posição de grande prestígio que entretanto foi extinta.

antes da questão em torno das escolas públicas secundárias e antes do avanço das políticas Trabalhistas na administração local, o trabalho autárquico local era considerado como apartidário. Mas sempre me lembro dele como um Conservador convicto.

Ainda me recordo com grande pesar do dia em 1952 em que os Trabalhistas venceram as eleições autárquicas e decidiram votar a expulsão do meu pai enquanto autarca. Este acto foi prontamente condenado na altura pois colocava o partido acima da comunidade. Tampouco me posso esquecer da dignidade que o meu pai revelou. Após a votação, levantou-se e disse “Há quase nove anos que honradamente cumpro com o meu dever, e é também honradamente que o deixo”. Mais tarde, e após receber centenas de mensagens de apoio de amigos, de aliados e até de antigos adversários, emitiu um comunicado em que afirmava: “Apesar de ter sido vergado caí de pé. Estava satisfeito no meu cargo tal como estou satisfeito por ter saído.” Anos mais tarde, quando algo semelhante me aconteceu, muito tempo depois da morte do meu pai, tentei tomar como exemplo a forma como ele havia deixado a vida pública.

Mas isto é já antecipar. Na minha juventude, o interesse principal que o meu pai e eu mais partilhávamos talvez fosse o da sede de conhecimento sobre política e assuntos de natureza pública. Penso que estávamos mais bem informados do que muitas outras famílias. Líamos diariamente o jornal *Daily Telegraph* e todas as semanas o *The Methodist Recorder*, *Picture Post* e *John O’London’s Weekly*, e quando era mais pequena assinávamos o *The Children’s Newspaper*. Por vezes líamos o *The Times*.

E um dia o meu pai comprou o nosso primeiro aparelho de rádio - um Philips, daqueles que ainda hoje encontramos em alguns antiquários. Sabia da sua intenção e corri a maior parte do caminho para casa mal contendo a excitação. Não me decepcionei. O rádio mudou as nossas vidas. A partir desse momento, os horários das notícias, juntamente com os Rotários, a Igreja e a loja, marcavam o ritmo do nosso dia-a-dia. E não só as notícias. Durante a guerra, aos domingos, após as notícias das nove, era transmitido o programa *Postscript*, que era uma pequena palestra sobre um tópico, normalmente da responsabilidade de J.B. Prestley, que tinha o dom de disfarçar ideais de esquerda em filosofia sólida, exequível e caseira, e que por vezes contava com o jornalista americano Quentin Reynolds que ridicularizava Hitler tratando-o pelo nome de solteira de sua mãe, ‘Mr Schicklgruber’. Acompanhava também o *The Brains Trust*, um programa com a duração de uma hora sobre assuntos da actualidade feito por quatro intelectuais, dos quais o mais famoso era o Professor C.E.M. Joad, que respondia a qualquer questão sempre do mesmo modo “Bem isso depende do que entende por...”. À sexta-feira eram os comentários de personalidades como Norman Birkett na série

intitulada *Encounter*. Adorava a comédia *ITMA* com os seus úteis slogans e elenco de personagens como a sombria empregada doméstica “Mona Lott” e a sua tirada característica “Só o que me faz continuar é a minha natureza alegre”.

Tal como para muitas outras famílias, o imediatismo sem precedentes das emissões de rádio impunha especial atenção aos grandes eventos - especialmente aos do tempo de guerra. Lembro-me de estar sentada junto ao rádio com a minha família na Ceia de Natal e ouvir a transmissão da mensagem do Rei em 1939. Sabíamos o quanto deveria sofrer para disfarçar a voz embargada ainda para mais tratando-se de uma emissão em directo. Dei por mim a pensar o quão infeliz se devia ter sentido, sem poder aproveitar a sua Ceia de Natal, sabendo que teria de fazer a emissão. Recordo a sua voz pausada a recitar estas famosas linhas.

And I said to the man who stood at the gate of the year: ‘Give me a light that I may tread safely into the unknown.’

And he replied: ‘Go out into the darkness and put your Hand into the Hand of God. That shall be to you better than Light and safer than a known way.’³

Tinha quase catorze anos quando a guerra começou e já tinha idade e informação suficientes para entender as suas causas, bem como para seguir atentamente os grandes acontecimentos dos seis anos seguintes. Tinha, contudo, mais dificuldade em entender o que ia acontecendo no mundo da política durante os anos trinta. Mas certas coisas eu percebia bem. Os anos da Grande Depressão - a primeira mas não a última catástrofe económica resultante de más políticas monetárias - teve menos consequências em Grantham do que nas comunidades agrícolas circundantes, e obviamente menos ainda do que nas cidades do norte muito dependentes da indústria pesada. A maior parte das fábricas continuou a laborar, construindo a maior, a *Ruston and Hornsby*, locomotivas e máquinas a vapor. Foi até possível atrair novos investimentos, em parte devido ao empenhamento do meu pai. A *Aveling-Bradford* construiu uma fábrica para fazer rolos compressores e tractores. O negócio da família também estava seguro pois as pessoas tinham de comer e as nossas lojas eram bem geridas. A verdadeira distinção visível na vila era entre os chamados trabalhadores de colarinho branco e os restantes trabalhadores, sendo que os últimos se encontravam numa situação muito mais precária, pois tornara-se mais difícil encontrar trabalho. No caminho para a

³ de *God Knows*, por Minnie Louise Haskins.

escola passava pela longa fila de pessoas junto ao Centro de Emprego as quais procuravam trabalho ou pediam subsídio de desemprego. Tínhamos a sorte de nenhum dos nossos amigos mais próximos estar desempregado, mas conhecíamos pessoas que o estavam. Também sabíamos - e nunca de tal me esqueci - como as crianças de famílias desempregadas acabaram por se sair bem. Os seus pais estavam dispostos a fazer qualquer sacrifício por elas. O espírito de auto-confiança e de independência era muito forte mesmo entre as pessoas mais pobres das vilas da região East Midlands. Nunca abandonaram a comunidade, pois outros davam discretamente aquilo que podiam, e a comunidade permanecia unida. Olhando para trás, apercebo-me do lugar decente que Grantham era.

Não cresci, por isso, com o sentido de divisão e de conflito entre classes. Mesmo durante a grande Depressão havia muitas coisas que nos uniam. A monarquia era certamente uma delas. E a minha família como muitas outras sentia-se imensamente orgulhosa do Império Britânico. Sentíamos que ele tinha providenciado a lei, a ordem e um bom modelo de administração em terras que de outra forma nunca lhe teriam tido acesso. Tinha um fascínio romântico por estes países e continentes longínquos, bem como pelos benefícios que nós os britânicos lhes poderíamos oferecer. Em criança ouvi maravilhada o relato de um missionário Metodista sobre o seu trabalho na América Central com uma tribo de tal forma primitiva que nunca tinha sequer escrito a sua própria língua, até que ele mesmo se encarregou de o fazer. Mais tarde, ponderei seriamente integrar o funcionalismo público indiano, pois para mim o Império Indiano representava um dos grandes feitos britânicos. (Não tinha, contudo, qualquer interesse em me tornar funcionária pública na Grã-Bretanha). Quando falei nisso ao meu pai, ele disse de forma clarividente que quando chegasse a altura de ingressar já o funcionalismo público indiano provavelmente não existiria.

No que diz respeito à cena internacional, as memórias de quase todas as pessoas, incluindo a das crianças, sobre os anos trinta são profundamente influenciadas pelos acontecimentos posteriores. Era muito nova mas lembro-me do mal-estar que os meus pais sentiam perante a fraqueza da Liga das Nações e a sua incapacidade em ajudar a Abissínia quando foi invadida pela Itália em 1935. Desconfiávamos profundamente dos ditadores.

Nessa altura ainda não sabíamos muito sobre as ideologias comunista e fascista. Mas, ao contrário de muitos conservadores, o meu pai rejeitava fortemente o argumento, sustentado por alguns apoiantes de Franco, de que os regimes fascistas tinham de ser apoiados pois eram a única forma de derrotar os comunistas. O meu pai acreditava que uma sociedade livre era a melhor alternativa para ambas as ideologias. Também eu rapidamente acatei esta convicção. Muito antes do início da guerra, sabíamos o que achar de Hitler. Nas notícias passadas no

cinema, via com repúdio e incompreensão as paradas das envaidecidas Tropas de Assalto (brownshirts), espectáculo tão diferente da moderada auto-regulação que fazíamos da nossa vida cívica. Líamos também muita coisa sobre as barbaridades e os absurdos do regime Nazi. Mas tudo isto não significava que estávamos de alguma forma preparados para a guerra contra os ditadores, isso não passava de uma terrível probabilidade que deveria ser evitada se possível. No sótão de nossa casa havia uma arca cheia de revistas mostrando, entre muitas outras coisas, a famosa fotografia da Grande Guerra ilustrando a fileira de soldados britânicos que haviam cegado devido ao gás mostarda a dirigirem-se para o posto de primeiros socorros, cada um com a mão no ombro do soldado da frente a guiá-lo. Esperando pelo melhor, preparámo-nos para o pior. E logo em Setembro de 1938, aquando do Acordo de Munique, a minha mãe e eu comprámos vários metros de material isolante. O meu pai estava bastante envolvido na organização das precauções a ter contra os ataques aéreos. Como mais tarde ele diria, as PRA, protecções contra os raids aéreos eram um verdadeiro purgatório, pois consumia-lhe todo o tempo que teria para outras coisas.

Um dos mitos mais conhecidos dos anos trinta é o de que talvez fosse a Direita e não a Esquerda que mais entusiasticamente apoiava o apaziguamento. Posso afirmar, e não apenas da experiência própria de fazer parte de uma família vincadamente de direita, mas por me recordar claramente que o partido Trabalhista votou contra o recrutamento mesmo depois de os alemães terem marchado sobre Praga, que nunca tal consegui digerir. Mas mesmo assim é importante frisar que a atmosfera da época era de tal forma pacifista que as opções políticas práticas eram limitadas.

A escala do problema foi demonstrada nas eleições gerais de 1935 – disputa na qual iniciei as minhas actividades políticas com apenas dez anos de idade. Sabe-se já que éramos uma família fortemente politizada. E para além do sério sentido de dever que a caracterizava, a política era divertida. Era muito nova para fazer campanha pelo meu pai para as eleições autárquicas, mas fui destacada para dobrar os panfletos de cor vermelho vivo exaltando os méritos do candidato conservador Sir Victor Warrender. O vermelho pegava-se aos meus dedos pegajosos e alguém disse, “Aqui está o batom de Lady Warrender”. Não tinha qualquer dúvida sobre a importância do regresso de Sir Victor. No próprio dia das eleições tive a importante incumbência de me deslocar entre a sede dos Conservadores e o local de voto (a nossa escola) para informar sobre quem já tinha votado. O nosso candidato venceu, embora por uma pequena maioria de 16.000 para 6.000.

Na altura não entendia os argumentos sobre o rearmamento e a Liga das Nações, mas estas foram umas eleições muito renhidas, numa luta constante com os apoiantes do Peace Ballot e

com a guerra da Abissínia como pano de fundo. Mais tarde, já adolescente, costumava discutir acaloradamente com outros Conservadores sobre se de facto Baldwin era culpado, como muitos acreditavam, de ter enganado o eleitorado durante a campanha, ao omitir os perigos reais que o país enfrentava. Na verdade, se o Governo Nacional tivesse perdido as eleições, o rearmamento também não se teria feito mais rapidamente, e muito provavelmente o partido Trabalhista teria feito ainda menos. Nem a Liga das Nações poderia ter alguma vez evitado uma grande guerra.

Tínhamos sentimentos contraditórios sobre o Acordo de Munique de Setembro de 1938, tal como tantos outros que eram contra o apaziguamento. Naquela altura, era impossível não ser puxado para dois lados opostos. Por um lado, sabíamos muitas coisas sobre o regime de Hitler e sobre as suas mais que prováveis intenções - especialmente depois de sabermos que Hitler destruía os Rotários na Alemanha, o que o meu pai considerou como uma das maiores homenagens que eles poderiam ter recebido. Ficamos então a saber que os ditadores já não conseguiam tolerar os ‘pequenos pelotões de Burke’ - os corpos de voluntários que ajudavam a sociedade civil - bem como as liberdades individuais garantidas por lei. O Dr. Juach de origem germânica e provavelmente o melhor médico da vila, recebia imensas informações da Alemanha, que passava ao meu pai, que por sua vez as debatia comigo.

Tinha já a minha opinião sobre Hitler totalmente formada. Perto da nossa casa havia uma típica loja de ‘fish and chips’ onde me mandavam ir buscar o jantar de sexta-feira. As filas que lá se formavam eram um bom fórum de debate. Numa dessas ocasiões o tema era Hitler. Alguém opinou que ao menos Hitler tinha devolvido algum auto-respeito à Alemanha e que havia feito com que os comboios já saíssem a horas. Argumentei energicamente o contrário, para espanto e irritação dos mais velhos. A senhora da loja riu-se e disse: “ ah, ela está sempre a discutir”.

A minha família entendia de forma particularmente clara o tratamento brutal que Hitler infligia aos judeus. Na escola éramos encorajadas a ter amigos estrangeiros por correspondência. A minha era uma rapariga francesa chamada Colette, com quem, infelizmente, não continuei a manter contacto. Mas a minha irmã, Muriel, tinha uma correspondente judia austríaca de nome Edith. Após a anexação da Áustria (*Anschluss*) por Hitler em Março de 1938, o pai de Edith, um banqueiro, escreveu ao meu pai a perguntar se podíamos acolher a sua filha, pois previa os eventos que se seguiriam. Não tínhamos tempo – ocupado com a gestão das lojas – nem possibilidades económicas para assumirmos tal responsabilidade; mas o meu pai conseguiu o apoio dos Rotários de Grantham e a Edith veio e ficou a viver à vez com cada uma das nossas famílias até ir viver com familiares que tinha

na América do sul. Edith tinha dezassete anos, era linda, alta e bem vestida, sendo bem evidente que pertencia a uma família abastada, e falava bem inglês. Contou-nos como era ser Judeu num regime anti-semita. Um das coisas que nos contou ficou particularmente gravada na minha mente: os judeus eram obrigados a esfregar as ruas.

Queríamos ver a crueldade de Hitler ser travada, mesmo que para tal fosse necessária a guerra. Desse ponto de vista, Munique não era de todo motivo de orgulho. Sabíamos também que com o Acordo de Munique a Grã-Bretanha era cúmplice no grande mal que tinha sido feito à Checoslováquia. Quando cinquenta anos mais tarde visitei este país na qualidade de Primeira-Ministra dirigi-me à Assembleia Federal em Praga e disse: “Falhámos para convosco em 1938, quando uma desastrosa política de conciliação permitiu a Hitler acabar com a vossa independência. Churchill rapidamente repudiou o Acordo de Munique, mas ainda o recordamos com vergonha”. A política externa britânica atingiu o seu pior ponto, quando se envolveu na cedência do território de outro povo.

Mas também compreendíamos o lamentável estado de impreparação da Grã-Bretanha e da França para travar uma tão grande guerra, e durante a crise de Munique a guerra parecera a determinada altura tão inevitável que quando o acordo foi anunciado ficámos muito aliviados por não ter de lutar. Infelizmente, também houve casos de pessoas que se deixaram ludibriar pela propaganda alemã e que acreditavam que Hitler queria apenas defender os alemães sudetas contra a opressão checoslovaca. Se tivéssemos ido para a guerra naquela altura, também não teríamos tido o apoio de todas as Colónias. Foi o subsequente desmembramento alemão do que ainda restava da Checoslováquia em Março de 1939 que fez com que finalmente quase toda a gente se convencesse de que o apaziguamento havia sido um desastre e de que a guerra seria em breve necessária para pôr termo às ambições de Hitler. Mesmo então, como já referi, no mês seguinte o partido Trabalhista votou contra o recrutamento obrigatório. Em Grantham também havia um forte sentimento anti-guerra: muitos Metodistas opuseram-se à campanha oficial de recrutamento obrigatório de Maio de 1939 e na véspera de a guerra rebentar e mesmo depois disso acontecer os pacifistas realizavam comícios na vila.

De qualquer forma, a guerra cedo se abateria sobre nós. A Alemanha invadiu a Polónia a 1 de Setembro de 1939. Quando Hitler se recusou a retirar às 11 horas da manhã de domingo dia 3 de Setembro, em conformidade com o ultimato Britânico, estávamos junto ao rádio, ansiosos por notícias. Foi o único domingo da minha juventude de que me lembro não ter ido à igreja. As fatídicas palavras de Neville Chamberlain, transmitidas a partir do Gabinete Ministerial sito no No.10, anunciaram que estávamos em guerra.

Era natural que nos interrogássemos sobre como tínhamos chegado a tal situação. Todas as semanas o meu pai trazia dois livros da biblioteca, um de carácter mais ‘sério’ para ele (e para mim também) e um romance para a minha mãe. Assim sendo, dei por mim a ler livros que a maioria das raparigas da minha idade não leria. Por isso, não tardei a saber do que é que gostava - tudo o que dissesse respeito a política e assuntos internacionais. Li, por exemplo, *The Coming Struggle For Power*, de John Strachey, que fora publicado em 1932. O conteúdo desta análise comunista, que previa que o capitalismo em breve seria substituído pelo socialismo, parecia ser a muitos da minha geração excitante e novo.

Mas por instinto e por educação fui sempre Conservadora ‘de corpo e alma’. Independentemente de quantos livros de esquerda lesse ou das muitas opiniões de esquerda que ouvisse, nunca duvidei da minha lealdade política. Esta afirmação pode parecer antiquada mas corresponde à verdade. Tive muitos amigos na política que tiveram muitas dúvidas sobre as suas posições, mas apesar de obviamente ter levado muitos anos a compreender o fundamento filosófico das minhas preferências políticas, eu sempre soube no que acreditava. E nisto, reconheço agora, eu era provavelmente invulgar. Ao longo dos anos trinta e quarenta a Esquerda estabeleceu uma agenda política, apesar de o mandato de Churchill a ter ignorado durante os anos da guerra. Isto foi evidente em muitos dos livros que foram publicados na altura. A Esquerda havia cilindrado a Direita com a questão do apaziguamento, de forma mais evidente com os chamados “livros amarelos”, editados pelo Left Book Club, de Victor Gollancz. Um deles em particular teve um enorme impacto: *Guilty Men*, em co-autoria com Michael Foot, que surgiu com o pseudónimo “Cato” logo após a retirada de Dunkirk em 1940.

O best-seller *Guns or butter?*, de Robert Bruce Lockhart, surgiu no Outono de 1938 após Munique. As viagens do autor pela Europa levaram-no até à Áustria (que era agora controlada pelos Nazis após o *Anschluss*) e depois à própria Alemanha, na altura em que Hitler atingia o seu apogeu. Aqui, o editor de um jornal nacional da Alemanha ter-lhe-á dito que ‘a Alemanha queria paz, mas queria-a nos seus próprios termos’. O livro termina com Lockhart, desperto pela ‘batida em unísono de dois mil pés’, a observar da sua janela o amanhecer nublado em que ‘a Alemanha Nazi já estava a trabalhar’.

Uma variação mais original deste mesmo tema intitulava-se *Insanity Fair*, de Douglas Reed, obra que muito me impressionou. Reed assistiu à perseguição Nazi dos judeus a qual compaginava o avanço da influência Nazi. Descreveu o carácter e mentalidade dos líderes Nazis - que alternava entre perversa, desequilibrada e calculista. Analisou e denunciou a política de apaziguamento da Grã-Bretanha e da França que abriu o caminho para o sucesso

de Hitler. Escrito nas vésperas da anexação da Áustria, o livro tornou-se fortemente profético.

Out of the Night, de Jan Valtin, pseudónimo do comunista alemão Richard Krebs, foi emprestado ao meu pai pelo nosso futuro Deputado Denis Kendall. Era uma obra de tal modo forte que o meu pai proibiu-me de o ler - mas em vão. Quando ele saía para as reuniões tirava-o da estante onde estava escondido e lia o arrepiante relato do totalitarismo em acção. Não era, de facto, um livro adequado para uma rapariga de dezasseis anos, cheio de cenas de violência sádica cuja autenticidade as tornam ainda mais horríveis. A forma terrível como os Nazi tratavam as suas vítimas é sem dúvida o tema central. Mas subjacente a ele há um outro igualmente significativo: a descrição de como os comunistas cinicamente se aliaram aos Nazis de modo a subverter a frágil democracia da Alemanha através da violência no final dos anos vinte e início dos anos trinta. Aquela mesma aliança contra a democracia seria, claro, replicada no pacto Nazi-Soviético de 1939 a 1941 o qual destruiu a Polónia, os Estados Bálticos e a Finlândia e mergulhou o mundo na guerra. Este livro contribuiu decisivamente para a minha crescente convicção de que o Nazismo (nacional socialismo) e o Comunismo (internacional socialismo) eram duas faces de uma só moeda.

Um livro que me influenciou de forma especial foi *A Time for Greatness*, que apareceu em 1944, do escritor americano Herbert Agar. Apresentava uma análise invulgarmente forte de como o fracasso moral do Ocidente havia permitido a ascensão de Hitler e a guerra que se seguira. Incitava a um regresso aos valores democráticos liberais do Ocidente e, apesar de eu não apreciar particularmente essa parte, a uma quantidade razoável de engenharia social de Esquerda. Para mim, a mensagem mais importante no livro de Agar era a de que a luta contra Hitler assumia particular significado para a civilização e para o destino da Humanidade o qual ia muito para além do choque de interesses nacionais ou de esferas de influência ou de acesso a recursos ou de qualquer outra matéria - sem dúvida importante - relacionada com políticas de poder.

Agar também escreveu sobre a necessidade, como parte da regeneração moral advinda de uma guerra, de resolver aquilo que chamou “The Negro Problem”. Eu nunca sequer tinha ouvido falar de tal “problema”. Na verdade, embora já tivesse visto algumas pessoas de cor na minha visita a Londres, em Grantham não vivia praticamente ninguém de cor. Em certa ocasião, uns amigos nossos convidaram dois militares americanos estacionados em Grantham, um branco e um negro, e ficaram espantados ao detectar a tensão e até uma certa hostilidade entre eles. Também nós ficamos surpreendidos quando mais tarde os nossos

amigos isso nos contaram. Este tipo de preconceito não fazia parte da esfera da nossa experiência ou imaginação.

Tal como muitas outras jovens no decorrer da guerra, li o livro *Ronald Cartland*, de Barbara Cartland, sobre a vida do seu irmão, um jovem idealista Deputado Conservador, que sempre lutara contra o apaziguamento e que morreu em Dunkirk em 1940. Sendo este por vários motivos o seu livro mais romântico, era um impressionante testemunho dedicado a alguém que sem dúvida achava que a guerra era não só necessária como certa, e cuja maneira de pensar na sua curta vida foi sempre solidamente consonante, algo que eu sempre admirei. Mas a percepção de que a guerra tinha um significado moral que ajudava a suportar o medo e o sofrimento que a acompanhava – ou no caso da nossa família em Grantham a falta de interesse material e a ténue privação das matérias-primas - foi talvez mais bem transmitida por *The Last Enemy*, de Richard Hillary. O autor - um jovem piloto - retrata a luta que tinha ceifado a vida de tantos amigos seus, e que ceifaria a sua própria menos de um ano depois, como uma luta também travada no coração dos homens. Era uma luta por uma vida melhor, no sentido de simples decência.

A geração que, ao contrário de Richard Hillary, sobreviveu à guerra, sentia o desejo de ficar bem consigo própria, com o seu país e com o mundo. Tal como viria a aprender no contacto com os meus colegas de partido mais velhos, ninguém que lutara na guerra voltou a ser a mesma pessoas que era quando para lá foi. Talvez menos compreendida seja a forma como a guerra afectou profundamente, se bem que de forma menos intensa, pessoas como eu que, apesar de terem idade para perceber o que estava a acontecer no conflito, não fizeram parte do serviço activo. Os que crescem durante o tempo de guerra sempre se transformam numa geração de espírito mais sério. Mas todos nós observamos as grandes calamidades sob perspectivas diferentes, e por isso também o seu impacto em nós é diferente. A mim, por exemplo, nunca me pareceu, ao contrário de muitos outros, que a ‘lição’ a retirar da guerra era a de que o Estado deveria assumir a posição dianteira na vida nacional e a de convocar um esforço colectivo na paz bem como na guerra.

As ‘lições’ que retirei foram muito diferentes. A primeira foi a de que o tipo de vida que a população de Grantham levava antes da guerra era decente e salutar, e que os seus valores eram moldados pela comunidade mais do que pelo governo. Uma vez que um país culto, desenvolvido e Cristão como a Alemanha o era havia caído sob o jugo de Hitler, a segunda lição foi a de que a civilização não deveria nunca ser tomada por certa, tendo de ser constantemente alimentada, o que significava que pessoas de bem tinham de lutar pelas coisas em que acreditavam. A terceira foi a conclusão política óbvia de que foi a conciliação

com os ditadores que havia levado à guerra, e que havia sido originada por impulsos obstinados mas honestos, como o pacifismo dos Metodistas de Grantham, bem como por forças corruptas. Em qualquer situação de maior ou menor importância é fundamental que prevaleça o senso comum. E por fim tenho de admitir que detinha a convicção patriótica de que, havendo uma forte liderança, tal como a de Winston Churchill que testemunhei nas emissões de rádio, não havia quase nada que o povo Britânico não conseguisse realizar.

A nossa vida durante o período de guerra em Grantham - até que fui para Oxford em 1943 - deve de ter sido muito semelhante à de tantas outras famílias. Havia sempre trabalhos variados de voluntariado para fazer, nas cantinas militares ou noutra qualquer. Os nossos pensamentos estavam na frente de batalha; devorávamos avidamente qualquer notícia; e nós próprios, embora gratos por estarmos mais ou menos a salvo, sabíamos que não seríamos chamados a participar. Contudo, também sofremos vários bombardeamentos. No total foram vinte e um os ataques aéreos alemães sobre a vila, tendo perecido setenta e oito indivíduos. A fábrica de munições da cidade, a *British Manufacturing and Research Company* (B.M.A.R.Co. ou “British Marcs” como lhe chamávamos), que se havia instalado na cidade em 1938, era um alvo óbvio, tal como o era o cruzamento da Great North Road e a Linha Ferroviária do Norte, sendo que esta distava algumas centenas de metros de minha casa. O meu pai passava poucas noites em casa, pois ficava frequentemente de vigília a ataques aéreos. Durante os ataques aéreos procurávamos abrigo debaixo da mesa - como não tínhamos jardim não dispúnhamos de um abrigo no exterior - e esperávamos até ouvir o sinal de que tudo havia passado. Numa ocasião, ao voltar da escola com os meus amigos, e trazendo connosco as nossas máscaras de gás, alguém gritou que o avião que nos sobrevoava era alemão, pelo que corremos a procurar abrigo debaixo de uma grande árvore. Após um ataque aéreo à vila em Janeiro de 1941 perguntei ao meu pai se podia ir ver os estragos. Não me deixou. Morreram vinte e duas pessoas nesse ataque. Estávamos também bastante preocupados com a minha irmã Muriel, que trabalhava noite e dia no Hospital Ortopédico em Birmingham, cidade que foi, claro, muito bombardeada.

Grantham desempenhava, de facto, um papel mais dramático do que na altura eu tivera consciência. O Comando Bombardeiro - Grupo 5 estava estacionado em Grantham e foi numa grande casa em Harrowby Road que foram planificados a maior parte dos bombardeamentos aéreos sobre a Alemanha; a messe dos oficiais era em Elm House na Elmer Street, rua que eu percorria no caminho para a escola. A esquadra 617 da Royal Air Force, conhecida por ‘dambusters’, ou seja, destruidores de barragens levantavam voo perto de Grantham - o meu pai conheceu o seu comandante, o Líder de Esquadrilha Guy Gibson.

Sempre senti que o Bomber Harris,⁴ estacionado em Grantham no início da guerra não fora suficientemente homenageado. Recordo-me da carta que Winston Churchill lhe escreveu no fim da guerra:

“Durante dois anos o Bomber Command levou sozinho a guerra ao coração da Alemanha, dando esperança aos povos da Europa Ocupada e ao inimigo o sabor do poderio que se elevava contra ele...

Todas as suas operações foram planeadas com grande cuidado e perícia. Foram executadas perante a oposição desesperada e perigos terríveis. Contribuíram decisivamente para a derrota final da Alemanha. A condução destas operações demonstrou o forte espírito que animou as suas tripulações e o elevado sentido de dever de todas as patentes sob o seu comando. Acredito que os feitos alcançados pelo Bomber Command serão lembrados durante muito tempo como exemplo do dever nobremente executado.

Winston Churchill

Em Grantham, pelo menos, as actividades políticas não cessaram durante os anos de guerra. A invasão da União Soviética por Hitler em 1941 alterou abruptamente a atitude da Esquerda em relação à guerra e as vozes dos Pacifistas silenciaram-se repentinamente. Os grupos de amizade anglo-soviéticos pululavam. Comparecemos, ainda que com algum desconforto, em reuniões anglo-soviéticas realizadas nos Paços do Concelho. O que mais impacto teve sobre nós foram os relatos sobre o sofrimento e a bravura dos russos em Estalinegrado em 1942-43.

Apesar de agora se perceber que em 1941 – com o ataque de Hitler à Rússia em Junho e o bombardeamento dos japoneses a Pearl Harbour que levou a América a entrar na guerra em Dezembro - foram plantadas as sementes para a derrota final da Alemanha, as notícias eram normalmente más, especialmente no início de 1942. Tal situação terá certamente contribuído para o resultado das eleições intercalares em Grantham a 27 de Fevereiro de 1942, após Victor Warrender ter sido elevado à Câmara dos Lordes como Lord Bruntisfeld para se tornar porta-voz do Almirantado. A nossa vila teve a distinção dúbia de ser a primeira a rejeitar um candidato do Governo durante a guerra. Denis Kendall era o candidato Independente contra o nosso candidato Conservador, Sir Arthur Longmore. Kendal disputou as eleições com uma campanha populista muito eficaz na qual usou habilmente o seu cargo

⁴ N.T. Alcuinha do antigo chefe do Estado-Maior da Royal Air Force

de Administrador Geral da British Marcs para acentuar o tema da maximização da produção para o esforço de guerra sendo para tal necessário homens ‘práticos’ para a promover. Para nossa grande surpresa, venceu por 367 votos. Nesse momento e mais tarde o Partido Conversador deixou-se guiar pela complacência. Uma análise mais atenta do número limitado de eleições intercalares deveria ter-nos alertado para a possibilidade de aumento dos votos Socialistas que se materializou em 1945.

Ao contrário do que era habitual, participei muito pouco na campanha porque estava a preparar-me arduamente para os exames que esperava me levariam a entrar no Sommerville College, em Oxford. Passava as noites a estudar latim que era obrigatório no exame de entrada. Na nossa escola não se ensinava Latim, mas, por sorte, a nova directora, Miss Gilies, ela própria uma classicista, conseguiu que eu tivesse aulas com um professor da escola de rapazes, e emprestou-me os seus próprios livros, incluindo um manual escrito pelo seu pai. Este trabalho árduo ajudou-me a distrair das cada vez mais tristes notícias sobre a guerra. Em particular, dos duros golpes sofridos no Extremo Oriente - a perda da Malásia, o afundamento do Prince of Wales e do Repulse, a queda de Hong Kong e depois de Singapura, a retirada pela Birmânia, e a ameaça japonesa à Austrália. Uma noite na primavera de 1942 quando fora dar um passeio com o meu pai perguntei-lhe quando - e como - tudo isto acabaria. Respondeu muito calmamente: ‘Não sabemos como, nem sabemos quando; mas não há dúvida de que venceremos.’

Apesar de todos os meus esforços para entrar em Sommerville, não consegui a bolsa de estudos que pretendia. Não fiquei muito surpreendida, pois tinha apenas dezassete anos, mas foi uma desilusão. Sabia que se não fosse capaz de entrar em 1943, não poderia fazer mais do que uma ‘licenciatura de tempo de guerra’, de dois anos, antes de ser recrutada para o serviço nacional aos 20 anos. Mas não havia nada que pudesse fazer, por isso, no final de Agosto de 1943, entrei para o terceiro ano pós-secundário e tornei-me Professora Assistente. Depois, subitamente, chegou um telegrama oferecendo-me uma vaga em Sommerville em Outubro. Alguém havia desistido. E foi assim que de repente me deparei com a perspectiva excitante mas assustadora de deixar a minha casa, quase pela primeira vez, para entrar num mundo totalmente diferente.

Capítulo II

Trajes - Mulher

Oxford 1943 a 1947

Oxford não existe para agradar. Os caloiros chegam lá para o primeiro semestre na melancolia nebulosa de Outubro. A princípio os edifícios impressionam mais pelo tamanho do que pela requintada arquitectura. Tudo é frio e estranhamente proibitivo. Ou isso a mim me parecia.

Foi em Sommerville que realizara os exames de admissão a Oxford durante os dias gélidos de meados do Inverno. Mas vira muito pouco do meu futuro colégio e ainda menos da universidade como um todo, antes da minha chegada para iniciar o semestre, sentindo-me muito apreensiva e cheia de saudades de casa. Na verdade, Sommerville sempre apanha as pessoas de surpresa. Muitos transeuntes incautos mal dão pela sua presença, pois a coisa mais simpática a dizer sobre a sua estrutura exterior é que ela é despretensiosa. Mas o seu interior revela um esplêndido jardim verdejante para o qual dão muitas divisões. Vivi os dois primeiros anos no colégio, deslocando-me dos edifícios mais recentes para os mais antigos. Com o passar do tempo, uma fotografia ou duas, uma jarra e por fim um cadeirão trazido de Grantham fez com que as divisões se tornassem de alguma forma mais minhas. No meu terceiro e quarto anos partilhei casa com duas amigas em Walton Street.

Tanto Oxford como Sommerville foram bastante afectadas, ainda que de forma indirecta, pela guerra. Por qualquer razão, Oxford não foi bombardeada, apesar da existência de trabalhos motorizados em Cowlye, que se tinha tornado num centro para a reparação de aeronaves. Mas tal como acontecia por toda a parte, tanto a cidade como a universidade estavam sujeitas ao *blackout* ('ofuscamento' a partir de 1944) e às vicissitudes da guerra. Os vitrais foram tapados. Os grandes reservatórios de água – como o de Sommerville no claustro a Este da Woodstock Road - estavam prontos a ser utilizados em caso de incêndio. A maior parte das nossas refeições eram distribuídas no próprio colégio e era no *hall* que se dividiam as pouco variadas rações, embora em raras ocasiões fosse convidada para jantar fora. Havia algumas senhas para compotas e outras coisas. Um dos poucos benefícios para a minha saúde e para a minha linha que a austeridade impôs foi a de deixar de adoçar o meu chá – embora só muitos anos mais tarde tenha negado ao meu apetite por coisas doces o prazer de um café açucarado (não que tenha havido muito café durante algum tempo também). O uso de água quente era rigorosamente controlado. Por exemplo, a água do banho

não deveria de forma alguma exceder treze centímetros na banheira - fora inclusivamente pintada uma linha à altura certa – coisa que obviamente eu cumpria escrupulosamente, apesar de fazer parte de uma família em que a relação entre limpeza e Religiosidade não era considerada de ânimo leve. Não que nos queixássemos, pois afinal de contas éramos uns felizardos.

Para além disso, e apesar de não ser o primeiro membro da minha família a ir para a universidade - o meu primo tinha ido para Londres - eu fui a primeira Roberts a ir para Oxbridge e sabia que, apesar de não o demonstrarem, os meus pais se sentiam extremamente orgulhosos. Antes de ir para Oxford, não tinha uma ideia precisa de como seria esse local, ao contrário da maior parte dos meus contemporâneos. Mas considerava-a simplesmente a melhor, e se realmente queria ter sucesso na vida teria sempre de lutar pelo melhor. Não fazia sentido baixar os meus padrões. Por isso, excelente como era, particularmente na área das ciências, nunca me senti tentada a optar por Nottingham, a nossa universidade ‘local’, mesmo ficando muito mais perto de casa, da família e dos amigos. Outro aspecto de Oxford que me agradava, e ainda agrada, é o sistema colegial. Oxford está dividida em colégios, apesar de também ter instituições universitárias centrais tal como a Biblioteca Bodleian. Na minha época, a vida centrava-se no colégio (onde se comia e dormia e onde tinha muitas das minhas sessões tutoriais) bem como noutras instituições, como por exemplo a igreja e associações, que tinham uma vida mais ou menos própria. Enquanto cientista, a minha vida girava mais em torno das instituições e instalações da universidade, tal como os laboratórios de química, do que a dos estudantes de outras disciplinas. Contudo, a minha experiência enquanto universitária contribuiu para mais tarde cimentar a minha convicção de que pessoas só conseguem atingir a excelência quando são encorajadas a fazer parte de comunidades mais pequenas apoiadas nas relações humanas em vez de ficarem à deriva num mar de impessoalidade.

Talvez a forma mais óbvia de como as condições de guerra afectaram o ‘espírito’ da universidade tenha sido o facto de muitos de nós serem tão novos. Tínhamos apenas dezassete ou dezoito anos, e nessa idade um ano mais pode fazer uma grande diferença nas perspectivas e na maturidade. Mais tarde, a partir de 1944, o espírito de Oxford voltou a mudar, pois os mais velhos, que por motivos de guerra tiveram de sair, começaram a voltar das suas missões militares para terminar um curso de tempo de guerra encurtado ou para iniciar um novo curso completo. Tinham passado por muito mais do que qualquer um de nós. Em *The Scholars*, Kipling escreveu sobre os jovens oficiais da Marinha que voltaram para Cambridge após a Primeira Grande Guerra Mundial, para continuar os seus estudos:

Far have they steamed and much have they known, and most
would they fain forget;
But now they are come to their joyous own with all the world
in their debt.

Quando saí de Oxford relacionava-me com amigos e colegas que tinham visto muito mais do mundo do que eu. E beneficiei muito do facto de Oxford ser, no final da guerra, um local de confluência de tantas experiências e visões diferentes.

No início mantive-me muito reservada, pois sentia-me tímida e pouco à vontade neste novo ambiente. Tal como em Grantham, continuei a dar longos passeios, em redor do Christ Church Meadow, pelos parques da universidade e ao longo dos rios Cherwell e Tamisa, gozando da minha própria companhia e pensamentos. Mas pouco depois comecei a apreciar a vida de Oxford. Os primeiros anos que lá passei coincidiram com o final da guerra, pelo que não será de estranhar que os meus pequenos prazeres fossem os Não-Conformistas que trouxera de Grantham. Pertencia a um Grupo de Estudo Metodista que realizava e participava em chás de final de tarde. A minha mãe enviava-me bolos e na manhã de sábado juntava-me à fila frente à ‘fábrica de bolos’ na zona norte de Oxford durante cerca de uma hora para comprar o acompanhamento para o chá de domingo. Fiz também parte do Coro Bach, regido por Sir Thomas Armstrong (que era pai de Robert Armstrong), cujo repertório era bem mais vasto do que o seu nome sugeria. Recordo de forma especial a nossa interpretação da *Paixão de S. Mateus* no Teatro Sheldonian, que Wren terá projectado para este propósito. Cantámos também *Prince Igor*, *Rio Grande*, de Constant Lambert, e *Hymn of Jesus*, de Holst. Por vezes ia mais para ouvir do que para cantar: ouvi Kathleen Ferrier em *Dream of Gerontius*, de Elgar.

Com o final da guerra e o regresso dos militares, as actividades de lazer aumentaram. As competições de remo Eights Week foram reactivadas e eu descia até ao rio para ver as corridas. Foi por esta altura que fui pela primeira vez a bailes e ocasionalmente bebia um pouco de vinho (havia apenas já provado xerez e não gostei; e continuo a não gostar). Fumei os meus primeiros cigarros. Não apreciei a experiência, embora soubesse que se insistisse acabaria por gostar. Decidi não continuar a fazê-lo e optei por poupar esse dinheiro para comprar o *The Times* todos os dias. Fui pela primeira vez a um baile de fim de semestre e, tal como a rapariga da canção, dancei toda a noite. Vi Chekhov e Shakespeare nos teatros Palyhouse e New Theatre. (Foi nesta altura que começaram a ser interpretadas as primeiras

peças de Christopher Fry). Vi uma excelente produção da Sociedade de Arte Dramática de Oxford, desempenhada no jardim da universidade e que tinha como estrela Kenneth Tynan, o mais recente *dandy* de Oxford. Não me consigo recordar da peça, em parte porque foi sempre difícil distinguir o Ken Tynan do palco do Ken Tynan do dia-a-dia.

Eu poderia ter tido uma vida mais excitante em Oxford, mas tinha pouco dinheiro para gastar e teria sido muito difícil ficar em Oxford se não fossem as modestas bolsas que me foram atribuídas, com a ajuda da minha sempre prestável tutora, a química Dorothy Hodgkin. Tive também a ajuda de alguns fundos educacionais. Teria conseguido aumentar os meus rendimentos se estivesse preparada para dar aulas. Mas eu não tinha tal vocação. E acreditava, tal como ainda acredito, que para se ser professor é necessário ter vocação, algo que nem todas as pessoas têm. De facto, dei aulas de ciências durante as férias de Verão de 1944 numa escola em Grantham, o que me permitiu juntar dinheiro para uma bicicleta, veículo que era considerado um luxo em Grantham, mas que em Oxford era quase um bem de primeira necessidade. Paris foi libertada neste mesmo período. A directora da escola reuniu toda a escola, anunciou que Paris era livre de novo e contou-nos como os membros da Resistência haviam ajudado os Aliados ao insurgirem-se contra os invasores alemães. Foi um momento esfusante. Sem dúvida que a guerra estava a ser ganha. Senti-me de algum modo menos culpada por não ter sido capaz de desempenhar um papel mais activo; e partilhei a alegria do povo britânico por a Resistência francesa ter restaurado a honra e o orgulho francês. É possível que tivéssemos uma visão exagerada da universalidade da resistência - contávamos uns aos outros histórias de como os clientes de um determinado café, ao notarem a entrada de um soldado alemão, tocavam com os seus copos na mesa imitando os toques do código de Morse para o 'V de Vitoria' - mas nunca duvidámos que os verdadeiros franceses queriam ser livres.

Eu trabalhava intensamente. A Universidade tinha a sorte de poder contar com a cientista brilhante e dotada professora Dorothy Hodgkin, que trabalhava na aérea relativamente recente da cristalografia de raios- X. A professora Hodgkin era Membro da Royal Society e mais tarde deu um contributo decisivo para a descoberta da estrutura da penicilina, o primeiro antibiótico - trabalho pelo qual ganhou o Prémio Nobel em 1964. (Foi no Radcliffe Infirmary, mesmo ao lado de Sommerville, que a penicilina fora descoberta e pela primeira vez submetida a ensaios, dois anos antes de eu ir para Oxford). No meu quarto e último ano (1946/1947) trabalhei com um cientista alemão refugiado, Gerhard Schmidt, sob a direcção de Dorothy Hodgkin, na proteína simples Gramicidina B, como investigadora num projecto que era exigido para completar a Parte II do meu curso de Química. Através do Clube

Cosmos e do Clube Científico conheci outros jovens cientistas e tive a oportunidade de ouvir muitos cientistas de renome como J.D.Bernal. Era um homem marcadamente de Esquerda, tal como muitos cientistas da época. Mas nunca lhes passaria pela cabeça trazer a política para as relações profissionais que mantinham com os seus alunos.

A religião continuava a desempenhar um papel preponderante na minha vida em Oxford. Conta-se muitas vezes que os jovens ao entrarem na universidade, seja por entrarem em contacto com o ceticismo ou por qualquer outra razão, perdem a sua fé. Mas em situação alguma eu perdi a minha. O Metodismo oferecia-me uma âncora de estabilidade, e, claro, contactos e amigos que viam o mundo da mesma forma que eu. Frequentava regularmente a Wesley Memorial Church aos domingos. Tal como em Grantham, havia uma vida social calorosa e sóbria, mas ao mesmo tempo alegre, que foi muito valiosa na minha adaptação ao ambiente que inicialmente me pareceu estranho. A igreja tinha uma enérgica Confraria de Estudantes. Após a missa de domingo à tarde reuníamos-nos normalmente para tomar café na casa do padre, onde havia debates estimulantes sobre religião e outros assuntos. Por vezes frequentava a Igreja Universitária St Mary the Virgin para ouvir algum sermão universitário de particular interesse, apesar dessa igreja apresentar uma certa formalidade ‘oficial’ que a torna de algum modo num local frio de culto. Ia também ocasionalmente à capela do colégio, especialmente quando sabia que Miss Helen Darbishire, que era Directora e reputada estudiosa de Milton e Wordsworth quando fui pela primeira vez para Sommerville, lá pregava.

De uma forma geral, contudo, não frequentava igrejas Anglicanas. Mas por estranho que pareça - ou talvez não, tendo em conta o grande impacto que ele causou em tantos da minha geração - quem teve o maior impacto na minha formação intelectual religiosa foi o escritor Anglicano de inspiração Católica C.S.Lewis. O poder das suas emissões radiofónicas, sermões e ensaios advinha da junção de uma linguagem simples com profundidade teológica. Quem mais conseguiu representar com mais humor e de forma mais convincente o modo como o Mal se apoia na fraqueza humana como ele o fez em *The Screwtape Letters*? Quem mais conseguiu tornar mais acessíveis os conceitos profundos do Direito Natural apresentados na obra *The Abolition of Man* e nas passagens iniciais de *Mere Christianity*? Lembro-me claramente do impacto que *Christian Behaviour* teve em mim (re-editado mais tarde em *Mere Christianity*, se bem que originalmente tenha surgido na forma de palestras radiofónicas). Isto ia directamente ao cerne da enorme disparidade entre o modo como nós os Cristãos nos comportávamos e os ideais que professávamos. Uma das mensagens de C.S.Lewis era que os padrões do Cristianismo não se aplicavam somente aos santos. Dizia:

O comportamento perfeito pode ser tão inatingível quanto a mudança perfeita quando conduzimos; mas é um ideal necessário prescrito a todos os indivíduos pela própria natureza da máquina humana tal como a mudança perfeita é um ideal prescrito a todos os condutores pela própria natureza dos automóveis.

Também muito me ajudou o que escreveu sobre a aplicação do sublime princípio da caridade Cristã que parece ser de tão difícil realização à maior parte de nós. Nem por um momento Lewis contestou ou diminui o princípio; mas esclareceu o que a caridade *não* é.

... o que significa amar o próximo como a si próprio? Tenho de o amar como me amo a mim. Bem, mas como é que eu me amo a mim próprio? Agora que penso nisto, não tenho sentimentos de carinho e de afecto por mim próprio, e nem sempre gosto da minha própria sociedade. Então, aparentemente ‘Ama o próximo’ não significa ‘gostar dele’ ou ‘achá-lo atractivo’... Consigo olhar para algumas coisas que fiz com horror e repugnância. Então, poderei odiar e repudiar algumas das coisas que os meus inimigos fazem... Consequentemente, o Cristianismo não quer que reduzamos a um átomo o ódio que sentimos pela crueldade e pela traição... Mesmo quando punimos e matamos devemos tentar ter os mesmos sentimentos pelo inimigo que temos por nós próprios – desejar que não tivesse sido mau, esperar que seja curado, neste ou em outro mundo; na verdade desejar-lhe o bem.

Obviamente que tais palavras eram particularmente acutilantes na altura.

O principal contributo que um estudante pode dar ao seu país, em tempo de guerra ou de paz, é estudar bastante e de forma eficaz, em vez de passar o dia a sonhar acordado sobre tudo o mais que poderia estar a fazer. Mas também todos tentámos fazer algo de uma forma mais directa. No que me diz respeito, trabalhava uma ou duas noites por semana na cantina militar em Carfax. Entre os principais clientes contavam-se soldados britânicos e aviadores americanos que vinham das bases vizinhas estacionadas em Upper Heyford. Era um trabalho quente, peganhento e muito duro para os pés, mas, a bem da verdade, era também divertido, em boa companhia e com muito humor.

As notícias sobre os desembarques do Dia-D, em Julho de 1944, causaram, contudo, apreensão e ansiedade. A luta mortal naquelas praias expostas, levada a cabo por tantos homens da minha idade, deixava-nos profundamente preocupados. Foi provavelmente a única vez que me questioneei se estar em Oxford era a opção correcta.

Estávamos, de facto, a um ano do fim da guerra na Europa. A batalha de Bulge e a tragédia de Arnhem estavam ainda para acontecer. Mas aos poucos enfatizava-se a preparação para a paz. E de entre as actividades de paz, a que começou a tomar muito do meu tempo foi a política.

Assim que cheguei a Oxford tornei-me membro da Oxford University Conservative Association (OUCA), que fora fundada nos anos 20 por um professor da Christ Church, Keith Feiling, historiador do Partido Conservador e mais tarde biógrafo de Neville Chamberlain. Apesar do acordo nacional em suspender as eleições partidárias durante a guerra, tal não tinha implicações directas sobre as actividades políticas na universidade. Na prática, a vida política em Oxford estava bem mais calma do que estivera durante a década de 30. Contudo, as actividades da OUCA tornaram-se rapidamente o foco da minha vida. Nesta época a Oxford Union não admitia membros do sexo feminino, mas por vezes assistia aos debates que promovia com oradores conhecidos que tanto debatiam assuntos da mais alta importância como temas incrivelmente triviais. Mas eu jamais sobressairia naquele fantástico género de pergunta e resposta rápida que a Union parecia encorajar. Preferia o estilo mais sério e forense dos debates e dos palanques da OUCA. Esta associação permitia também uma maior rede de contactos e até mesmo de amizades. Era, na verdade, um fórum eficaz para se encontrar a cara-metade, tal como vários colegas meus o demonstraram.

A vida política em Oxford era uma incubadora de talento. Fiz amigos nos meandros da política universitária que, tal como nos romances de Anthony Powell, continuaram a reaparecer na minha vida ao longo do tempo. Um dos mais próximos era Edward Boyle que, apesar de se movimentar com facilidade no sofisticado mundo social e político do qual eu só tinha um vislumbre, partilhava comigo um interesse sério pela política. Nessa altura, Edward, o culto e abastado filho de um Deputado liberal, era ele próprio um liberal clássico cujos pontos de vista iam de encontro ao meu conservadorismo de classe média provinciana. Embora mais tarde tivéssemos vindo a divergir nos nossos pontos de vista políticos, continuámos bons amigos até à sua morte prematura causada por um cancro.

No meu último ano conheci William Rees-Mogg, distinto editor do *The Times* desde muito novo. Nunca fui tão próxima de William como fui de Edward, mas via-se que havia algo de extraordinário por detrás da sua atitude algo formal e que estava destinado a algo maior.

Robert Day era um proeminente Liberal. À semelhança de Edward, era uma das grandes figuras da Oxford Union, e encontrámo-nos mais tarde como advogados nas mesmas barras do tribunal. Por vezes, interrogávamo-nos sobre que carreiras seriam adequadas aos brilhantes talentos da Union, até que Robert Day inventou uma nova, ao ser pioneiro em

entrevistas televisivas - o que fez com que os nossos caminhos e lutas se tivessem cruzado com frequência.

Uma outra estrela era Tony Benn, que na época ainda mencionava o seu nome completo complementado pelo título: Hon. Anthony Wedgwood Benn. Raramente concordei com ele qualquer que fosse o assunto, mas foi sempre um orador cortês e eficiente, um patriota inglês, e como o tempo fez com que o socialismo parecesse cada vez mais uma coisa do passado, até mesmo uma figura tradicional. Talvez a simpatia que nos unia se baseasse nas raízes religiosas que partilhávamos. Quando Tony se tornou presidente da Union, fui convidada para uma comemoração em que compareceu o seu pai, o Visconde Stansgate, na qual, em conformidade com os princípios Não-Conformistas de Tony, não foram oferecidas bebidas alcoólicas.

Kenneth Harris era também outro dos principais oradores, que, com Edward Boyle e Tony Benn, passou vários meses em digressão realizando debates nos Estados Unidos. Viria a fazer uma carreira notável na área do jornalismo político. Voltámo-nos a encontrar muitas vezes, nomeadamente quando escreveu a minha biografia.

Como colaboradora na OUCA, estava naturalmente preocupada com a campanha eleitoral de 1945. Em Oxford estive ocupada a fazer campanha pelo Deputado da cidade Quintin Hogg até ao final do semestre, altura em que regresssei a Grantham para trabalhar para o Comandante de Esquadilha Worth na sua tentativa de vencer o Deputado Independente Denis Kendall.

Em retrospectiva, todos deveríamos saber o que esperar. Por algum motivo até hoje inexplicável, as guerras sempre parecem fomentar o controlo do estado, bem como o dos seus apoiantes. Depois de casarmos, o meu marido Dennis explicou-me o seu ponto de vista: no serviço militar juntavam-se pessoas oriundas de mundos completamente diferentes de uma forma como nunca antes acontecera, o que resultava num aguçado despertar de consciência social bem como na exigência de que o estado interviesse e melhorasse as condições de vida. Mas, de qualquer forma, os Conservadores tinham tido maus resultados nos poucos actos eleitorais realizados durante a guerra, e a tendência geral era mesmo a de uma queda nas intenções de voto entre os Conservadores. Na altura ninguém dava muita importância às sondagens, mas elas também indicavam isso mesmo. Como referi, depois de Dunkirk a Esquerda retratava eficazmente os Conservadores como os únicos responsáveis pelo apaziguamento, e conseguia, de forma hábil, distanciar Churchill do partido que ele próprio liderava. Nem as pessoas tampouco se lembravam de que os Trabalhistas se haviam até oposto ao rearmamento limitado levado a cabo por Baldwin e Chamberlain.

Mas também outras influências estavam em curso. A austeridade económica imposta pela guerra fez com que muitas pessoas se habituassem a uma mentalidade essencialmente socialista. Nas Forças Armadas sabia-se que os intelectuais de esquerda haviam exercido uma forte influência através do Army Education Corps, que, tal como Nigel Birch observou, era “O único regimento com eleições gerais entre as suas honras de batalha”. A nível interno, radialistas como J.B Priestley abrilhantavam, ainda que de forma idealista, o progresso social numa perspectiva de esquerda. É também verdade que os Conservadores liderados por Churchill estavam de tal forma preocupados com os imperativos urgentes da guerra que grande parte da política interna, e em particular da realização da agenda para a paz, caiu nas mãos dos Socialistas no Governo de Coligação. O próprio Churchill gostaria de ter mantido o governo até que o Japão tivesse sido derrotado e talvez até por mais tempo, à luz da ameaça crescente provinda da União Soviética. Mas o partido Trabalhista tinha outros planos e pretendia, compreensivelmente, cumprir com a sua herança colectivista.

Por isso, em 1945, nós os Conservadores deparámo-nos com dois problemas que, tal como o tempo havia de provar, eram insuperáveis. Em primeiro lugar, lutávamos no campo do Partido Trabalhista e eles conseguiam sempre ultrapassar-nos. Churchill falava já há dois anos sobre a ‘reconstrução’ pós-guerra, e fazendo parte daquele programa a Lei de Educação de Rab Butler constava no Statue Book⁵. Acresce que o nosso manifesto nos comprometia não só com a política do ‘emprego para todos’ do Livro Branco sobre o Emprego, de 1944, com um programa de reconstrução habitacional, bem como com a maior parte das propostas para os benefícios da Segurança Social empreendidas pelo grande reformador Liberal social Lord Beveridge e também com um Serviço Nacional de Saúde mais abrangente. Além de tudo isto, éramos incapazes de tomar para nós os louros da vitória na guerra (o que era em qualquer dos casos de facto um crédito atribuível ao partido Conservador), quanto mais castigar o Partido Trabalhista pela sua irresponsabilidade e extremismo, porque Attlee e os seus colegas trabalharam no governo lado a lado com os Conservadores desde 1940. De qualquer forma, o esforço de guerra tinha envolvido toda a população.

Recordo-me perfeitamente de estar sentada na sala de alunos em Sommerville a ouvir a famosa (ou notória) emissão eleitoral de Churchill, em que afirmava que para se implementar o socialismo seria necessário ‘uma espécie de Gestapo’, e de pensar para mim própria ‘Ele foi longe demais’. Por mais logicamente verosímil que fosse a ligação entre socialismo e

⁵ N.T. Equivalente ao Diário da República

coerção, nas circunstâncias actuais de então esta linha de ataque não seria credível. Por ter estado numa reunião eleitoral em Oxford em que se defendia o mesmo argumento, sabia que a resposta a seria: "Quem governou o país enquanto o senhor Churchill esteve fora? O senhor Attle. E esta era, em minha opinião, a reacção do momento.

Em Grantham, eu era uma das oradoras que davam início aos comícios locais do candidato Conservador. Nessa época, muitas mais pessoas compareciam aos comícios do que hoje em dia o fazem, e esperavam não sair defraudadas. Era frequente discursar em meia dúzia de comícios por noite. Ao fazer a retrospectiva dos meus discursos, através das notícias dos jornais locais, há muito pouco com o que discordo hoje. A Alemanha deveria ser desmilitarizada e apresentada à justiça. Devia existir cooperação entre a América e (talvez de forma menos realista) a União Soviética. O Império Britânico, que compreende a mais importante comunidade de povos que o mundo jamais conheceu, não poderia nunca ser desmembrado. (Talvez mais um ponto de vista pouco realista - se bem que a minha visão sobre o futuro imperial da Grã-Bretanha fosse comum na euforia da vitória na guerra). A principal razão que apresentava para votar nos Conservadores era que deste modo manteríamos Winston Churchill responsável pela política externa. E talvez se Churchill tivesse sido capaz de levar a cabo a Conferência de Potsdam em Julho de 1945, o pós-guerra poderia ter sido pelo menos um pouco diferente.

Como muitos outros membros da OUCA, tive aulas sobre como falar em público com Mrs Stella Gatehouse, do Gabinete Central dos Conservadores. Ela dava ênfase à simplicidade e clareza de expressão, evitando sempre que possível o jargão. O que acontecia era que nos comícios nunca sabíamos por quanto tempo teríamos de falar antes de o candidato chegar e, por isso, teria sido muito útil recorrer a alguma retórica. Mas para mim, o mais importante era a experiência de ter de raciocinar no momento quando respondia as questões de uma audiência bem-humorada mas também crítica. Lembro-me de um ponto apresentado por um idoso num desses comícios que teve um efeito duradouro na minha opinião sobre o serviço de assistência social: 'Como poupei algum dinheiro por minha conta, a 'Assistência' não me ajudará. Mas se eu o gastar todo, aí sim, já me auxiliarão.' Este foi um dos primeiros avisos das duras opções que o novo Estado Social imporia aos políticos.

Três semanas após o dia das eleições, já recebidos os votos ultramarinos e os dos militares, fui até ao local da contagem em Sleaford. Enquanto esperávamos pelos resultados de Grantham, chegavam notícias do que estava a acontecer um pouco por todo o país. As notícias eram más, e pioravam - estávamos perante uma vitória esmagadora dos Trabalhistas com os ministros Conservadores a cair um após outro. E o nosso candidato acabou também

por perder. Fiquei chocada e preocupada. Voltei para Grantham para acompanhar os restantes resultados no écran do cinema Picture House. O panorama não se alterou. Não conseguia entender como é que o eleitorado podia fazer isto a Churchill. Ao voltar para casa encontrei um amigo, alguém que sempre pensei ser um Conservador convicto, e confessei o quanto estava chocada com aquelas notícias terríveis. Ele, contudo, não se mostrou de todo chocado, afirmando, até, que as notícias eram bastante boas. A minha incompreensão aumentava. Senti nessa altura que a atitude do eleitorado britânico para com o homem que mais do que ninguém lhes assegurou a liberdade era vergonhosa. Mas não foi Edmund Burke que afirmou: ‘Uma democracia perfeita é a coisa mais vergonhosa do mundo’? Em retrospectiva, a eleição do Governo Trabalhista de 1945-51 parecia ser corolário lógico do espírito colectivista que dominou a Grã-Bretanha no período de guerra. Foram necessários cerca de 35 anos para que este conceito de colectivismo se esvaziasse, não sem antes ter moldado e distorcido a sociedade britânica no processo, até entrar em colapso no Inverno do Descontentamento de 1979.

Tornou-se então óbvio para todos que era fundamental fazer uma reavaliação dos princípios e políticas dos Conservadores. Sentíamos isto em Oxford e em todo o lado. Tal reavaliação foi subjacente à preparação de um relatório da Sub-Comissão para a Política da OUCA, do qual fui co-autora juntamente com Michael Kinchin-Smith e Stanley Moss no primeiro semestre de 1945. O relatório não compreendia pontos de vista mais aprofundados dos de outros constantes em qualquer outro trabalho académico dos Conservadores. E dos seus dois temas – mais política de investigação e melhor apresentação - desde então ouvimos falar muito frequentemente.

Poderá ter havido algum mérito nesta recomendação. Talvez o maior problema relativamente ao que hoje chamaríamos de ‘imagem’ do Partido Conservador era o de que parecia termos perdido o nosso rumo e, na medida em que as nossas políticas eram efectivamente coerentes, elas mais pareciam ter sido criadas para os mais abastados do que para o cidadão comum. Tal como o nosso relatório afirmava: “A política dos Conservadores é tida aos olhos do público como pouco mais do que uma série de soluções administrativas para problemas específicos, correlacionadas em certas áreas por determinados preconceitos irracionais bem como por interesses egoístas das classes endinheiradas.” Esta acusação era, obviamente, injusta. Se os Conservadores tivessem vencido em 1945, ainda teríamos tido um Estado Social - certamente com menor despesa pública e também mais aberto à iniciativa privada e ao voluntariado. Mas a crença de que o Conservadorismo era simplesmente isso - mantendo

os interesses do *status quo* em detrimento da mudança e das reformas - estava demasiado enraizada nesta altura.

Em Março de 1946 tornei-me Tesoureira da OUCA e no final desse mês compareci como representante de Oxford na conferência da Federation of University Conservative and Unionist Associations (FUCUA) realizada no hotel Waldorf em Londres. Foi a minha primeira participação em tal conferência e foi uma experiência muitíssimo boa. Quando me foi dada a palavra, argumentei em defesa de um maior envolvimento dos cidadãos oriundos da classe trabalhadora na política Conservadora universitária. Sentia que era necessário afastar a noção de que o Conservadorismo era frívolo e emproado. Não que advogasse uma sociedade sem classes, tal como os socialistas afirmavam querer, mas sim porque não via a classe como aspecto importante. Todos tínhamos algo único a oferecer na vida e a nossa responsabilidade era a de desenvolver esses dons - e os heróis provêm de todos os quadrantes. Tal como o disse na conferência da FUCUA: ‘Todos nós já ouvimos que esta é a era do cidadão comum, mas não nos esqueçamos de que também precisamos de cidadãos incomuns.’ Ou, suponho que poderia ter acrescentado, ‘cidadã’.

Em Outubro de 1946 fui eleita presidente da OUCA - a terceira mulher a ocupar tal cargo. Tinha feito os meus exames finais no Verão e iniciava agora o meu projecto de pesquisa que era parte integrante do quarto e último ano do curso de Química, tendo, por isso, um pouco mais de tempo para dedicar à política. Particpei, por exemplo, na minha primeira Conferência do Partido Conservador, realizada esse ano em Blackpool e fiquei completamente fascinada. Acontecia com frequência sentir-me deslocada por ser Conservadora, tanto em Grantham como em Oxford. Agora subitamente encontrava-me junto de centenas de pessoas que acreditavam nos mesmos ideais e que partilhavam o meu apetite insaciável por discutir política.

A Conferência tinha uma atmosfera extraordinária. Da minha humilde posição enquanto ‘representante’, tinha a sensação de que a liderança do Partido - com excepção do seu Líder - tinha chegado a Blackpool preparada para se reconciliar consigo própria, bem como com o Conservadorismo, perante a permanência do socialismo na Grã-Bretanha. Um perspicaz observador da Conferência de 1946, Bertrand de Jouvenal, escreveu sobre o nosso Front Bench: ‘Estes distintos e inteligentes animais políticos, treinados desde cedo para a administração prudente e debate cortês, estavam, nos seus corações, prestes a aceitar como

definitiva a derrota eleitoral em 1945.⁶ Isto não era de todo aquilo que as bases queriam ouvir. Existia de facto uma dissidência vinda das bases. No primeiro dia foi pedido um debate geral sobre questões de filosofia e política que foi recusado pelo presidente. Houve a princípio uma reacção moderada à abordagem consensual dos discursos, contudo ela tornou-se mais dura no decorrer da Conferência, à medida que os ministros do Governo Sombra se apercebiam do nosso descontentamento. Os meus instintos levavam-me a apoiar as bases, apesar de ainda não ter digerido totalmente a reacção intelectual contra o colectivismo, o que só viria a entender nos anos seguintes.

Em Oxford organizara um programa cheio de oradores. Lord Dunglass (Alec Douglas-Home) incitou ao apoio da política externa de Ernest Bevin, apoio esse que prontamente manifestámos. Bob Boothby - um orador maravilhoso, com um óptimo estilo - declamou contra o 'totalitarismo absolutista revolucionário de Moscovo'. David Maxwell-Fyfe, cuja filha Pamela se encontrava na altura em Oxford, atacou a nacionalização e pediu urgência numa democracia de propriedade privada. Peter Thorneycroft apresentou o que pareciam ser ideias muito avançadas da ala da 'Reforma Tory' num debate com o Clube Trabalhista Universitário na Associação. Lady Mimi Davidson contou-nos como era ser a única Deputada Conservadora na Câmara dos Comuns. Anthony Eden impressionou e revelou todo o seu charme enquanto bebíamos xerez. Todos os semestres tínhamos um aceso debate com os outros clubes políticos na Oxford Union, especialmente com o Clube Trabalhista, que na altura era muito de Esquerda e incluía nomes famosos como Anthony Crosland - que já na altura tinha uma paciência de santo - e Tony Benn. Mas normalmente a OUCA reunia no Tylor Institute sexta-feira à noite, não sem antes convidar o orador para jantar no Randolph Hotel. Foi então aí que conheci as grandes figuras do Partido Conservador, com muitos dos quais mantive contacto ao longo do tempo.

Esta actividade tornava-se, contudo, insignificante perante a posição do Partido Conservador a nível nacional. Em retrospectiva, pode dizer-se que havia duas estratégias alternativas que o Partido poderia ter seguido. Poderia ter-se acomodado ao colectivismo reinante, procurando, contudo, atenuar o seu impacto onde fosse possível, tentando atrasar a marcha de Esquerda através das nossas instituições e manter algum espaço para a escolha individual e de livre iniciativa. Ou podia ter lutado com todas as armas contra o colectivismo, procurando persuadir a opinião nacional de que a viragem de 1945 representava um desvio ao caminho que estava destinado ao país. Na verdade deveria ter seguido as duas opções.

⁶ *Problems of Socialist England (1947)*

Levantaram-se vozes mais radicais a favor de uma investida contra o colectivismo, mas em oposição a opinião predominante era a de que o pragmatismo representava o melhor caminho de volta à governação.

O documento do partido que mais se aproximou da incorporação da abordagem pragmática foi *The Industrial Charter* que surgiu em Maio de 1947. Num certo sentido, não era de todo um novo começo: na verdade, continuidade e o consenso eram os temas que lhe estavam subjacentes. Tal como em 1944, no período da guerra, o Livro Branco sobre a Política de Emprego representara um compromisso com o keynesianismo - combinando o ênfase na redução da despesa pública para manter a procura e o emprego com observações mais ortodoxas sobre a eficácia, competitividade e mobilidade - também *The Industrial Charter* representava um compromisso entre o corporativismo e a livre iniciativa. *The Industrial Charter* defendia o planeamento económico, ‘parcerias’ industriais e a ‘consulta’ aos trabalhadores; mas continuava a enfatizar a necessidade de menos controlos, menos funcionários públicos e uma baixa moderada na tributação. E esta tensão manteve-se no Partido Conservador durante as décadas de 50 e 60. *The Industrial Charter* permitiu a todos ter uma palavra a dizer e manteve o Partido unido. Mas tais documentos dificilmente faziam o coração bater mais depressa, nem tiveram qualquer importância no que diz respeito ao regresso do Partido ao poder. Na verdade, mais do que as iniciativas do Partido, foi o fracasso económico do Governo Trabalhista - nomeadamente a crise do combustível de 1947 e a desvalorização da libra esterlina em 1949 - que mudou a maré política a nosso favor.

Documentos como *The Industrial Charter* evitavam cuidadosamente o verdadeiro campo de batalha no qual em última análise o socialismo tinha de ser derrotado. E como o tempo se encarregou de mostrar, Churchill estava certo. Independentemente de o Socialismo precisar de uma ‘Gestapo’, como acontecia na Europa de Leste e na União Soviética, ou apenas dos vulgares e burocráticos instrumentos de coação, tributação de riqueza, nacionalização e regulação opressiva usados no Ocidente, dependia em última análise apenas do grau de socialismo pretendido. Ao diminuir a liberdade económica, os Socialistas haviam embarcado num percurso que, se seguido até ao seu destino final, levaria à extinção de qualquer liberdade. Pessoalmente, não duvidava de todo desta proposição. Mas para alguns Conservadores este era um argumento difícil de aceitar. O liberalismo económico tradicional que constitui uma parte fundamental da minha formação política - e que o próprio Edmund Burke adoptou - era frequentemente estranho e alheio aos Conservadores provenientes de um estrato social mais elevado. Fora, afinal, Harold Macmillan quem em 1938 propôs na sua obra de referência *The Middle Way* estender o controlo e o planeamento estatal a um âmbito

mais alargado de produção e de serviços. Outros Conservadores rejeitavam de todo qualquer teoria. Tomavam a alcunha dada por J.S.Mill ‘o partido estúpido’ como um elogio. Não era por isso de estranhar que a crítica mais forte que li na altura ao planeamento e estado socialista, e à qual desde então regressei muitas vezes, *The Road to Serfdom*, de F.A. Hayek, seja dedicada de forma famosa ‘Aos socialistas de todos os partidos’.

Não posso afirmar que nessa altura entendia na totalidade as implicações da pequena obra-prima de Hayek. Foi só a meio da década de 70, quando as obras de Hayek estavam no topo de uma lista de leituras que me foi dada por Keith Joseph, que compreendi as ideias que apresentou. Só então considerei os seus argumentos a partir do ponto de vista do tipo de estado que os Conservadores defendiam - um governo limitado regido pela lei - em oposição ao ponto de vista do tipo de Governo que devemos evitar - um estado socialista onde os burocratas governam por critérios. Nesta fase (em minha opinião) o que mais impacto teve foi a crítica incontestável ao socialismo contido em *The Road to Serfdom*. Hayek percebeu que o regime Nazi, ou seja, o nacional-socialismo, tinha as suas raízes no planeamento social alemão do século dezanove. Demonstrou que a intervenção do estado numa área da Economia ou da Sociedade abria caminho a pressões irresistíveis para a extensão desse planeamento a outros sectores. Alertou-nos para as implicações profundas, revolucionárias até, do planeamento estatal para a civilização ocidental à medida que ele crescera através dos séculos.

Hayek também não poupou palavras para descrever a tendência monopolista de uma sociedade planeada que determinados grupos profissionais e sindicatos tentariam inevitavelmente explorar. Cada exigência de segurança, fosse de emprego, rendimento ou de posição social, implicava a exclusão de tais benefícios dos que se encontravam fora dos grupos privilegiados – e geraria exigências de privilégios compensatórios por parte dos grupos de excluídos. No fim, nesse tipo de situação todos ficam a perder. Talvez por não provir de um meio Conservador Britânico e por nunca se ter de todo considerado um Conservador, Hayek não apresentava nenhuma das inibições que caracterizavam a agonizante consciência social das classes mais altas britânicas, quando tinha a oportunidade de falar claramente sobre tais coisas.

Hayek era invulgar e impopular mas não estava sozinho na crítica cerrada ao Socialismo. Li também nesta altura e mais tarde os escritos do polémico jornalista Colm Brogan. Onde Hayek utilizava a filosofia, Brogan aplicava a ironia acutilante e a sagacidade mordaz. Em 1943, em *Who are “The People”?* Brogan escreveu o impensável - nomeadamente que tinha sido precisamente a Esquerda “progressista” a criar as circunstâncias para a ascensão

de Hitler ao poder, tendo-os depois votado ao abandono. Os progressistas na sua maioria não provinham, e tampouco podiam reclamar o direito de representar, a ‘classe trabalhadora’. Utilizavam dois pesos e duas medidas de forma flagrante e vergonhosa, no que dizia respeito à União Soviética. Os verdadeiros interesses que representavam eram os da burocracia crescente determinada a explorar todas as oportunidades para aumentar os seus números e alargar o seu poder. Em *Our New Masters*, publicado em 1947, Brogan expandiu o seu ataque ao Socialismo, conseguindo entender as eleições de 1945 apenas como uma perda colectiva de senso comum.

[As pessoas] foram, de certeza, enganadas, mas elas queriam ser enganadas... votaram contra essa modesta expectativa na vida que é tudo pelo qual o cidadão honesto pode lutar. Votaram para comer o seu bolo e para ficar com ele, para o pouparem para um dia mau e para o dar. Votaram por salários mais altos e menor produção e por um mundo de fartura. Votaram como os cortesãos do Rei Canuto que se colocou perante as ondas invasoras e ordenou que se retirassem por autoridade da real e incontestável vontade. As pessoas escolhem o seu soberano, ninguém lhes nega tal direito. Mas as marés continuarão a subir.

Brogan observou assim o desencantamento para com os Trabalhistas, que já era manifesto na altura em que escreveu, como sendo a inevitável confiança acrílica nos socialistas por criarem expectativas tão altas que ninguém podia cumprir - muito menos eles com as prescrições políticas erradas. Tal como Brogan afirmou num clássico ataque: ‘Onde quer que Sir Stafford Cripps tenha tentado aumentar a riqueza e a felicidade, quem muito empreende pouco acaba’.

Mas Brogan entendia também o socialismo como uma força de desordem e de desintegração, um tipo de veneno que ameaçava corromper todo o corpo político e o Partido Trabalhista como “ coisa fraca e lamurienta, incapaz de governar devido à intemperança do seu espírito e à forma infantil e irrealista como vê a vida”. Estes sentimentos eram comuns a muitos de nós, mas parecia imprudente expressá-los com tal vigor.

A tensão entre estas duas abordagens distintas de resistência ao colectivismo - gradual e radical - esbateu-se durante o tempo em que fui política Conservadora activa. Mas nesses primeiros anos do pós-guerra, as questões específicas que tiveram maior importância para mim foram os assuntos estrangeiros mais do que os internos.

Estava em Blackpool a visitar a minha irmã (que se mudara para lá vinda do Birmingham Orthopedic Hospital), naquele fatídico 6 de Agosto de 1945, quando ouvi a notícia de que a

bomba atômica tinha sido largada sobre Hiroshima. Há algum tempo que se sabia que estávamos à beira de um importante avanço na tecnologia de armas de destruição maciça. Devido aos meus estudos académicos, bem como o meu fascínio pelas aplicações práticas da ciência estaria provavelmente mais bem informada do que muitos outros sobre os desenvolvimentos inerentes à construção da bomba atômica. No ano seguinte tive a oportunidade de ler (e de compreender de facto) a descrição completa contida em *Atomic Energy for Military Purposes* publicado pelos Estados Unidos. Porém - ainda que isto possa parecer um cliché - fiquei imediatamente ciente ao ouvir os relatórios preliminares de Hiroshima de que com o advento da bomba atômica o mundo havia mudado. Ou como o próprio Churchill afirmou nas suas majestosas memórias *The Second World War* : ‘Foi um rápido desfecho para a Segunda Grande Guerra Mundial e talvez para muito mais.

Seriam necessários vários anos para avaliar na totalidade as implicações políticas, estratégicas e científicas da arma nuclear; para além disso, tal como a ciência envolvida, elas continuariam a mudar a e desenvolver-se. Mas as consequências directas humanas e ambientais da bomba nuclear foram mais rapidamente compreendidas. No inverno de 1946 li o relato do jornalista americano John Hersey sobre Hiroshima, primeiramente publicado pelo *New Yorker* e depois publicado numa edição especial da editora Penguin. E por estranho que pareça, mais do que os terríveis ferimentos, o fogo, o desmoronamento, e as doenças causadas pela radiação, foi a imagem agridoce de ervas daninhas e de flores selvagens que brotavam das cinzas que mais afectou, sendo o seu crescimento estimulado de forma anti-natural pela radiação da bomba.

Contudo, nunca coloquei em causa a justeza da decisão em utilizar-se a bomba, nem naquela primeira noite quando reflectia sobre o assunto no caminho para casa vinda de Blackpool, nem quando mais tarde li os relatos e vi as fotografias da devastação massiva. Considerei que tal acção se justificara principalmente porque evitaria baixas inevitáveis se as forças Aliadas tivessem de tomar de assalto as principais ilhas do Japão. Os japoneses tinham ainda cerca de dois milhões e meio de homens prontos para a guerra. Já conhecíamos a resistência fanática que demonstraram na Batalha de Okinawa. Apenas a superioridade tecnológica militar dos Aliados, demonstrada primeiro em Hiroshima e depois em Nagasaki, poderia persuadir a liderança japonesa de que resistir seria inútil. E assim uma semana após Hiroshima, e após o lançamento da segunda bomba em Nagasaki, o Japão capitulou.

A Grã-Bretanha esteve, obviamente, envolvida no desenvolvimento da bomba. Contudo, devido ao colapso da cooperação nuclear anglo-americano no pós-guerra, só conseguimos detonar a nossa primeira bomba nuclear em 1952. Churchill e Truman, como a História se

encarregou de demonstrar, foram enganados por Estaline em Potsdam, quando o Presidente americano ‘anunciou’ a bomba ao líder soviético, que dela já tinha conhecimento e regressou rapidamente a Moscovo para instar os seus cientistas a concluir o seu programa atómico. Mas o facto é que, e relembra sempre isso mesmo aos Soviéticos quando me tornei Primeira-Ministra, a prova mais contundente de boa vontade dos Estados Unidos foi a de que nesses poucos anos cruciais, em que eram os únicos a possuir os meios militares para aplicar a sua vontade ao Mundo, se abstiveram de o fazer.

Se a bomba atómica levantou uma serie de questões sobre o papel da Grã-Bretanha no mundo do pós-guerra, a situação na Índia levantou outras mais. Este assunto fascinou-me desde sempre. Eu sabia que Churchill, por quem nutria uma admiração sem limites, lutou ferozmente contra as jogadas para apaziguar a opinião nacionalista na Índia, implementada pelo Government of India Act de 1935. A situação na Índia deteriorara-se rapidamente nos anos da guerra e parecia muito improvável que mesmo a primeira prospectiva do estatuto de Soberania pudesse reduzir a pressão pela independência. Isto era, para além disso, contra a base, que na altura ainda não entendíamos completamente, de um papel mundial muito menos significativo que a Grã-Bretanha do pós-guerra desempenhou. As duas circunstâncias materiais que nos permitiram lutar sozinhos contra Hitler foram os enormes investimentos acumulados nas colónias ultramarinas, bem como o maior e mais bem sucedido império que o mundo já vira. Mas elas foram perdidas ou em grande parte diminuídas como o preço a pagar pela vitória nessa grande luta.

Por tudo isso, as pessoas da minha idade - mesmo os que estavam empenhados no desenvolvimento de uma Commonwealth a partir dos laços mantidos com o Império - aceitaram de forma mais positiva o que se estava a passar na Índia do que os mais velhos. Li na altura dois livros que enfatizavam o papel da Grã-Bretanha, não apenas como o garante de uma administração forte e de justiça humana nos nossos territórios Imperiais, mas antes como um tipo de ‘parteira’ para o seu nascimento, crescimento e maturidade como membros responsáveis da comunidade internacional. Leo Amery compilou as palestras dadas em Harvard em *Thoughts on the Constitution*, as quais enfatizavam a necessidade crucial de assegurar “a unidade Imperial de pensamento e de objectivo” através da livre cooperação: tal maneira de pensar também me atraiu, pelo menos durante algum tempo, para ideias de Preferência Imperial como meio de manter a nossa comunidade de interesse. Também li *Imperial Commonwealth*, de Lord Elton, que via o nosso Império em desenvolvimento como um exemplo de unidade e cooperação:

Ter propagado a liberdade política organizada pelo mundo; ter salvo a Europa por três vezes, e por duas também o mundo, de um tirano; ter acabado com a escravatura e ter ensinado outros países a fazê-lo; ter adquirido território ainda que de forma relutante, e frequentemente tendo em conta os interesses de outros; ter adquirido a sabedoria a partir da adversidade e ter tido o poder de um gigante e não o usar como um gigante ... tudo isto fez com que o Império sobrevivesse e concedeu-lhe abundantes títulos para a gratidão da humanidade ... E pode bem ser que a ilha que ensinou a arte da liberdade ao mundo ensine ainda a arte da união. Pode bem ser que todos os seus sofrimentos presentes tenham finalmente preparado Grã-Bretanha para esse papel.

Em retrospectiva, é possível concluir que nos estávamos a enganar a nós próprios. Não era possível dar a independência às colónias e continuar a determinar o seu futuro depois disso. À época, contudo, tais ideias pareciam prometer a continuidade do papel que a Grã-Bretanha desempenhava no mundo, sem o fardo ou a culpa de império.

Segui atentamente todos os acontecimentos entre a missão de Stafford Cripps à Índia na Primavera de 1946, em busca de um acordo entre os Indianos sobre o futuro do seu país, e o Verão de 1947, quando o Governo aprovou finalmente um acordo baseado na partilha de poderes. Acreditava que havia muito a criticar nos meios, mas os fins da nossa política estavam certos e iam em direcção ao progresso da Grã-Bretanha, da Índia, e de toda a Commonwealth. Mas o Governo Trabalhista e Mountbatten como Vice-Rei da Índia tentaram andar depressa demais. De forma trágica a guerra civil, na qual pereceu um milhão de pessoas, revelou até que ponto o domínio Britânico tinha sido o garante da união e da paz na Índia.

Estas considerações pareciam, contudo, fora de contexto num mundo pós-guerra em que as novas instituições globais eram as Nações Unidas, o FMI e o Banco Mundial, e em que os impérios coloniais europeus tinham um futuro muito limitado. Na verdade, ainda não tínhamos atingido uma transição total e bem sucedida de um mundo colonial estável para um mundo pós-colonial estável. Como as crises como a da Somália demonstram, há partes de África e da Ásia onde a paz e a ordem não podem ser instauradas localmente, mas para as quais as instituições internacionais não têm solução – certamente nenhuma solução tão eficaz como foi o domínio colonial há um século atrás.

Mas a maior transformação que afectou a Grã-Bretanha nesse período - e a que teria um grande impacto na minha vida política - foi a passagem da União Soviética de camarada de armas a inimigo mortal. É importante salientar que a maior parte das pessoas no Ocidente

sabia muito pouco sobre as condições de vida na URSS. A verdade é que muitos dos factos estavam disponíveis, se alguém se tivesse dado ao trabalho de os investigar e os denunciar. Mas por muitas e variadas razões ninguém o fez. Como já referi, nunca fui tentada a simpatizar com o comunismo. Mas nessa altura a minha oposição era mais visceral do que intelectual. Só muito mais tarde me dediquei à leitura e compreensão mais profunda sobre os sistemas comunistas e vi precisamente onde jaziam as suas fraquezas e perversidades. É interessante notar que quando Hayek escreveu um novo prefácio de *The Road to Serfdom* em 1976 também sentiu que havia ‘desvalorizado’ o significado da experiência do comunismo na Rússia’.

O mesmo também aconteceu, de forma geral, com os jornais. Por exemplo, o *Daily Telegraph* não deu o devido destaque às purgas de Estaline da década de 1930, e mesmo após o pacto Molotov-Ribbentrop em Agosto de 1939 a invasão da Polónia oriental pela Rússia foi curiosamente interpretada como um sinal de ‘tensão’ com Hitler. No decorrer da guerra, as associações de amizade Anglo-Soviética floresceram. O Estaline sorridente e generoso, uma criação tanto do pensamento esperançoso Ocidental como da propaganda soviética, escondia a realidade do tirano paranóico. Douglas Hyde, no livro *I Believed* (publicado em 1959, e que tive oportunidade de ler), revela até que ponto os comunistas britânicos se infiltraram, manipularam e distorceram de forma a subtilmente dar forma ao debate político. O relato de Hyde mostra também como a guerra de desinformação na Grã - Bretanha foi tão impiedosa e directamente controlada por Moscovo, tal como o eram os movimentos comunistas que agiam na Europa de Leste juntamente com o Exército Vermelho que avançava impondo a mão de ferro de Estaline em países pelos quais tínhamos lutado contra Hitler, de forma a defender a sua liberdade.

Podemos de facto encontrar muitas explicações válidas para atenuar o papel desempenhado por Churchill e da Grã-Bretanha no abandono da Europa Central e de Leste. A famosa meia página onde Churchill rabiscou as suas propostas para a divisão das esferas de influência nos Balcãs, aquando de um encontro com Estaline em Moscovo em Outubro de 1944, tem de facto um toque cínico de *realpolitik*, tal como o próprio Churchill assumiu ao descrevê-lo como um ‘documento maldoso’. Isto era um claro desafio aos princípios proclamados na Carta do Atlântico de 1941. Mas reconhecia o facto de que o Exército Vermelho tinha ocupado grande parte da Europa de Leste – e isso pode ter ajudado a manter a independência da Grécia. Pelo menos Churchill conseguia ver, ao contrário dos americanos, que a retirada precipitada das nossas tropas face ao Exército Vermelho deixaria a zona central da

Alemanha em mãos Soviéticas e tal acabaria de vez com qualquer possibilidade de influenciarmos o destino da Europa de Leste.

Posto isto, há uma diferença entre reconhecer a realidade e legitimá-la, porque a legitimidade tende a estabelecer injustiça de facto. Assim, os Conservadores que se abstiveram ou votaram contra a Conferência de Ialta de Fevereiro de 1945, entre os quais Alec Douglas Home, estavam certos. O meu próprio mal-estar transformou-se em oposição ao ouvir o forte discurso do Lord De L'Isle and Dudley à OUCA no Taylorian. Teria certamente sido mais difícil e talvez mesmo impossível, forçar os Soviéticos a respeitar a democracia e o direito à auto-determinação nos países que agora ocupavam. Era também compreensível que as feridas e esgotadas tropas americanas e britânicas quisessem ultrapassar os horrores da guerra e evitar a todo o custo novo conflito com o seu ex-aliado. Mas selarmos acordos que sabíamos à partida que nunca seriam honrados – quanto mais tentar forçar o governo exilado não-comunista da Polónia a aceitá-los, era um erro.

Ialta fez com que começasse a pensar muito seriamente sobre o aspecto militar da ameaça comunista. Pouco a pouco juntava as peças sobre outras características da realidade comunista. Por exemplo, li *Darkness at Noon*, de Arthur Koestler, com o seu pungente relato de um julgamento-espectáculo comunista. Ao contrário da descrição da brutalidade da Gestapo feita por Valtin, o livro de Koestler permitiu-me pela primeira vez entrar, por assim dizer, na mentalidade de um comunista. Ainda de forma mais subtil, mostrou que para o comunista *ele-próprio*, o sistema comunista não faz sentido. O personagem de Koestler, Rubashov, faz a seguinte reflexão:

O Partido negou o livre-arbítrio do indivíduo – exigindo-lhe ao mesmo tempo o sacrifício de livre vontade. Negou-lhe a capacidade de escolher entre duas alternativas – e ao mesmo tempo exigiu que constantemente escolhesse a certa. Negou-lhe o poder de distinguir o bem do mal – e ao mesmo tempo falou pateticamente de culpa e traição. O indivíduo permaneceu sob o signo da fatalidade económica, uma roda numa engrenagem cristalizada para toda a eternidade que não podia ser parada ou influenciada – e o Partido exigiu que a roda se virasse contra a engrenagem e mudasse o seu curso. Existiu algures um erro de cálculo; a equação não resultou

Anos mais tarde, enquanto líder da oposição conheci Koestler, e contei-lhe o quão poderoso tinha considerado o seu livro. Perguntei-lhe como tinha conseguido imaginar Rubashov e os seus tormentos. Confidenciou-me que não fora necessária imaginação. Eles eram reais.

Tal como aconteceu em relação à bomba atómica, fiz uma análise da (alegada) base teórica do Marxismo: o facto de ser cientista dava-me uma perspectiva algo diferente sobre alguns dos argumentos. Foi de facto depois de sair da Universidade que li *The Open Society and its Enemies*, de Karl Popper. Popper, cuja análise complementava a de Hayek de muitas formas, abordou o Marxismo do ponto de vista do filósofo de ciências naturais. Isto significava que estava bem equipado para revelar a fraudulenta reivindicação dos Marxistas de terem descoberto leis imutáveis de história, desenvolvimento social ou ‘progresso’, leis essas que eram comparáveis às leis da ciência natural. Não foi apenas o curso ‘inevitável’ de acontecimentos que Marx havia profetizado que acabou por não acontecer, nem mostrou sinais de vir a acontecer. Marx e os Marxistas não conseguiram sequer entender o método científico, quanto mais praticá-lo nas suas análises. Ao contrário dos Marxistas, fossem eles historiadores, economistas ou cientistas sociais - que tentaram ‘provar’ as suas teorias através da acumulação de factos para as sustentar, ‘o método de ciência é o procurar factos que possam refutar a teoria ... e o facto de que todos os testes da teoria são tentativas de falsificações de previsões derivadas com a sua ajuda providencia a pista para o método científico’. As consequências políticas deste erro básico - talvez mais adequadamente descrito como uma fraude básica - foi sintetizado por Popper na dedicatória do seu livro posterior *The Poverty of Historicism*: Em memória dos inúmeros homens, mulheres e crianças de todos os credos ou nações ou raças que tombaram vítimas da crença fascista e comunista nas Leis Inexoráveis do Destino Histórico.

Tendo em conta tudo o que li, é fácil imaginar como reagi ao discurso de 5 de Março de 1946 em Fulton, Missouri. É, sem dúvida, muito famoso pelo seu forte aviso de que ‘de Stettin no Báltico a Trieste no Adriático desceu uma cortina de ferro através do Continente’ e que nestes estados sob o domínio Russo os ‘governos-polícia’ prevaleciam. Mas não menos importante para mim foi a evocação de Churchill da relação especial entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos e da ‘mensagem idealista dos britânicos e americanos ao mundo’ que lhe subjazia. Os ideais de liberdade desenvolveram-se plenamente nas tradições políticas e nas instituições destes dois países. Este discurso é agora justamente entendido como um presságio. Mas na época foi amargamente criticado por comentadores dos dois lados do Atlântico como sendo uma hipérbole belicista. Contudo, não demoraria muito tempo até mudarem o tom, pois as intenções Soviéticas para com a Europa de Leste e para com a Grécia tornaram-se inequivocamente claras.

Quando deixei Oxford levava uma licenciatura em Química na bagagem, sabia muito mais sobre o mundo, e em particular sobre o mundo da política. Mas o meu carácter não tinha

mudado; nem tampouco as minhas convicções. Mas tinha agora uma ideia mais clara sobre onde me situava em relação às outras pessoas, às suas ambições e às suas opiniões. Tinha crescido. E, através desse misterioso processo que conduz as pessoas em direcção a toda a espécie de vocação proeminente ou obscura, tinha descoberto o que realmente queria fazer na vida.

Pouco antes do fim dos meus dias de estudante, voltei a Corby Glen, uma aldeia que ficava a cerca de 16 km de Grantham, para ir a um baile. Alguns de nós juntámo-nos para tomar café e comer uma sandes na cozinha da casa onde estava alojada. Para não variar, eu falava sobre política. Algo que disse, ou talvez a forma como o disse, levou um dos homens a reparar: ‘O que tu realmente queres fazer é ser deputada, não é?’ Quase sem pensar respondi: ‘Sim, é realmente isso que quero ser.’ Nunca o dissera antes, nem mesmo a mim própria. Nessa noite, quando fui para a cama, percebi que tinha muito em que pensar.

Capítulo III

Fechada em Casa

Casamento, Família, Lei e Política 1947 -1959

A minha Aprendizagem Política

Se entrar Oxford foi um tipo de choque, sair de Oxford foi outro completamente diferente. Em Oxford tinha muitos amigos que pensavam como eu, apreciava as minhas incursões pelo mundo da Química e a política universitária era a minha grande paixão. Deixar tudo isto para trás foi, de facto avassalador.

O recém-criado Oxford University Appointments Committee, que ajudava os recém-formados a encontrar empregos adequados, marcou-me várias entrevistas, incluindo numa das fábricas Northern ICI, julgo que em Bilingham. Os esperançados foram entrevistados por vários gerentes, cujos comentários foram dados ao gerente, que nos fez a entrevista final. As observações estavam sobre a secretária no decorrer da entrevista, e não consegui resistir a usar a minha capacidade de ler de forma invertida. Consegui ler observações que eram ao mesmo tempo encorajadoras e desencorajadoras. Um dos gerentes escreveu: “Esta jovem mulher tem uma personalidade demasiado forte para trabalhar aqui.” Na verdade, fui a mais três ou quatro entrevistas que se revelaram infrutíferas, contudo gostei de todas. Não só me davam acesso ao novo mundo da indústria, como também me davam a oportunidade de conhecermos pessoas como os entrevistadores, que à época eram invariavelmente corteses e

interessados em ouvir as nossas esperanças e ambições. Finalmente fui contratada pela BX Plastics em Manningtree, mesmo à saída de Colchester, para trabalhar na secção de pesquisa e desenvolvimento.

Muito poucas pessoas apreciam as primeiras fases, quando iniciam um novo trabalho e eu não era excepção. Quando conversámos sobre a posição que iria ocupar, ficou combinado que iria ser efectivamente assistente pessoal do director de pesquisa e desenvolvimento. Fiquei muito contente pois pensei que tal me permitiria saber como a empresa operava como um todo e também porque me permitiria pôr em prática os meus conhecimentos, especialmente o que sabia sobre química. Mas assim que comecei verificou-se que não havia trabalho suficiente nessa área e por isso dei por mim a pendurar a minha bata branca e mergulhei de cabeça no maravilhoso mundo dos plásticos. A secção de pesquisa e desenvolvimento tinha acabado de ser criada como unidade independente pelo que os problemas inerentes ao seu início eram também os meus problemas. Mas no Natal de 1947 já tinha um ou dois amigos e tudo se tornou mais fácil. A secção foi deslocada para uma casa à parte e bem agradável por sinal, perto de Lawford. Como tantos outros trabalhadores da empresa, vivia em Colchester, uma cidade da qual gostava cada vez mais e onde encontrei alojamento confortável. Um autocarro levava-nos todos os dias para Lawford.

E como sempre, lá estava também a política. Associei-me imediatamente à Conservative Association e mergulhei na habitual roda-viva de actividades do Partido. Gostava especialmente daquele que era chamado o grupo de debate “39-45”, onde os Conservadores pertencentes à geração da guerra trocavam pontos de vista e debatiam tópicos políticos do momento. Tanto quanto possível, mantive o contacto com amigos como Edward Boyle, que foi mais tarde escolhido para o assento parlamentar de Birmingham na eleição de 1950. Compareci no Congresso do Partido Conservador em Llandudno em Outubro de 1948, como representante da Oxford University Graduate Conservative Association (OUGCA)

De acordo com o planeado, eu iria discursar no Congresso, apoiando uma moção da OUGCA lamentando a abolição dos assentos parlamentares universitários. Na época as universidades tinham representação individual no Parlamento e os licenciados podiam votar pela sua universidade, bem como pelo seu círculo eleitoral. Eu apoiava uma representação universitária independente, mas opunha-me ao princípio que os licenciados tivessem direito a mais de um voto. Defendia que os licenciados deveriam escolher por onde queriam votar. Teria sido o meu primeiro discurso num Congresso, mas no final acabaram por escolher como apoiante à moção um representante da City visto que também estes assentos iam ser abolidos.

Mas o meu desapontamento depressa foi ultrapassado e da forma mais inesperada. Após mais um dos debates, dei por mim envolvida numa daquelas conversas especulativas onde os jovens falam sobre as suas perspectivas de futuro. Jonh Grant, um dos meus amigos de Oxford, disse que supunha que algures no futuro, eu gostaria de me tornar deputada. “Bem, sim” retorqui “mas não tenho grandes esperanças. Não tenho a mínima hipótese de ser escolhida neste momento.”No entanto, deveria ter acrescentado que não tendo rendimento próprio, não tinha como poder ser deputada com o salário que na época disponibilizavam. Nem sequer tinha tentado entrar na lista dos candidatos aprovados pelo Partido.

No final do dia, aconteceu por acaso John Grant estar sentado ao lado de John Miller, o presidente da Dartford Conservative Association, e acontece que estavam à procura de um candidato. Soube mais tarde que a conversa desenrolou-se mais ou menos desta forma: “Soube que estavam à procura de um candidato para Dartford...”Na verdade na sede dos Conservadores estavam a ficar exasperados com a dificuldade com que Dartford se deparava para escolher alguém para lutar pelo lugar, em eleições que iriam acontecer em 1950 ou até mesmo antes.

“Sim, é verdade. Alguma sugestão?”

“Bem, eu gostaria que considerasses a Margaret Roberts, uma jovem bastante promissora. “
“Mas Dartford é um poderoso reduto industrial. Não me parece que uma mulher seja de todo uma opção.

“Bem, é claro que você é que sabe. Mas converse com ela também não perde nada...

E assim o fez. Fui convidada para almoçar com John Miller e a esposa, e também a presidente de Dartford's Women, Mrs. Fletcher, no sábado no Llandudno Pier. Provavelmente e apesar de todas as reservas sobre se seria adequado uma candidata feminina a este lugar, eles gostaram de mim e eu entendi-me muito bem com eles. Os Miller tornar-se-iam amigos próximos e adquiri um saudável respeito pela respeitável Mrs. Fletcher. Após o almoço caminhámos juntos pelo cais até ao local do Congresso a tempo de arranjar um lugar para ouvir o discurso do líder do Partido, Winston Churchill. Foi a primeira vez que o vi nessa semana, pois nessa época o líder não assistia a este evento, comparecendo apenas no comício final de sábado. Naturalmente, os assuntos externos dominaram o seu discurso, pois estávamos na época do bloqueio de Berlim e da ponte aérea ocidental. A sua mensagem era sombria, afirmando que apenas as armas nucleares americanas escudavam a Europa da tirania comunista, alertando para ‘a aproximação de uma terceira guerra mundial impiedosa’. Só voltei a ter notícias de Dartford em Dezembro, quando fui convocada para uma entrevista no Palace Chambers na Bridge Street, a sede do partido Conservador, não muito longe do

próprio Parlamento. Tal como eu um grande número de esperançosos compareceu na noite da quinta-feira 30 de Dezembro para aquele que seria a meu primeiro Comité de Selecção. Poucos são aqueles que, não pertencendo à esfera política, conseguem avaliar o quão tensas estas ocasiões podem ser. Um entrevistado que não esteja nervoso e tenso provavelmente irá ter um fraco desempenho, pois como qualquer químico dirá, a adrenalina tem de fluir para que se possa atingir o melhor desempenho possível. Tive a sorte de encontrar caras amigas à volta da mesa, e diz-se que nestas ocasiões existem vantagens e desvantagens em ser uma jovem mulher a trilhar o seu caminho no mundo da política.

Fui seleccionada para a fase seguinte, e fui convocada para mais uma entrevista em Dartford. Por fim fui convidada para o Hotel Bull em Dartford na segunda-feira dia 31 de Janeiro de 1944 para discursar perante a Associação Executiva do Comité que rondava as cinquenta pessoas. Como uma das possíveis, entre cinco candidatas, tinha que fazer um discurso de quinze minutos, mais uma sessão de perguntas e respostas de mais dez minutos.

Esta última parte iria com certeza dar-me mais problemas. Existiam na altura muitas dúvidas sobre as candidatas femininas, especialmente quando estava em causa um assento parlamentar difícil e industrializado, como era Dartford. Tratava-se de um mundo de homens onde a mais audaz das mulheres pensava duas vezes antes de lá se aventurar. Obviamente que tinha poucas esperanças de vencer as eleições para os Conservadores, contudo esta nunca deverá ser a atitude de um candidato nem mesmo quando se trata de um Trabalhista num assento seguro como Ebbw Vale. A maioria Trabalhista traduzia-se nuns inatingíveis 20.000 votos. Mas talvez esta desvantagem da qual não se falava, tornar-se-ia para mim uma vantagem. A questão que se colocava era somente esta, perante este cenário porque não apostar na jovem Margaret Roberts. Pouco ou nada tinham a perder e sempre era boa publicidade para o Partido.

O sinal mais evidente de que uma reunião política correu bem, surge quando o desfrutamos. Gostei bastante da noite em Dartford e o resultado justificava a minha confiança, pois fui de facto a escolhida. Mais tarde fiquei com os funcionários da Associação para comer e beber algo. Nestas ocasiões o candidato não é o único a respirar de alívio, pois também quem selecciona pode sair do papel de crítico e tornar-se um amigo. O feliz mas ainda aturdido jovem candidato era inundado de conselhos, informações e ofertas de ajuda. São estas ocasiões de fraternidade que ajudam a responder à pergunta que é colocada a todos os políticos de profissionais, “Mas porque faz isto?”

O próximo passo era a minha candidatura ser também aprovada pela liderança nacional do Partido. Normalmente a aprovação do Partido precede a selecção, mas quando no dia a

seguir fui à sede para me encontrar com a Presidente das Mulheres, a Miss Marjorie Maxse, não me deparei com qualquer dificuldade. Algumas semanas mais tarde fui convidada para almoçar com o presidente do Partido, Lorde Woolton, o seu adjunto, J.P.L Thomas e a representante local, Miss Beryl Cook. Nos anos que se seguiram Marjorie Maxse e Beryl Cook provaram ser firmes apoiantes e ótimas conselheiras.

Após a selecção vem a confirmação. A reunião para a confirmação oficial é a primeira oportunidade que o candidato tem de impressionar as chefias da Associação, tornando-se por isso uma ocasião importante em termos psicológicos. Era também a oportunidade ideal em termos de publicidade, pois a imprensa local também comparecia a este evento. Mas talvez para mim o mais importante de tudo era a presença do meu pai. Pela primeira vez encontrávamo-nos na mesma tribuna a discursar para uma assembleia. O meu pai lembrou que a sua família sempre foi Liberal, mas que o Conservadorismo tinha tomado o lugar do antigo Liberalismo. Para o meu discurso optei por um tema que na sua essência surgia do Liberalismo de Gladstone, não se assemelhando contudo no estilo nem na duração, apelando ao “Governo que fizesse aquilo que qualquer boa dona de casa faria quando o dinheiro é pouco, analisar as contas e perceber o que estava mal.”

Após este evento no final de Fevereiro fui convidada para um jantar em minha honra, por dois notáveis da Associação, Mr e Mrs. Soward. A casa destes situava-se em Erith nos limítrofes do circulo eleitoral, não muito longe da fábrica da Atlas Preservative Company, que produzia tinta e químicos e da qual Stanley Soward era director. O seu patrão que era o administrador tinha marcado presença na minha confirmação e era um dos convidados. E foi assim que conheci o Dennis.

Percebi imediatamente que o Dennis era um homem excepcional. Sabia pelo menos tanto de política como eu e muito mais de Economia. O seu interesse profissional por tinta e o meu por plástico poderia parecer uma base pouco romântica para uma amizade, mas tal permitiu-nos estabelecer imediatamente um interesse comum, a ciência. E no desenrolar da noite descobri que os seus pontos de vista eram de um Conservadorismo lúcido.

No final da noite levou-me de volta a Londres para que eu pudesse apanhar o comboio da meia-noite até Colchester. O caminho não foi muito longo, mas foi longo o suficiente para que descobríssemos que tínhamos mais em comum. O Dennis era um ávido leitor com particular interesse em história, biografias e livros de detectives. Parecia ter lido todos os artigos do *The Economist* e *The Banker* e descobrimos também, que ambos gostávamos de música, sendo o Dennis um apaixonado por ópera e eu uma entusiasta da música coral.

A partir deste momento começámos a encontrar-nos em actividades do círculo eleitoral e também cada vez mais fora destas. Ele tinha um certo estilo e energia. Tinha também uma queda por carros velozes, e conduzia um Jaguar e sendo dez anos mais velho do que eu pura e simplesmente sabia mais do mundo do que eu. Mas víamo-nos cada vez mais e começámos a ir ver peças e jantávamos juntos. Como qualquer outro casal, tínhamos os nossos restaurantes favoritos. Para encontros normais os pequenos restaurantes italianos no Soho e para as ocasiões especiais o fabuloso White Tower em Fitzrovia, o Écu de France na Jermyn Street e o The Ivy. Sentia-me bastante lisonjeada pelas atenções que o Dennis me dispensava, mas comecei a desconfiar que as suas intenções eram sérias quando no Natal, após a minha primeira campanha eleitoral em Dartford, me ofereceu um maravilhoso presente, uma caixa de pó de arroz de cristal com tampa de prata que guardo até hoje, como se de um pequeno tesouro se tratasse.

Talvez tivéssemos casado mais cedo, mas a minha paixão pela política e a dele por rugby, de notar que os sábados estavam interditos a encontros amorosos, atrasaram os planos de casamento. Ele compensava e muito a sua ausência aos sábados ao dar uma ajuda tremenda no círculo eleitoral, resolvendo os problemas num instante, ficando a parte logística prontamente resolvida. Na verdade, o pedido de casamento e o facto de termos ficado noivos resultou numa inadvertida ajuda política. Beryl Cook, sem o meu conhecimento prévio, facultou esta fuga de informação antes do dia das eleições, dando à minha campanha um impulso final.

Quando o Dennis me pediu para ser sua esposa, reflecti muito sobre o assunto. Estava de tal maneira dedicada à política que o casamento nem surgia nos meus planos. O casamento era algo em que não pensava e que assumi que iria acontecer algures no futuro. Eu também sabia que o Dennis só me fez o pedido após ele próprio ter pensado bastante sobre o assunto, pois tinha passado por um casamento em tempo de guerra que tinha terminado em divórcio. Mas quanto mais pensava mais certezas tinha. Existia apenas uma resposta possível e passados quarenta anos sei que a minha decisão de dizer “sim”, foi uma das melhores que tomei na minha vida.

De qualquer maneira, há já algum tempo que pretendia sair da BX Plastics e de Colchester, e ter sido seleccionada para Dartford foi o que precisava para me convencer que tinha de procurar um novo trabalho em Londres. Afirmei perante o Comité de Selecção que iria lutar por Dartford com todas as minhas forças e tencionava fazê-lo. E nem tinha feito para o fazer de outra forma. Então iniciei a minha procura por um emprego em Londres que me permitisse auferir cerca de 500 libras por ano. Não era um salário milionário, mas iria

permitir que vivesse confortavelmente, ainda que de forma modesta. Fui a várias entrevistas, mas as empresas não pareciam muito interessadas em contratar alguém que iria em breve sair para enveredar numa carreira política. Não iria com certeza disfarçar as minhas ambições políticas nem tão pouco iria desistir das mesmas, por isso continuei a procurar. Encontrei trabalho nos laboratórios J.Lyons em Hammersmith como investigadora química alimentar. Este posição exigia uma forte componente teórica, o que a tornava mais gratificante do que a posição que ocupava na BX.

Mudei-me então para o meu círculo eleitoral. A verdade é que Dartford tornou-se a minha casa em todos os sentidos. As famílias com quem vivi tratavam-me muito bem e eram muito gentis, sendo que o seu espírito generoso, era suplementado sem dúvida pelo facto de serem acérrimos Conservadores. Os Millers também me puseram sob a sua protecção. Após as reuniões ia com bastante frequência para sua casa para desanuviar e beber um café. Enquanto ainda vivia e trabalhava em Colchester ficava em casa deles aos fins-de-semana. Era um lar alegre no qual todos pareciam determinados a divertirem-se o mais possível após as agruras do tempo de guerra. Saíamos tanto em funções políticas como sociais e as senhoras faziam sempre um esforço extra para se vestirem de forma elegante. O pai de John Miller era viúvo - vivia com a família e era muito meu amigo. Sempre que havia uma festa enviava-me um cravo cor-de-rosa para colocar na lapela.

Costumava deslocar-me também até ao círculo eleitoral vizinho, North Kent. As quatro Associações incluíam Dartford, Bexley Heath, onde Ted Heath era candidato, Chislehurst, Pat Hornsby-Smith e Gravesend, com John Lowe. Estas trabalhavam em conjunto e tinham o mesmo presidente Morris Wheeler. Este ocasionalmente reunia-nos a todos na sua grande casa chamada de "Franks" em Horton Kirby.

Dos quatro círculos eleitorais, Dartford era na altura onde existia a menor probabilidade de vitória, tornando-se então aos olhos dos seus vizinhos, o menos importante mas obviamente não para Dartford. Mas é bom senso político ligar círculos eleitorais seguros ou pelo menos onde existe a possibilidade de vitória, aos casos irremediavelmente perdidos. Se se conseguir criar uma organização activa nos círculos mais difíceis a possibilidade de afastar os oponentes partidários dos lugares que são necessários manter, torna-se maior. Este era um dos serviços que a sede partidária esperava de nós, ajudar Ted Heath no círculo quase ganho de Bexley.

E foi assim que conheci o Ted. Ele já era candidato em Baxley e a sede pediu-me para discursar no seu círculo eleitoral. Nesta altura Ted era já uma figura conhecida, pois lutou na guerra tendo chegado a Tenente-Coronel. Tinha também uma vasta experiência política que

remonta ao final da década de 30 quando apoiou o candidato anti-Munique nas eleições intercalares em Oxford. E tinha já ganho o respeito dos órgãos centrais e das quatro Associações. Quando o conheci fiquei surpreendida pela sua abordagem lógica e clara, pois parecia ter sempre uma lista com quatro objectivos ou com cinco métodos de ataque. Apesar de afável com os trabalhadores do seu círculo eleitoral, era quase sempre o homem responsável por controlar tudo, "o candidato" ou "o Deputado" e isto dava-lhe, mesmo quando se mostrava o mais afável possível, uma imagem distante e fria.

Pat Hornsby-Smith, a sua vizinha em Chislehurst, não poderia ser mais diferente. Era ruiva, vivaz e impetuosa e era provavelmente a estrela da política feminina da época. Conseguiu colocar o Congresso dos Conservadores a seus pés em 1946 com um empolgante discurso de extrema-direita. Estava sempre pronta a ajudar as colegas mais novas, discursando por todo o país. Tornámo-nos grandes amigas e tínhamos longas conversas sobre política nos jantares informais que realizava.

Muito antes da eleição de 1950 estávamos todos conscientes do revivalismo Conservador. Isto não era tanto resultado de uma reavaliação profunda dentro do Partido Conservador, mas sim de uma forte rejeição tanto entre Conservadores e em todo o país em relação ao Socialismo do Governo de Attlee. Aneurin Bevan descreveu os Conservadores, em Julho de 1948, como mais baixos que ratos o que proporcionou aos jovens Conservadores como eu a oportunidade de demonstrar a sua fidelidade para com a antiga tradição Inglesa de auto-depreciação irónica. Andávamos por todo o lado com os nossos crachás que incluíam a imagem de um pequeno rato azul. Foi inclusive criada toda uma hierarquia e quem recrutasse dez novos membros para o partido usava um crachá identificando-o como "rato malvado". Quem recrutava vinte membros era considerado "rato muito malvado". Existia inclusive um Chefe Ratazana, que vivia algures em Twickenham.

Contudo, admirava Clement Attlee pois era um homem sério e patriota e, ao contrário da tendência geral dos políticos dos anos 90, não era de palavras vãs e cumpria aquilo que prometia, preconizando um governo reformista e radical. O manifesto Trabalhista de 1945 era de facto um documento de extrema-esquerda, sendo que tal tendência é bem mais inteligível hoje em dia do que o era na altura. No pós-guerra muito do que se falava sobre planeamento e controlo do Estado soava a retórica de tempo de guerra, por isso as suas implicações não eram devidamente entendidas. O que se pretendia na verdade era a eliminação dos negócios, do capitalismo e do mercado. A principal assunção era a de que é "discutível se, exceptuando em tempos de guerra, alguma vez utilizámos toda a nossa capacidade produtiva. Tal deve de facto ser corrigido". O Estado era visto como a única

entidade competente para decidir, onde os recursos deveriam de ser empregues tendo em vista o interesse nacional. As nacionalizações, o controlo e planeamento não tinham como objectivo único ou mesmo primeiro razões sociais, mas sim interesses económicos. Os monopólios prejudiciais aparentemente ocorriam apenas no sector privado. A nacionalização das metalúrgicas foi justificada com base no raciocínio que “somente substituindo os monopólios privados pelo domínio publico poderia esta indústria tornar-se eficiente”. Mas talvez a mais radical das atitudes do partido Trabalhista seria para com a terra, onde era óbvio que a compra obrigatória pelas autoridades locais era apenas o início de um programa maior, “pois o partido Trabalhista acredita na nacionalização da terra e irá trabalhar para concretizar este objectivo.”

No que diz respeito a promessas específicas do manifesto Trabalhista, o governo estava a ser extraordinariamente ousado ao cumpri-las de facto. Ninguém poderia pôr em causa a missão dos Trabalhistas de implementarem o socialismo. Eram as consequências económicas do Socialismo tais como a desvalorização e o regresso da inflação os verdadeiros alvos de ataque. Uma forte despesa pública manteve os impostos quase no mesmo nível praticado em tempos de guerra, 9 xelins por libra. O controlo do Estado em tempos de guerra não só não foi desmantelado como foi alargado, por exemplo o racionamento começou a abranger o pão em 1946 e no ano seguinte até as batatas. Foi por isso possível lutar nas eleições de 1950, com as questões que mais problemas levantam a um governo em funções, e naqueles que me sentia pessoalmente mais à vontade, ou seja a combinação de problemas de forte carácter ideológico com temas mais práticos do quotidiano.

O manifesto Conservador era um documento habilmente redigido que combinava uma devastadora acusação ao Socialismo, tanto na teoria como na prática, com uma lista bastante cautelosa de garantias para reverter o socialismo. Realçava os efeitos da inflação, provas do desgoverno económico, bem como todo o desperdício e burocracia. Fiquei particularmente satisfeita com uma vigorosa declaração sobre negócios estrangeiros, que observava:

O Socialismo no estrangeiro tem provado ser o obstáculo mais fraco ao comunismo e em muitos países da Europa de Leste caiu antes deste. Não estamos preparados para olhar para esses antigos estados e nações que já caíram sob a espada dos Soviéticos como perdidos.

Mas os Conservadores tiveram o cuidado de não prometer o final imediato do racionamento, nem do reverter em grande escala das nacionalizações, nem tão pouco nada de controverso sobre a segurança social ou serviço de saúde. E havia também uma enjoativa referência

positiva para com o “movimento” sindicalista que era descrito como “essencial para o devido funcionamento da economia para a vida da nossa indústria.”

Todos sabíamos que as três áreas onde estávamos mais vulneráveis eram o desemprego, pois os eleitores lembravam-se da alta taxa de desemprego dos anos 30, mas não se recordavam que esta começou a crescer aquando do segundo governo Trabalhista e que diminuiu aquando do Governo Nacional; o Estado Social pois muitas pessoas acreditavam que pretendíamos desmantelá-lo e por fim a alegada “promoção da guerra”, onde existia o perigo real da linha dura do governo Trabalhista fazer com que a retórica de Guerra Fria de Churchill parecesse extrema em vez de presciente como realmente o era. Dei comigo a lidar com estas questões em comícios no decorrer das campanhas de 1950 e 1951.

As semanas mais extenuantes da minha vida aconteceram na campanha eleitoral de 1950. Quase tudo era novidade e tudo o que é novo drena a energia. Ao contrário do que acontece nas eleições de hoje, os comícios eram quase diários e com muita afluência, tendo que preparar por isso o meu discurso durante o dia. Também escrevia as minhas cartas para possíveis constituintes. A maior parte das tardes eram a prospecção de porta em porta, e, para meu alívio, divulgar a minha mensagem pelo megafone. Contudo tinha o forte apoio da minha família, pois o meu pai discursava e a minha irmã ajudava.

Antes da eleição Lady William, esposa de Sir Herbert Williams, um veterano defensor da Liga Proteccionista⁷ e deputado por Croydon durante muitos anos, disse a todos os candidatos que deveriam de fazer um esforço extra para que pudessem ser identificados pela forma como se vestiam quando estavam em campanha. Levei este conselho bastante a sério e passava os meus dias num fato preto feito à medida e com um chapéu que comprei especialmente para este efeito na Bourne and Hollingsworth na Oxford Street. E para que não restassem dúvidas colocava à sua volta uma fita branca e preta com um pouco de azul na parte de dentro.

Se estas precauções eram efectivamente necessárias já era outra questão. Quais eram as probabilidades de se encontrar outras raparigas de 24 anos em cima de caixas de sabão no Erith Shopping Center? Nesta época não era de todo frequente encontrar candidatas femininas a fazer propaganda em fábricas. Mas eu fazia-o dentro e fora delas. A recepção era sempre calorosa se bem que por vezes também muito ruidosa. Os socialistas de Dartford ficaram bastante irritados até se aperceberam que o seu candidato, o deputado em funções

⁷ N.T. Tariff Reform League no original – Grupo de Pressão criado em 1903 para proteger a Grã-Bretanha do mercado internacional

Norman Dodds, teria tido as mesmas facilidades se se tivessem lembrado de pedi-las. Só não gostava de ir aos pubs e nunca entrava sozinha. Algumas inibições nunca mudam.

Tive a sorte de ter um oponente como Norman Doods, um cavalheiro e genuíno socialista à antiga. Ele sabia que ia vencer, mas foi homem o suficiente para dar uma hipótese a uma jovem mulher ambiciosa com opiniões totalmente contrárias às suas. Após a minha confirmação, desfiou-me para um debate no liceu local, que aceitei prontamente. Fizemos os nossos discursos inaugurais, respondemos a questões e concluímos apresentando as nossas causas. Cada lado tinha os seus apoiantes e o barulho era ensurdecedor. No decorrer da campanha houve ainda um outro debate, igualmente vigoroso mas inconclusivo. O que tornava tudo tão bom era que a disputa se resumia a questões e factos nunca às personalidades individuais dos candidatos. Numa ocasião aconteceu um jornal nacional relatar que Norman Doods apreciava a minha beleza, mas tinha pouca consideração pelas minhas possibilidades de ser eleita, ou mesmo pela minha inteligência. Este perfeito cavalheiro socialista escreveu-me imediatamente negando tal afirmação, ou pelo menos a última parte.

Os meus comícios tinham também muita afluência. Acontecia com alguma frequência terem de fechar as portas vinte minutos antes de se iniciar o comício devido ao grande número de pessoas que se congregavam. Nesta época uma das vantagens de ser mulher era existir um mínimo de cortesia para connosco com a qual podíamos contar, algo que as feministas de hoje fizeram desvanecer. Aconteceu numa ocasião ter chegado a um comício vinda de outra parte do círculo eleitoral e encontrar o orador convidado, um antigo Ministro da Força Área, Lord Belfour of Inchrye, perante uma pequena revolução de arruaceiros na plateia, que se descontrolou de tal forma que se tornou necessário chamar a polícia. Pedi aos organizadores para não chamarem a polícia e assim que assumi o meu lugar no palanque e comecei a falar o tumulto serenou e foi restabelecida a ordem ainda que sem harmonia.

Tive também muita sorte na publicidade que a minha candidatura recebeu tanto a nível nacional como internacional. Com vinte e quatro anos era a mais jovem candidata feminina a lutar na campanha de 1950 e como tal era motivo de conversa. Pediram-me inclusive para escrever sobre o papel das mulheres na política. A minha fotografia apareceu na revista *Life*, na *Illustred London News* lado a lado com grandes homens da política e até a imprensa da Alemanha Ocidental me descrevia como *junge Dame mit Charme*, talvez pela última vez.

Os slogans inventados por mim, ganhavam em frontalidade o que perdiam em subtilidade “Vote Right to Keep what’s Left” e ainda mais direccionado ao cerne da questão “Stop the

Rot, Sack the Lot” e já nesta época os meus discursos transpareciam na totalidade a minha ideologia. Num discurso em Church Hall na Lowfield Street afirmei:

Vamos enfrentar uma das maiores batalhas que este país já viu, uma batalha entre duas formas de vida, uma das quais conduzirá a escravatura e a outra à liberdade. Os nossos opositores querem fazer com que acredite que o Conservadorismo fomenta o privilégio de apenas alguns. Mas o Conservadorismo conserva o que de melhor existe na nossa herança nacional. Qual é um dos princípios do Conservadorismo? A unidade nacional. Nós afirmamos uma nação e não uma classe contra a outra. Não é possível criar uma grande nação ou irmandade semeando o ódio e a inveja.

A nossa política não se baseia no ódio ou inveja, mas na liberdade individual de cada homem e mulher. Não é nosso intuito suprimir o sucesso, é nossa política encorajá-lo e encorajar a iniciativa e energia. Em 1940 não foi o clamor pela nacionalização que fez este país insurgir-se e lutar contra o totalitarismo foi sim o clamor pela independência e liberdade.

Senti que o nosso trabalho árduo compensou ao ouvir os resultados no liceu local pois tinha diminuído a maioria trabalhista em 6000 votos. Foi já de madrugada na festa de Lorde Camerose do Daily Tegrath no Hotel Savoy, para onde eram convidados todos os candidatos, deputados, ministros, personalidades da oposição entre outros dignitários que experimentei a mesma sensação amarga e doce em relação aos resultados nacionais. Os Conservadores reduziram a maioria absoluta Trabalhista de 146 lugares para 5. Era uma vitória mas não era a vitória propriamente dita.

Irei recordar em particular uma experiência que tive enquanto candidata em Dartford. Pediram-me para abrir uma festa Conservadora em Orpington e fui relutantemente persuadida a deixar que me lessem a sina. Alguns adivinhos preferem bolas de cristal mas esta, aparentemente preferia as jóias. Foi-me pedido que retirasse um dos meus fios de pérolas para que pudessem ser sentidas e friccionadas como fonte de inspiração sobrenatural. A mensagem que recebia era com certeza optimista: “Será grande - grandiosa como Churchill”. Todos os políticos têm uma superstição, mas ainda assim esta premonição parecia ridícula. Mas parece haver tanto que depende da sorte, que algo que nos traga um pouco é mais que bem-vindo. Desde dessa altura que considero as minhas pérolas como um amuleto. E no final de contas parece que resultaram.

Casamento, Família e Lei

Tal como tinha dito, os resultados das eleições de 1950 foram inconclusivos. Após o serenar da euforia inicial fica-se com uma sensação de anti-climax. Restavam poucas dúvidas de que os Trabalhistas tinham sido fatalmente feridos e que o *coup de grâce* seria dado na segunda volta das eleições legislativas que iriam acontecer em breve. Mas entretanto existia uma grande incerteza a nível nacional. Também para mim, Dartford era um inconveniente, pois se queria progredir na minha carreira política tinha que encontrar um assento parlamentar que fosse possível vencer. Mas sentia-me moralmente obrigada a lutar mais uma vez por Dartford. Seria errado da minha parte abandoná-los e obrigá-los a ir à procura de outro candidato tão em cima da hora. Além disso era-me difícil conceber que conseguiria causar um impacto igual ao da primeira campanha, numa segunda volta. Estava extremamente cansada, e embora ninguém a quem lhe corra sangue de político nas veias consegue de forma alguma voltar as costas à excitação de uma campanha eleitoral, uma outra campanha num espaço de tempo tão curto não era uma perspectiva sedutora.

Decidi também mudar-me para Londres. Com o pouco dinheiro que consegui poupar com o meu trabalho na J.Lyons, consegui encontrar um apartamento muito pequeno em St George's Square Mews, Pimlico. Mr. Soward (pai) veio de Dartford para me ajudar a decorá-lo. Conseguia ver muito mais vezes o Dennis e em condições muito mais confortáveis, do que na agitação do activismo Conservador em Dartford.

Também aprendi a conduzir e comprei o meu primeiro carro. A minha irmã Muriel tinha um Ford Perfect de antes da guerra que o meu pai lhe tinha comprado por 129 libras e que eu herdava agora. O meu Ford Perfect tornou-se conhecido em Dartford, onde fui reconfirmada, e prestou-me um excelente serviço até o vender pela mesma quantia quando me casei.

As eleições gerais aconteceram em Outubro de 1951. Desta vez consegui tirar mais 1000 votos da maioria de Norman Dodds e fiquei bastante satisfeita por saber que os Conservadores tinham agora uma maioria por dezassete.

Durante o tempo que estive em Dartford continuei a expandir as minhas redes de contactos com as personalidades mais antigas do partido. Tinha discursado como proponente para um voto de confiança a Anthony Eden, que tinha conhecido inicialmente em Oxford, quando ele se dirigiu a um numeroso e entusiasmado comício no campo de futebol de Dartford em 1949. No ano seguinte discurssei enquanto apoiante de uma moção aclamando a liderança de Churchill e Eden num comício de Mulheres Conservadoras no Albert Hall ao qual Churchill respondeu de forma cavalheiresca. Conhecer pessoalmente e falar com o líder, cujas palavras

tanto me inspiraram ao ouvi-lo sentada com a minha família em volta do rádio em Grantham foi uma ocasião única para mim. Em 1950 fui nomeada representante dos Licenciados Conservadores da União Executiva Nacional do Partido Conservador, o que me proporcionou a oportunidade de começar a entender a organização do Partido a nível nacional.

Mas a organização não era o que ambicionava, foram sempre as políticas que me interessaram. Nas férias frequentava os cursos no Swinton College⁸ onde o seu director Reggie Northam, nos instilava o ideal que a batalha da política real era conquistar "os corações e as mentes das pessoas". Reggie Northam era um homem de grande generosidade de espírito e amigo de John Maynard Keys que nos anos 30 tinha ido para o País de Gales para experienciar como viviam os desempregados. Em Swinton e nas variadas reuniões dos Centros Políticos Conservadores (CPC) nos diferentes círculos eleitorais, onde falava com alguma regularidade, fui levada a pensar nas implicações políticas reais de conceitos amplamente difundidos como "Uma Nação", "Democracia de Propriedade" e "Rede de Segurança" (benefícios da Segurança Social).

Os maiores eventos na minha agenda eram a véspera das sessões parlamentares organizadas por Sir Alfred Bossom, deputado por Maidstone, na sua magnificente casa em Carlton Gardens, no.5. Eram montadas várias tendas, bem iluminadas e confortavelmente aquecidas, onde os grandes e os não tão grandes assim, como uma certa Margaret Roberts, conviviam amigavelmente. Sir Alfred Bossom descrevia-se de forma humorada, como o sucessor de Lady Londonderry, a grande anfitriã Conservadora dos anos entre guerras. Tornava-se pois difícil acreditar que atrás do seu exterior amigável e de fácil convívio se encontrava um génio que havia projectado o design revolucionário de alguns dos primeiros arranha-céus de Nova Iorque. Foi sempre especialmente generoso para mim. Foi na sua casa que casei e foi também lá que se realizou o copo-de-água e foi ele quem propôs o brinde à nossa felicidade. Casei num dia de frio e de nevoeiro de Dezembro na Wesley Chapel em City Road. Era mais conveniente para todos que a cerimónia fosse em Londres, mas foi o padre Metodista de Grantham, o nosso velho amigo Rev. Skinner que assistiu o Rev. Spivey, o padre de City Road. Após a cerimónia, todos os meus amigos de Grantham, Dartford, Erith e de Londres voltaram para casa de Sir Alfred Bossom. No final da festa Dennis arrebatou-me para a nossa lua-de-mel na Madeira, onde rapidamente recuperei da minha primeira e última aterradora

⁸ Esta universidade em Yorkshire era frequentada por todos, desde membros do partido até ministros onde frequentavam cursos e debates sobre medidas políticas.

experiência que é uma amargem num hidroavião. E assim iniciei a minha vida de casada, tendo como cenário esta adorável ilha. Quando voltámos da Madeira mudei-me para o apartamento do Dennis em Swan Court, Flood Street em Chelsea. Era um apartamento no sexto andar com muita luz e uma bela vista sobre Londres. Foi também aqui que descobri as maravilhas de viver num espaço com todas as divisões no mesmo andar. Tal como iria acontecer em Downing Street, descobri que esta disposição torna a vida mais fácil de gerir. O apartamento era bastante espaçoso com uma divisão grande que servia de sala de estar e de sala de jantar, dois quartos grandes, um outro quarto que Dennis utilizava como escritório, etc. Dennis deslocava-se todos os dias para Erith voltando bastante tarde. Mas eu tinha sempre muito que fazer, esta era a primeira vez que tomava conta de uma casa. Ficámos amigos dos nossos vizinhos muito rapidamente, pois uma das vantagens de viver num bloco de apartamentos com elevador era que se conhecia toda gente. No final do mês já conhecia quase todos os vizinhos sendo que alguns deles eram bastante distintos. Já pela noite dentro, existia sempre a possibilidade de ouvir Dame Sybil Thorndike com a sua voz contralto inconfundível, ecoando pelo pátio quando voltava dos seus espectáculos. Enquanto lá vivemos houve sempre muito entretenimento, com bebidas à noite ou até mesmo jantar ao fim de semana.

Ser uma jovem mulher casada nestas circunstâncias tão confortáveis é sempre algo maravilhoso se o casamento for feliz tal como o meu. Mas ser uma jovem mulher casada nestas circunstâncias em 1950 era o paraíso. Fico sempre surpreendida quando as pessoas se referem a esta época como um período de repressão, de tédio ou de conformidade. A Época da Ansiedade e coisas que tais. Estes anos foram de centenas de maneiras diferentes o despertar para uma vida normal feliz após as vicissitudes do tempo de guerra e das indignidades mesquinhas da austeridade do pós-guerra. O racionamento terminou e os salários e ordenados começaram a subir. De repente frutos dos quais nunca ouvi falar como bananas e uvas começaram a aparecer nas lojas. Após a monotonia do vestuário Utilitarista, a moda recuperou a confiança e a cor com as saias largas da Dior, vestidos de noite sem alças e os chapéus Ascot. Restaurantes italianos surgiram onde existiam lojas fechadas. Cafés que vendiam cappucinos surgiram nas ruas principais sendo logo baptizados de “frothy coffee” - cafés espumosos. Inventaram-se os adolescentes. A casa do cidadão comum começava a acomodar frigoríficos, aspiradores e máquinas de lavar roupa. Os letreiros mostravam cada vez menos publicidade institucional e cada vez mais publicidade comercial. As antenas de TV multiplicavam-se pelos telhados de Inglaterra. Hollywood respondeu à disposição expansiva destes anos com a invenção do ecrã gigante Cinemascope e com filmes grandiosos

desde épicos bíblicos como *Quo Vadis* ou musicais pitorescos como *South Pacific*. E pessoas que nunca pensaram poder ter umas férias no estrangeiro descobriram Espanha.

Eram anos de abundância e com a abundância veio o abrandamento das restrições que marcaram o estilo de vida inglês desde o tempo da guerra e mesmo de antes do tempo da minha juventude em Grantham. Não vou fingir ter gostado, ou até aprovado todas as expressões desta nova liberdade popular. Quando o Rock and Roll foi importado dos Estados Unidos juntamente com nomes como Bill Haley e Elvis Presley pensei tratar-se de um fenómeno que em breve se dissiparia. Contudo, nunca eclipsaram a minha simpatia pela *Desert Song*. *The Angry Young Man* e os dramas da vida comum⁹ surgiram para desafiar o West End. Mais uma vez assumi tratar-se de um fenómeno passageiro que em breve se dissiparia e além disso estava já farta de lava-loiças na vida real para os estar a ver quando saía. Tão pouco conseguia imaginar que um dia iria ler John Osborne com gosto e que me tornaria amiga íntima de Kingley Amis, grata pelo seu apoio nas guerras culturais na minha administração. E à medida que Ascot, Derby, Henley e Wimbledon recuperavam o seu antigo estilo, os colunistas sociais que viviam destes eventos surgiram dos seus esconderijos do pós-guerra em Obituários ou Dicas para o Jardim. Ler as suas colunas era um prazer envergonhado, tal como devorar bombons de licor. Tenho que admitir que era um prazer ao qual poucos conseguiam resistir. Os leitores começaram a familiarizar-se com personalidades como Lady Docker, Aristóteles Onassis, Stavros Niarchos. Monte Carlo tornou-se mais uma vez sinónimo de luxo.

O sentimento geral era que após os sacrifícios dos últimos vinte anos, as pessoas queriam divertir-se e aproveitar a vida. Apesar de provavelmente ser mas circumspecta que os meus contemporâneos, eu e o Dennis desfrutávamos a vida como a maior parte das pessoas e mais do que outras. Íamos ao teatro, fazíamos viagens a Roma e Paris, hospedados sempre em hotéis modestos, organizávamos e comparecíamos em festas, foram tempos maravilhosos.

Mas na época, o ponto alto das nossas vidas foi a coroação da Rainha Isabel em Junho de 1953. Aqueles que tinham televisão, aparelho que ainda não possuíamos, organizaram festas em casa com os amigos para assistirem a esta grandiosa ocasião. Sendo eu e o Dennis

⁹ N.T. Kitchen-sink drama no original - Designação para um tipo de drama que surge em Inglaterra no final da década de 60. O termo surge associado à peça que John Osborne apresenta a 8 de Maio de 1956 no London's Royal Court Theatre, *Look Back in Anger*. Esta peça, símbolo de uma geração que ficou conhecida como "angry young men", é um retrato genuíno da vida da classe média-baixa em Inglaterra. Uma classe social que vive uma época de descrença total no poder político, que vive uma revolta contra a ordem social estabelecida. A santidade do casamento, os tabus face ao sexo, os valores da vida familiar, bem como as convenções consolidadas da Igreja foram mais do que nunca postas em causa. (E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia 2010)

fervorosos apoiantes da monarquia, decidimos que a ocasião merecia a extravagância de um lugar sentado em zona coberta na bancada colocada na Parliament Square mesmo em frente a Westminster Abbey. Os bilhetes foram um investimento mais valioso do que o Dennis supôs no dia em que os comprou. Choveu todo o dia e a maior parte das pessoas estava encharcada, já não falando nas carruagens abertas no decorrer do grande cortejo. A Rainha do Tonga nunca mais usou aquele vestido e o meu ainda fez muitas mais aparições.

Embora a vida de casada em Londres fosse muito agradável, eu arranjava ainda tempo após terminar as tarefas domésticas para prosseguir o meu interesse intelectual de longa data pelo Direito. Tal como o meu fascínio pela política também o meu interesse pelo Direito foi estimulado pelo meu pai. Apesar de não ser magistrado, enquanto presidente da câmara de Grantham em 1946-46 o meu pai tinha acesso automático à bancada de magistrados. Durante as férias universitárias deslocava-me com ele às Sessões Trimestrais, durante as quais muitos delitos menores eram julgados, onde se encontrava sempre um advogado experiente como Juiz. Numa dessas ocasiões eu e o meu pai tivemos a oportunidade de almoçar com um destes juízes o Conselheiro Real Norman Minning. Fiquei fascinada com o que via no tribunal, mas fiquei encantada com o discurso de Norman Winning sobre a prática e teoria do Direito. A certa altura simplesmente saiu-me: "Gostaria tanto de ser advogada, mas tudo o que sei é sobre química e não posso mudar de curso em Oxford agora." Norman Winning respondeu que ele próprio tinha-se licenciado em Física e que tinha feito a segunda licenciatura em Direito. Respondi que me era impossível custear todos esses anos extra na universidade ao que ele respondeu que existia outra forma de o fazer, perfeitamente exequível contudo muito exigente, que implicava arranjar emprego perto ou em Londres, associar-se a um tribunal e estudar para os exames de Direito à noite. E em 1950 foi exactamente o que fiz. Tendo agora o apoio do Dennis podia dar-me ao luxo de me concentrar nos meus estudos de Direito sem ter de arranjar um novo emprego. Havia muito para ler e frequentava cursos no Council Legal Education.

Decidi que gerir a minha casa e estudar para a prática da advocacia implicava colocar as minhas ambições políticas de lado durante algum tempo. Com vinte seis anos podia dar-me a esse luxo e informei o partido das minhas intenções. Mas sendo uma jovem candidata ainda atraía ocasionalmente atenção pública. Por exemplo, em Fevereiro de 1952 um dos meus artigos apareceu no *Sunday Graphic* na temática sobre as mulheres "At the Dawn of the new Elizabethan Era". Encontrava-me também na lista dos oradores mais requisitados do partido e era convidada para círculos eleitorais de norte a sul do país. De qualquer das formas, por muito que tentasse, o meu fascínio pela política acabava sempre por prevalecer.

Conversei com o Dennis, que disse que me iria apoiar qualquer que fosse a minha decisão. Então em Junho fui ter com Beryl Cook na sede e disse-lhe: “ Não vale a pena e tenho de admiti-lo, não gosto de ficar fora da cena política”. E tal como eu previa que faria a “Tia Beryl” apoiou-me totalmente e encaminhou-me para o vice-presidente para os candidatos, John Hare. Da forma mais amável possível falou-me sobre as pressões que um lugar na Câmara dos Comuns exercia sobre a vida familiar, mas eu disse-lhe que já tinha conversado com o Dennis sobre o assunto e que estávamos preparados para as enfrentar. Informei-o que gostaria de ter a hipótese de lutar por um lugar seguro ou passível de ser ganho. Concordámos que dados os meus outros compromissos, este lugar deveria ser em Londres ou num raio de 25 quilómetros. Pedi prontamente para ser considerada para Canterbury que se encontrava no processo de selecção de candidato. Deixei a sede bastante satisfeita com o resultado dos encontros, apesar de não ter conseguido Canterbury.

Em breve a questão que John Hare levantou sobre como iria combinar a minha vida doméstica com a minha vida política tornou-se ainda mais sensível, pois em Agosto de 1953, os gémeos Mark and Carol decidiram dar o ar da sua graça. Já tarde, numa quinta-feira à noite, seis semanas antes da data prevista daquele que na altura era apenas “o bebé”, comecei a sentir dores. Tinha ido ao médico nesse dia que me pediu para voltar na segunda-feira para fazer um RX pois havia algo que ele queria confirmar. Mas nesse momento a segunda-feira estava demasiado longe e fui levada imediatamente para o hospital. Deram-me um sedativo que me ajudou a passar a noite. E na sexta-feira de manhã fiz o RX e para grande surpresa minha descobri que iria ser mãe de gémeos, mas infelizmente a história não termina aqui. A situação exigia uma cesariana no dia seguinte. Os dois pequenos bebés, um rapaz e uma rapariga, tiveram de esperar antes de ver o pai. O Dennis convencido que tudo decorria dentro da normalidade, deslocou-se ao Oval para ver o Teste Match e foi impossível contactá-lo. Nesse dia recebeu duas notícias boas e ambas surpreendentes. A Inglaterra venceu o torneio de críquete Ashes e tornou-se pai de gémeos.

Tive de ficar no hospital mais de quinze dias, de facto, nessa época era normal ficar pelo menos três semanas no hospital, o que significava que após os primeiros dias de recuperação mais desagradáveis fiquei com bastante tempo livre. Estávamos à espera da chegada de apenas mais um membro à família Thatcher, por isso a primeira e mais urgente tarefa era telefonar para todas as lojas para encomendar dois em vez de um de todos os artigos. Por estranho que pareça a profundidade do alívio e felicidade de ter trazido o Mark e a Carol ao mundo faziam-me sentir inquieta. A ligação de uma mãe com os seus filhos é talvez a emoção mais forte e instintiva que existe. Nunca fui daquelas pessoas que considera ser “só”

mãe ou “só” esposa como um trabalho menor. Ouvir essa expressão antes e mesmo depois de me tornar Primeira-ministra irritava-me profundamente. Obviamente que ser mãe e esposa era uma vocação do mais alto valor. Simplesmente para mim não preenchia a totalidade da minha vocação. Eu sabia que também queria uma carreira. Usava com frequência a frase de Irene Ward, deputada por Tynemouth “enquanto o lar deve ser sempre o centro da nossa vida, não deve ser o limite da nossa ambição”. A verdade é que simplesmente precisava de uma carreira, porque sou esse tipo de pessoa. E não podia ser uma carreira qualquer. Tinha de ser uma carreira que me mantivesse mentalmente activa e que me preparasse para o meu futuro político para o qual acreditava estar talhada.

Foi então no final da minha primeira semana no hospital que decidi o que iria fazer. Tinha o formulário de candidatura que me tinha sido enviado em Dezembro, pela Ordem para realizar o exame. Preenchi-o e enviei o dinheiro para pagar o exame sabendo que este pequeno truque psicológico garantia que iria mergulhar nos meus estudos de Direito quando regressasse a Swan Court com os gémeos e que teria de organizar a minha vida de forma a ser mãe e uma profissional.

E isto não era assim tão difícil como parece. O apartamento em Swan Court era bastante espaçoso, apesar de não ser ideal, pois sendo no sexto andar tivemos de colocar grades em todas as janelas. Como não tinha jardim os gémeos tinham de sair duas vezes por dia para ir a Ranelagh Gardens. Estas saídas acabaram por se revelar bastante proveitosas pois permitia-lhes brincar com outras crianças, apesar de, antes de sabermos as regras, termos visto a nossa bola confiscada pelo fiscal do parque. Normalmente era a ama, a Bárbara que levava o Mark e a Carol ao parque, excepto ao fim de semana onde eu assumia essas funções. A Bárbara tinha sido formada pelo Dr. Barnardo e tornou-se uma amiga maravilhosa para as crianças.

Os anos 50 marcaram o início de uma grande mudança no papel das mulheres. Normalmente eram já de meia-idade quando o último filho abandonava o ninho; trabalhavam em casa; sem a ajuda de qualquer aparelho doméstico as tarefas levavam muito mais tempo; e o lar era também um local mais social, desde o leiteiro e o limpa-janelas a pararem para um chá ou para dois dedos de conversa. Como consequência poucas mulheres tinham a oportunidade ou sentiam a necessidade de trabalhar fora de casa. Os anos 50 marcaram o princípio do fim deste mundo que nos anos 80 tinha mudado de forma irreconhecível. As mulheres eram mais jovens quando os filhos saíam de casa pois as famílias eram mais pequenas, o trabalho doméstico tornou-se mais leve devido aos novos equipamentos domésticos e as entregas ao domicílio foram substituídas por visitas semanais ao centro comercial ou supermercado. Os anos 80 viram ainda outra alteração profunda, pois a tendência era as mulheres continuarem

a trabalhar no início do casamento e deixarem de trabalhar para ter filhos quando passavam dos 30 anos.

Estas mudanças resultaram no surgimento de um poderoso lobby maioritariamente de classe média que exigiam benefícios fiscais no que respeita aos cuidados infantis, ou seja amas, despesas com pré-primária, ou disfarçados de educacionais com os centros de animação de tempos livres. Enquanto Primeira-Ministra consegui resistir a esta pressão. Na minha opinião as mães trabalhadoras, que para todos os efeitos acrescentam um ordenado ao rendimento familiar, não devem de ser subsidiadas por impostos pagos por casais onde a mulher fica em casa e onde existe apenas um ordenado. É uma questão de justiça.

Claro que estes argumentos gerais não afectavam as minhas decisões enquanto jovem mãe, pois tinha a sorte de poder contar com o ordenado do Dennis para contratar uma ama para tomar conta das crianças na minha ausência. Podia assim combinar as funções de boa mãe com as de profissional eficiente, desde que organizasse a minha vida de forma inteligente e até ao último detalhe. Não bastava ter alguém para tomar conta das crianças, pois tinha de me organizar para garantir que passava bastante tempo com elas. Tinha já terminado os meus estudos e era já advogada e tinha alguma liberdade nos casos que aceitava, por isso conseguia de alguma forma ajustar os meus trabalhos às exigências da vida familiar. No que diz respeito à política, vivíamos em Londres, o meu marido trabalhava na área de Londres, o Parlamento era em Londres, era por isso lógico que tivesse de encontrar um círculo eleitoral perto ou em Londres. Foi esta pouco usual combinação de factores que permitiu que eu ponderasse candidatar-me a Deputada sendo as crianças ainda tão pequenas.

Pouco tempo após o nascimento dos gémeos, John Hare escreveu-me

Fiquei feliz em saber que teve gémeos. Que inteligente. Como é que isso vai afectar a sua posição como candidata? Tenho avançado com o seu nome, de bom grado, mas se quiser que eu desista, diga-me.

Respondi agradecendo e informando:

Tendo sido inesperadamente mãe de gémeos, não fazíamos ideia que eram dois até ao dia que nasceram, penso ser melhor não avançar com uma candidatura pelo menos nos próximos seis meses. A minha casa precisa de uma considerável reorganização e preciso de encontrar

uma ama de confiança para que possa sem constrangimentos empreender outras actividades com o fervor necessário.

Então a minha candidatura estava tal como o John Hare disse "em banho-maria". A decisão de quando regressar à lista de candidatos activos dependia apenas de mim.

Os seis meses de limbo político por mim decididos passaram muito depressa. Passei, tal como me competia, nos exames da Ordem. Estava a considerar especializar-me em direito de patentes pois considerei que poderia assim fazer uso do meu conhecimento industrial e científico. Mas aparentemente as oportunidades nesta área eram muito limitadas e talvez o direito fiscal fosse uma melhor aposta. De qualquer forma precisava em primeiro lugar, de bases em direito penal. Por isso, em Dezembro de 1953 juntei-me à Frederick Lawton's Chambers que pertencia à Inner Temple para um estágio de seis meses. O Fred Lawton era um escritório de direito canónico. Ele era de facto um dos melhores advogados criminais que conheci. Era espirituoso, sem quaisquer ilusões sobre a natureza humana ou sobre a sua profissão, extraordinariamente lúcido e um mentor amável.

De facto passei ainda por mais quatro escritórios, tal aconteceu em parte porque tinha de ganhar experiência em diferentes áreas antes de me especializar em direito fiscal. Testemunhei então a retórica explosiva do direito criminal.

Mas comecei a compreender que o direito fiscal poderia mesmo ser o meu forte. Tornava-se um ponto de contacto com o meu interesse pela política, e permitia a junção perfeita entre a teoria e a prática. E se havia certezas, uma delas era que nunca existiria uma escassez de clientes desesperados por encontrar o seu caminho na selva que é o complexo e em constante mudança mundo do direito fiscal.

Estudar, observar, discutir e praticar os conceitos da lei teve um profundo efeito nas minhas perspectivas políticas. E nisto eu era provavelmente um pouco invulgar pois normalmente a familiaridade neste caso com a lei poderia, de alguma forma, fazer com que a visse com outros olhos ou pelo menos de forma mais cínica. No meu caso, contudo, esta familiaridade fez com que atribuísse muito mais significado à expressão "Estado de Direito", expressão tão frequentemente e por vezes levianamente utilizada pelos Conservadores.

Desde os tempos em que estudei na universidade e até antes disso construí uma noção clara do que distinguia um regime livre e um regime opressor, onde na primeira situação governava o direito e a força governava na segunda. Mas qual era a essência deste "direito"? De que forma evoluiu? E por que motivo estava tão enraizado na Grã-Bretanha e como a história actual mostrou, tão pouco enraizado noutros locais? Os manuais que agora estudava não tinham como propósito responder a tais questões. Mas os princípios do direito que

continuamente expunham levantavam essas mesmas questões. Ao mesmo tempo que lia sobre os grandes juízes das épocas da formação da lei inglesa, crescia o meu fascínio pelo cumulativo e misterioso processo pelo qual os tribunais de Inglaterra sulcaram as fundações da liberdade do país.

Mas foi a escrita de A.V. Dicey, sobretudo o manual clássico *The Law of the Constitution*, que maior impacto teve em mim. Há já bastante tempo que era moda atacar Dicey pela sua doutrina de oposição ao novo estado administrativo, e existem muitos comentadores letrados que têm a tendência para o fazer. Mas consegui imediatamente identificar-me com ele, talvez pelo facto de, apesar de ser uma mente legal brilhante, era, no seu íntimo um liberal clássico. A “lei da constituição” de Dicey era, nas suas próprias palavras, o resultado de dois “princípios básicos que foram gradualmente conseguidos pelos esforços mais ou menos conscientes de gerações de estadistas e advogados ingleses”. O primeiro destes princípios era a soberania do Parlamento. O segundo era o estado de direito, o qual resumo de forma breve e desadequa como sendo o princípio de que ninguém está acima da lei.¹⁰ Para Dicey, que escreveu em 1885, e para mim que o lia setenta anos depois, o estado de direito tenha uma sensibilidade muito inglesa ou pelo menos anglo-saxónica. Apenas mais tarde ao ler as obras-primas de Hayek *The Constitution of Liberty and Law, Legislation and Liberty* consegui compreender este conceito como tendo uma aplicação mais vasta.

Quando a política nos corre nas veias, todos os caminhos parecem conduzir-nos a ela. Fosse reflectindo sobre Dicey, analisando a complexidade do direito fiscal ou debatendo assuntos da actualidade com os membros da Inns of Court Conservative Society, as questões políticas insistiam em prevalecer na minha imaginação. Por isso, quando em Dezembro de 1954 fiquei a saber que existia uma vaga para a candidatura Conservadora em Orpington, que sendo próxima do meu antigo círculo eleitoral Dartford conhecia bem e também não era longe de Londres, telefonei para a sede para que considerassem a minha candidatura. Fui entrevistada e passei a fase seguinte. Aquando da reunião de selecção encontrava-me junto à porta com o Dennis e ouvi o Donald Sumner, o candidato local (e presidente da Associação), a verbalizar o argumento decisivo do seu discurso, pois o que Orpington realmente precisava era de “um deputado que realmente soubesse o que se passava no círculo, que conhecesse o estado das estradas em Lockbottom”. Eu e o Dennis rimos as bandeiras despregadas, contudo foi o Donald quem preencheu a vaga.

¹⁰ A.V. Dicey, *Introduction to the study of the law of the Constitution* (8ª Edição, 1915).

Fiquei obviamente desiludida com esta decisão pois Orpington teria sido o círculo eleitoral ideal para mim. Parecia-me muito pouco provável que outro lugar similar a este surgisse antes daquilo que parecia serem eleições legislativas eminentes. Então escrevi para John Hare a dizer que "continuará na Ordem, projectando uma carreira parlamentar para um futuro longínquo". Conhecendo-me talvez melhor do que eu própria, escreveu-me de volta a pedir que reconsiderasse caso um lugar com boas perspectivas de vitória surgisse em Kent. Mas eu estava irredutível, embora deixasse claro que continuava disponível para falar nos círculos eleitorais e que me manteria activa na campanha para as eleições legislativas.

Apesar de ser de uma forma geral uma Conservadora leal, há já algum tempo que sentia que o governo podia ter feito mais e mais depressa no dismantelar do socialismo e a promover políticas de livre iniciativa. Mas não tinha sido fácil convencer a opinião pública, ou a si próprios, que estas mudanças fortaleceriam o país. De facto em 1955 foi conseguido um modesto mas seguro progresso, no que diz respeito à eliminação de controlos e ainda mais modesto na devolução das indústrias nacionalizadas ao sector privado. Acabaram de vez com o racionamento de comida. Foram tomadas medidas para restaurar a conversibilidade da moeda. A nacionalização do ferro e do aço foi interrompida e incentivou-se o transporte rodoviário de mercadorias. O mais importante era que o PNB absorvido pelo Estado tinha começado a diminuir a partir de 1951. E houve ainda um outro desenvolvimento de grande importância para o futuro pois terminou o monopólio da emissora BBC nascendo assim a televisão comercial.

A Crise do Suez e o Depois

O pensamento Conservador sobre medidas políticas também estava a ficar mais confiante e também mais radical. Esta situação pode ser ilustrada pela comparação entre as duas publicações mais influentes produzidas pelo partido nestes anos, *One Nation* (Outubro 1950) e *Change is our Ally* (Maio de 1954). Ambos foram escritos por um grupo de jovens deputados extraordinariamente talentosos incluindo Enoch Powell, Angus Maude, Robert Carr (só em *One Nation*) e Ted Heath e Ian Macleod. *One Nation* era, reconhecidamente, sobre as políticas sociais que eram um assunto complicado, especialmente numa época em que era óbvio que o governo Conservador teria que reduzir a despesa pública. Mas a relativa moderação deste documento, que enfatizava bastante o compromisso dos Conservadores para com uma "rede de segurança" de benefícios garantindo um padrão de vida abaixo do qual ninguém deve estar, e a noção de Anthony Eden de fortalecimento dos mais fracos em

vez do enfraquecimento dos fortes, sugeriam um exercício bem como uma mentalidade defensiva.

Change is our Ally tornou-se um documento muito mais interessante, após o ter voltado a ler no final dos anos 80, pois descobri que continha quase a mesma análise que tínhamos adoptado desde que me tinha tornado Líder do Partido. Inicia traçando o crescimento do colectivismo na economia Britânica entre as guerras. Atacava ferozmente a noção que o planeamento da economia na Segunda Grande Guerra podia ser estendido em época de paz de forma adequada. Sublinhava inclusive aquilo que todos sabiam ser verdade mas que durante os anos da guerra ninguém se atrevia a dizer. O sistema de planeamento no tempo de guerra tinha sido ineficiente, dispendioso e burocrático, contudo necessário perante a urgência que a nação enfrentava na altura. As loucuras e os absurdos do plano económico, com as suas previsões detalhadas e objectivos quantificados, foram mais tarde expostos por comparações retrospectivas, tanto pelos pressupostos do estudo não oficial de Lorde Beveridge *Full Employment in a Free Society* publicado em 1944, e a situação que se vivia dez anos depois. Resumia-se a admirável senso comum. Ressalvando que também eu não posso assumir o crédito de ter pensado em tal na altura, aquilo que os autores de *Change is our Ally*, bem como aqueles que participaram no manifesto Conservador do ano seguinte não fizeram foi propor o total desmantelamento do cooperativismo na indústria ou a reforma da Segurança Social. Mas a meio da década de 50 o partido Conservador trabalhava com uma análise de mercado consistente e autónoma, que no devido tempo e de acordo com as oportunidades do governo, levou a políticas de mercado livre. Esta não foi contudo a forma como a situação se viria a desenrolar.

Em Abril de 1955 Churchill demitiu-se como Primeiro-Ministro e foi sucedido por Anthony Eden, e numa rápida sucessão ocorreram novas eleições legislativas, um novo governo Conservador, o conflito do Suez e a chegada ao No.10 de Harold Macmillian, o feiticeiro da mudança.

Durante as eleições legislativas de Maio de 1955 discursi em diversos círculos eleitorais, mas isto tornava-se em algo monótono. Quando já se foi candidato tudo o resto se torna insípido. Além disso restavam muito poucas dúvidas do resultado destas eleições e de facto os Conservadores ganharam com uma maioria de 58%. Mas a lua-de-mel da administração de Eden revelou-se bastante curta. Depressa veio a lume que o Orçamento pré-eleitoral de Rab Butler fora demasiado folgado ao que se seguiu um Orçamento rectificativo de emergência em Outubro o que manchou bastante a reputação de Butler como Ministro da Economia e Finanças e prejudicou seriamente o Governo, sendo substituído por Harold

Macmillian seis meses mais tarde. Mas obviamente foram os assuntos estrangeiros que foram a verdadeira ruína de Eden.

Os antecedentes que conduziram à crise do Suez de Julho a Novembro de 1956 têm sido bastante debatidos. Na época, a opinião geral, pelo menos entre os Conservadores, era que a Grã-Bretanha era uma grande potência que não devia de ser provocada pelo Egipto de Nasser e que este precisava de uma lição, nem que fosse *pour encourager les autres*. Muitos dos detalhes como o acordo secreto entre a Grã-Bretanha e a França de um lado e Israel do outro não estavam disponíveis para a população em geral na época. Mas para nós parecia quase incompreensível como é que Anthony Nutting e depois o meu velho amigo Edward Boyle se demitiram do governo como forma de protesto contra a intervenção. À luz do presente as suas acções são mais compreensíveis, embora após todos estes anos eu continue a não apoiar a sua decisão.

O equilíbrio entre o interesse e o princípio na situação no Suez não é fácil. Eu não teria nada a apontar sobre o direito de a Grã-Bretanha responder à usurpação ilegal de Nasser de um canal marítimo internacional, se a acção tivesse sido rápida e decisiva. Todavia, no Verão fomos ludibriados por um ditador esperto que nos colocou numa posição onde os nossos interesses só poderiam ser protegidos se ignorássemos os nossos princípios legais. Entre as muitas razões que existiam para criticar a coligação Anglo-Francesa-Israelita era que estava destinada a manchar a nossa causa, tal como veio a acontecer. Ao mesmo tempo o Suez foi a última vez que os poderes europeus tiveram a oportunidade de resistir e de tirarem do poder um ditador do terceiro mundo que não mostrava qualquer interesse em acordos internacionais, excepto aqueles nos quais ele podia lucrar. A vitória de Nasser teve como consequências a queda do regime pro-ocidente no Iraque, a ocupação do Iémen pelo Egipto e o cerco de Israel que levou à Guerra dos Seis Dias e as “facturas” ainda continuavam a chegar quando eu abandonei as funções.

Ao conhecer melhor estes contornos, retirei quatro lições deste triste episódio. Em primeiro lugar, nunca devemos entrar numa operação militar a não ser que estejamos determinados e que tenhamos as condições para a terminar. Em segundo lugar, nunca nos devemos encontrar no lado oposto aos Estados Unidos numa crise internacional que afecte os interesses Britânicos. Terceiro, devemos de nos assegurar que as nossas acções estão de acordo com a lei internacional. E por fim quem hesita, perde.

Na época eu defendia com todas as forças a campanha no Suez. Sentia-me horrorizada por aquilo que me parecia oportunismo da parte do partido Trabalhista ao serem contra a operação quando a apoiaram no início. O Dennis e eu estávamos entre os milhares de leitores

que cancelaram a subscrição do *Observer* e juraram não mais voltar a lê-lo pela sua posição contra a operação no Suez. Isto não significava que não tivesse dúvidas. Apesar de nestes dias ter menos consciência das subtilezas do direito internacional do que a que ganharia mais tarde, parecia-me no mínimo estranho ler no vespertino que agarrei na Chancery Lane as seguintes parangonas "Ultimatum!". Os britânicos e os franceses exigiam que os egípcios e os israelitas se retirassem do canal e que permitissem a instalação de uma força anglo-francesa para os separar e proteger o canal marítimo. Eu não compreendia como é que os britânicos podiam emitir um ultimato aos egípcios para se retirarem do seu próprio território. Ainda assim engoli todas as minhas hesitações e apoiei Eden.

Em termos políticos o desaire do Suez foi um duro golpe. Apesar de ter levado muitos anos até se saber o que realmente aconteceu foi imediatamente óbvio que o Governo fora incompetente e que essa incompetência tinha sido exposta da forma mais humilhante. Para um Governo Conservador com a agravante de chefiado por alguém cuja reputação tem por base a sua conduta em assuntos externos este resultado foi particularmente prejudicial. O estado de espírito dos seus apoiantes Conservadores era de desânimo a aproximar-se do desespero. A reacção do Dennis que era um ex-oficial da Royal Artillery foi de raiva aguçada pelo facto de as nossas tropas terem sido defraudadas ao terem de abortar a operação quando estava quase concluída. Tal como ele me disse: "Nunca se anuncia um cessar-fogo quando as tropas estão em patrulha!". E eu lembrar-me-ia destas palavras no decorrer dos anos, os políticos nunca devem tomar decisões sem ter em consideração o que estas representam para as forças no terreno.

Condenámos também veemente a conduta dos Estados Unidos. Alguns Conservadores nunca perdoaram os americanos e pode ser atribuída a esta situação a anti-americanismo que ainda existia em alguns círculos de direita, quando eu era Primeira-ministra. Também eu me sentia desiludida pelo nosso tradicional aliado, apesar de na altura não perceber que também Eisenhower se sentia desiludido pela decisão anglo-francesa de lançar operações militares nas vésperas de eleições presidenciais às quais concorria sob o lema da paz. Mas em qualquer dos casos sentia que a "relação especial" com os nossos irmãos transatlânticos tinha fundações demasiado sólidas para ficar abalada mesmo com uma crise como a do Suez. Algumas pessoas argumentavam que a crise do Suez apenas mostrava que os americanos eram adversos ao papel imperial britânico, e que sendo agora uma superpotência não eram de confiança e que a única solução era uma maior integração europeia. Mas, tal como tinha argumentado, havia uma alternativa e uma conclusão totalmente opostas. As de que a política externa britânica não poderia ser levada a cabo sem o apoio dos Estados Unidos. Em

retrospectiva é possível entender a crise do Suez como catalisadora não intencional da necessária transferência pacífica do poder da Grã-Bretanha para a América como a derradeira defensora dos interesses ocidentais e do sistema económico liberal internacional.

Mas a crise do Suez não era a maior das minhas preocupações mas sim a falta de consciência da crueldade do comportamento da União Soviética na repressão da revolução Húngara de Novembro de 1956, mesmo sob a liderança do animado Nikita Khrushchev, que tinha visitado a Grã-Bretanha alguns meses antes com a sua adorável esposa. Nunca supus que o comunismo mesmo tendo um rosto conseguisse de alguma forma gerar um coração. Mas na altura parecia-me incrível que a União Soviética estivesse preparada para desfazer todos os esforços que fez desde a morte de Estaline para melhorar a sua imagem com uma afronta tão cruel e bárbara à decência. Alguns anos mais tarde discuti a minha reacção com Bob Conquest, que me deu sábios conselhos quando me tornei Líder da oposição e cujo livro *The Great Terror* do final de 1960 expôs pela primeira vez a escala dos assassinatos de Estaline. Este dizia que o erro clássico que todos nós cometemos ao lidar com os soviéticos foi assumir que eles iriam agir como os ocidentais perante as mesmas circunstâncias. Os soviéticos estavam moldados de uma forma muito diferente e por uma cultura política muito mais brutal. Foram estas lembranças que me levaram, após a invasão do Iraque ao Irão em Setembro de 1980, a pedir aos Serviços Secretos para rever casos como o da Hungria, que não tínhamos conseguido antecipar, tendo falhado em penetrar na psicologia do agressor e como tal retirar conclusões para acções futuras.

Porém, havia pouco que pudéssemos ter feito para evitar a tragédia na Hungria, e a NATO jamais teria arriscado uma guerra pela Hungria, tendo ou não acontecido a crise do Suez. Mas muitos húngaros pensaram ter sido levados a acreditar no contrário, o que acrescentou ainda mais amargura à nossa traição. Lembro-me de uma entrevista a uma cidadã húngara abrigada numa cave onde afirmava:” O Ocidente não nos virá ajudar. A liberdade é muito egoísta.” Esta censura envergonhou-me. Independentemente de estarmos ou não em posição de fazer algo, parecia-me que o mundo se dividia em esferas de influência que condenavam esta mulher a viver sob o jugo comunista e isto era algo que tenha de ser alterado.

Mas após o fiasco do Suez tornou-se óbvio que Anthony Eden não poderia continuar como Primeiro-ministro. Este adoeceu durante a crise e demitiu-se em Janeiro de 1957. Nos círculos por onde me movimentava existia muita especulação sobre quem seria o seu sucessor, pois como é óbvio nessa época os líderes Conservadores “emergiam” em vez de serem eleitos. Os meus amigos Conservadores no escritório estavam convencidos que Rab Butler nunca seria convocado pela Rainha pois era demasiado de esquerda. Ao contrário, o

Ministro da Economia e Finanças aquando da crise do Suez, Harold Macmillian, era considerado o candidato da direita. Tudo isto mostrava o quão pouco sabíamos sobre as convicções passadas e futuras de ambos os homens, particularmente da figura esquiva e genial que em breve se tornaria Primeiro-Ministro.

Harold Macmillian tinha os pontos fortes e as fraquezas de um político reconhecido. Cultivava um estilo lânguido e antediluviano que não era, nem tencionava ser, suficientemente convincente para esconder a sua astúcia. Era um homem de máscaras, pois era, por exemplo, impossível descortinar que por detrás da sua fachada cínica Eduardiana se escondia uma das almas mais profundamente religiosas da política.

O maior e mais duradouro feito de Harlod Macmillian foi o de restabelecer as relações com os Estados Unidos. Esta era uma condição essencial para que a Grã-Bretanha se conseguisse reerguer e recuperar a sua reputação. Infelizmente foi incapaz de reparar os estragos infligidos pela crise do Suez na moral da classe política britânica podendo-se inclusive falar de um verdadeiro “síndrome do Suez”. Passaram de acreditar que a Grã-Bretanha era capaz de fazer qualquer coisa até à crença quase neurótica que a Grã-Bretanha não era capaz de fazer nada. Isto era um exagero grotesco. Na época éramos uma potência diplomática média a seguir à América e à União Soviética, éramos uma potência nuclear, um dos membros mais influentes da NATO, membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e o centro de uma poderosa Commonwealth.

O impacto que Macmillian provocou nos assuntos internos foi misto. Sob a sua liderança ocorreu a liberalização das rendas no sector privado em 1957, que reduziu o âmbito do controlo das rendas que existia de uma ou outra forma desde 1915. Contudo, no geral, a liderança de Macmillian guiou o Partido na direcção da intervenção do estado, uma tendência que se acentuou a partir de 1959.

Mesmo na época certos acontecimentos fizeram-me sentir pouco à vontade. Quando Peter Thorneycroft, Enoch Powell e Nigel Birch, ou seja, toda a equipa do Tesouro, se demitiram por causa do aumento de 50 milhões da despesa pública em Janeiro de 1958, Macmillan falou com humor sobre “pequenas dificuldades locais”. Não me sentia na posição de julgar qualquer um dos lados da disputa em si. Mas a administração dos dinheiros públicos não me parecia uma causa tão ignóbil que levasse a uma demissão. Os primeiros passos para fora do caminho da rectidão financeira tornam o seu abandono total muito mais fácil. E este abandono traz as suas próprias consequências adversas e foi esse o caso nos anos que se seguiram.

Mas o Partido tinha em Macmillian um político perspicaz e hábil. Logo no verão de 1957 percebeu que o nível de vida do cidadão comum estava a aumentar rapidamente e que esta era a grande esperança para o sucesso político. Foi nesta altura que ele observou que “ a maior parte do nosso povo nunca viveu tão bem”.¹¹

O partido Trabalhista e os críticos atacaram esta declaração para mostrar a complacência e materialismo de Macmillian. Mas isto era com efeito verdade e politicamente forte. Existia o sentimento de que as coisas de facto nunca tinham estado tão boas, e esta situação era atribuída à iniciativa privada em detrimento do planeamento. A última coisa que o país queria era voltar ao estrangulamento que advinha da austeridade. Por isso os ataques ao “Super-Mac” faziam ricochete.

Dito isto é necessário salientar que a recuperação política não foi de todo imediata. No congresso do Partido em Outubro de 1957, um dos poucos ao qual não compareci, as sondagens mostravam a intenção de voto de 52% para os Trabalhistas e 33% para os Conservadores.

Para além de tudo isto, o partido Liberal infligiu-nos um duro golpe ao ganhar Torrington nas eleições intercalares de Março de 1958.

Os Conservadores só conseguiram alcançar os Trabalhistas nas sondagens no final do verão desse mesmo ano. Em 1959 nas eleições legislativas os dois partidos lutavam descaradamente apelando ao desejo da nação de auto-promoção material. O programa eleitoral dos Conservadores declarava abertamente: “ A vida é muito melhor com os Conservadores, não deixem os Trabalhistas arruiná-la”. E continuava com a promessa de duplicar o nível de vida dos Britânicos numa geração. Após alguns dias desde o início da campanha o líder Trabalhista Hugh Gaitskell prometeu que não haveria aumento de impostos apesar de todas as despesas extra que os Trabalhistas planeavam, o que até num clima de optimismo político é uma promessa fatal.

Finchley Road

Muito antes disto já eu tinha entrado na refrega. Em Fevereiro de 1956 escrevi ao Donald Kaberry, vice-presidente do Partido que coordenava os candidatos:

¹¹ Fiz sempre questão de sublinhar que a verdade é que ele continuou a falar: ” O que começa a preocupar alguns de nós é “ Será bom de mais para ser verdade”? Ou talvez deva dizer “Será que é bom demais para durar”? Pois, entre toda a prosperidade existe um problema que desde a guerra nos vem a preocupar de uma forma ou outra e esse problema é a subida dos preços.

Há já algum tempo que sinto a tentação de voltar à política activa. Quando fui chamada para a Ordem tencionava concentrar-me apenas no meu trabalho de advocacia mas a pouca experiência que adquiri na Associação de Direito Fiscal e em assuntos empresariais, em vez de me ter afastado da política fez com que prestasse mais atenção ao organismo que é responsável pela legislação sobre a qual tenho os meus próprios pontos de vista.

Encontrei-me com o Donald Kaberry no mês seguinte. Não existia qualquer entrave a voltar a entrar nas listas de candidatos, desta vez para ser considerada apenas para assentos parlamentares Conservadores seguros. Fiquei ainda mais satisfeita pois encontrei em Donald um amigo, bem como uma fonte de conselhos sábios, constante e de confiança, o que não era pouco para uma candidata aspirante.

Tive menos sorte na recepção que tive nos Comités de Selecção. Tinha começado em Orpington em 1954, a seguir o mesmo em Beckenham, Hemel Hempstead ao que se seguiu Maidstone em 1957 e 1958. Era efectivamente pré-seleccionada para o assento, fazia aquilo que era considerado um bom discurso, e depois começavam as perguntas a maior parte deles com o mesmo propósito. Com os meus compromissos familiares como teria eu tempo suficiente para o círculo eleitoral? Se por acaso tinha noção o quanto tempo iria passar longe de casa como deputada? Não seria melhor esperar um ou dois anos antes de tentar entrar para a Câmara dos Comuns? E outras vezes de forma ainda mais descarada: Se eu achava que poderia efectivamente cumprir os meus deveres enquanto deputada, tendo de tomar conta de crianças tão pequenas?

Eu considerava que os Comités tinham todo o direito a fazer estas perguntas. Explicava as minhas circunstâncias familiares e que tinha uma ama excelente. Costumava também explicar como conseguiria ser uma mãe trabalhadora organizando o meu tempo devidamente. Mas o que mais me perturbava era que mascarado pelas críticas, conseguia detectar o sentimento de que a Câmara dos Comuns não era o local apropriado para uma mulher de que maneira fosse. Talvez alguns dos homens do Comité de Selecção tivessem este preconceito, mas descobri na altura e mais tarde que as mulheres eram as que o expressavam de forma mais aberta. Esta não era a primeira vez que o conceito simplista de esquerda de “discriminação sexual” estava totalmente errado.

Sentia-me magoada e decepcionada por estas experiências. Elas eram no final de contas um ataque não só à minha pessoa enquanto candidata mas também enquanto mãe e esposa. Mas recusei-me a ser derrotada por elas pois estava confiante que tinha algo a oferecer na política. Sabia que muitos que tinham cruzado o meu caminho político me queriam ver na Câmara. E

mais importante que tudo, o Dennis nunca teve qualquer dúvida, esteve sempre ao meu lado para me confortar e apoiar.

Em Abril de 1958 tive outra longa conversa com Donald Kaberry na sede. Ele falou-me dos círculos eleitorais que provavelmente iam começar a selecção em breve. Eu falei abertamente das dificuldades com que me deparei perante os Comités de Selecção por ser mulher. Infelizmente este era um dos tópicos sobre o qual até o mais sábio amigo masculino não conseguiria dar conselhos úteis. Mas deu-me um conselho sobre o que vestir nestas ocasiões tão sensíveis. Deveria optar por algo moderno mas que não fosse vistoso. De facto, ao olhar para mim de alto a baixo, disse que o casaco preto comprido com mala castanha que tinha vestido seriam ideais. Em breve o seu raciocínio de estilista iria ser posto à prova, pois tinha-me candidatado para o assento seguro de Finchley na zona norte de Londres, cujo deputado se ia reformar, e ia ser chamada para a entrevista em Julho.

Finchley era uma zona de Londres que eu não conhecia particularmente bem. Mas como qualquer aspirante a candidato comecei a trabalhar para saber tudo aquilo que havia a saber. Estava determinada a que nenhum equivalente a Locksbottom de Finchley soubesse mais do que eu. Mas a vantagem de um assento urbano, particularmente em Londres, é que as questões locais mais pertinentes irão corresponder em grande medida às questões mais importantes a nível nacional. O que nem sempre acontece num assento rural ou regional. A liberalização das rendas ia com certeza ser um tema controverso tanto em Finchley como a nível nacional por exemplo. Também a imigração começava a surgir no panorama político, pois os primeiros motins de Notting Hill ocorreram após algumas semanas. O estado da economia e qual dos partidos conseguiria manter o nível de vida a aumentar e melhorar os serviços estariam entre as preocupações tanto em Finchley como em qualquer lado. E no que diz respeito a qualquer um destes assuntos sabia exactamente qual a minha posição e aquilo que iria dizer.

Eu era apenas uma numa “longa lista” de 150 pessoa que continha alguns dos meus futuros colegas na Câmara. Fui também uma das chamadas para uma entrevista preliminar pelo Comité de Selecção do Círculo Eleitoral. Consegui perceber que tinha muito apoio, o que era reconfortante mas não era motivo para excessos de confiança. Ser a pessoa mais popular nestas ocasiões pode por vezes trazer mais desvantagens do que ser a pessoa menos impopular. À medida que os candidatos mais fracos vão sendo eliminados, se o seu apoio vai para o nosso oponente é muito possível morrer na praia e ainda mal tínhamos começado a nadar.

Ficou combinado que os últimos quatro, três homens e uma mulher, comparecessem perante o Conselho Executivo da Associação. Tinha um grande número de amigos a apoiarem-me, mas também tinha a certeza que teria uma oposição feroz, iria ser uma luta.

Preparei-me o melhor que pude. Sentia-me razoavelmente confiante sobre aquilo que sabia sobre o círculo eleitoral. Não tinha dúvida alguma que conseguiria lidar com quaisquer questões sobre economia ou política externa, por muito confusa que fosse, pois tinha lido vorazmente todos os jornais e relatórios que consegui obter. Preparei o meu discurso até estar perfeito e dominei a técnica de discursar sem consultar notas. Igualmente importante era concentrar-me em estar com o estado de espírito certo ou seja confiante mas não demasiado. Decidi obedecer às instruções e usei o meu casaco comprido preto e achei que também não faria mal dar um empurrãozinho ao destino, por isso usei as minhas pérolas da sorte bem como o meu alfinete de peito da sorte que me fora dado pelos meus amigos Conservadores em Dartford.

Houve contudo algo em que tive muito azar, pois na data da reunião, segunda-feira 14 de Julho, era impossível o Dennis ir comigo. De facto a selecção tinha sido de tal forma rápida, que ele não sabia nada sobre ela. Todos os anos fazia uma viagem de negócios durante mais ou menos um mês e nesta altura o seu paradeiro era “algures em África”. E ao contrário de mim todos os candidatos estavam acompanhados pelos seus cônjuges. Por isso, quando entrei naquela reunião repleta de gente naquela noite quente de Julho e me sentei ao lado do presidente senti-me deveras sozinha.

Mas assim que me levantei todas as minhas inibições desapareceram. Como sempre deixei-me levar pelo impulso da minha preocupação e as preocupações sobre aquilo que os outros pensavam desvaneceram-se. O aplauso quando me sentei pareceu-me caloroso e genuíno. Tal como previa foi na parte das perguntas que os problemas começaram.

Conseguiria uma mãe de crianças tão pequenas efectivamente representar Finchley? E as tensões na minha vida familiar? Dei as respostas habituais, e como sempre uma parte da audiência estava determinadamente por convencer. E sem dúvida que lhes era mais fácil pois o pobre do Dennis se encontrava ausente. Pelo menos não teve de ouvir tudo aquilo, mas desejei que estivesse estado presente de qualquer maneira.

Juntei-me aos outros candidatos, bem como às suas esposas, onde a tensão era apenas aliviada pela conversa de circunstância que surgia sempre nestas situações. Após o último de nós ter discursado, começou aquilo que parecia uma espera interminável até que um dos funcionários surgiu para nos comunicar os resultados. E quando o fez era para mim que

falava. Não houve tempo para sentir alívio, alegria ou exaustão pois era agora necessário regressar para receber as felicitações do Executivo.

Apenas mais tarde soube os resultados exactos. Na primeira volta obtive trinta e cinco votos contra trinta e quatro do meu rival mais directo. Na segunda volta, após terem ficado apenas dois candidatos, eu tive quarenta e seis votos contra os seus quarenta e três. Esperava-se para bem de todo o processo e para demonstrar que não existia ressentimentos, que o Executivo deveria votar de forma unânime para me seleccionarem como sua candidata. Infelizmente alguns dos que se opuseram à minha candidatura não tinham tais intenções. Herdei então uma Associação onde teria de unir aqueles que me rodeavam e isto significava conquistar pessoas que não disfarçavam a sua reprovação.

Mas preocupava-me com isso depois. Primeiro tinha de dar as boas notícias à minha família em Grantham. Dennis estava completamente incomunicável, sem ter a mínima noção daquilo que eu tinha passado em Finchley. Tinha escrito uma carta algum tempo antes das candidaturas, mas ele nunca a recebeu. Alguns dias mais tarde encontrava-se em rota de Joanesburgo para Lagos via Kano no norte da Nigéria. Ao mudar de avião começou a ler um exemplar do *Evening Eye* de Londres que alguém tinha deixado para trás e ao desfolhá-lo descobriu as surpreendentes notícias que davam conta que a sua esposa tinha sido seleccionada para o assento seguro de Finchley. Conseguia sempre proporcionar-lhe grandes surpresas!

A minha primeira oportunidade para impressionar a Associação de Finchley como um todo foi na reunião de confirmação no início do mês seguinte. Também desta vez usei roupas pretas discretas com um pequeno chapéu. Recebi aquilo que mais tarde vim a saber ser uma brilhante introdução quase constrangedora pela parte de Bertie Blatch, o presidente do círculo eleitoral, que se tornaria uma óptimo patrono e protector. E era também uma grande vantagem o facto de ele ser o dono do mais importante jornal local o *Finchley Press*. Ao entrar no hall, fui recebida com um caloroso aplauso. Aproveitei a ocasião para falar durante algum tempo sobre assuntos internos e internacionais. Usei todos os meus trunfos. E sabia que apesar de ser a única candidata devidamente seleccionada, esta reunião de confirmação não era apenas uma mera formalidade. Existia ainda uma oposição obstinada à minha candidatura, que girava em torno de uma única mulher e da sua *coterie*, que pretendia realizar nova votação, mas eu estava determinada a vencer esta oposição. Não tive qualquer problema em lidar com as três questões dos presentes. Tal como é habitual entre os Conservadores, nestas ocasiões fui recebida de forma incrível. Mas no final e ao contrário do que foi noticiado pelos jornais da altura, alguns dos presentes recusaram-se a votar na minha

confirmação que foi esmagadora mas não, (não se ouvia a palavra mágica) “unânime”. Saí da reunião sabendo que a minha candidatura estava segura e certa da lealdade da grande maioria da Associação, contudo também consciente de que alguns elementos estavam determinados a tornar a minha vida o mais difícil possível.

Escrevi inclusive a Ted Heath que era responsável pela disciplina de voto no partido, mas que tinha sido meu vizinho em Dartford, a contar-lhe os problemas que estava a enfrentar. Devido à sua ajuda e também através dos meus contactos pessoais consegui que oradores de renome viessem e que discursassem a meu favor entre a confirmação e o dia das eleições. Ian Macleod, Keith Joseph, Peter Thorneycroft e John Boyd-Carpenter estavam entre eles e seria à volta destas pessoas que a minha vida política iria girar em breve. O tardio mas extremamente bem-vindo regresso de Dennis também ajudou se bem que de outra forma. Bertie Blatchdeu foi constante e incansável no seu apoio.

Finchley estava a ser gerida com um despreendimento cavalheiresco que não era o meu estilo nem justificado pelas realidades políticas. Tencionava trabalhar e fazer campanha como se Finchley fosse um assento a ser conquistado e contava que os outros seguissem a minha liderança. A partir de agora ia ao círculo eleitoral duas ou três vezes por semana e ia visitar cada uma das regiões administrativas, voltando para conhecer os activistas do Partido num pub local ou na casa de alguém.

Quando me tornei candidata existia alguma preocupação sobre os Liberais em Finchley pois estavam a ganhar algum terreno. Sempre foram excelentes activistas, particularmente eficientes em eleições locais. Há alguns anos tinha ocorrido um famoso escândalo local após ter sido negada a adesão a judeus no Finchey Golf Club, no qual alguns Conservadores locais tinham estado envolvidos e os Liberais não perdiam a oportunidade de relembrar as pessoas sobre este caso. Eu própria simplesmente não entendia o anti-semitismo e transtornava-me que o Partido tivesse sido conotado com tais preconceitos. Fiz então questão de sublinhar que queríamos novos membros especialmente Conservadores judeus nas nossas organizações. Apesar de não o saber na altura, encontrei alguns dos meus amigos políticos mais próximos e associados entre os judeus. O que era claro era que o potencial voto Conservador não estava a ser devidamente explorado e não importava quantas ondas tivesse de levantar pois o processo era vital para fortalecer a nossa organização local. Dediquei também uma grande parte do meu esforço a fortalecer a Juventude Conservadora no círculo eleitoral. E tal foi feito através do recrutamento de jovens enérgicos que conseguiriam resistir ao desafio dos activistas liberais. Na altura da marcação das eleições em Setembro de 1959 a

organização do círculo eleitoral estava em muito melhor estado e comecei de facto a sentir-me em casa.

Sentia também que o Partido estava a caminho de uma vitória nas eleições. Tinham havido um grande número de vitórias Conservadoras nas eleições locais em Maio, e as probabilidades pareciam incrivelmente favoráveis a uma vitória Conservadora nas eleições legislativas. Em Finchley continuávamos com as nossas preparações finais. Encontrava-me de férias com o Dennis e os gémeos na Ilha de Wight quando marcaram as eleições legislativas e voltei rapidamente para Londres. Se bem que tivesse de me confrontar por vezes com ataques relacionados com a crise do Suez e com a liberalização das rendas, a campanha foi maioritariamente sobre qual dos partidos conseguiria manter e gerir esta nova prosperidade. Aliás nos debates que participei com os outros candidatos nas igrejas e sinagogas de Finchley este era sempre o tema subjacente. Este era território favorável, pois tal como reivindicávamos a vida era realmente melhor com os Conservadores em Finchley e em qualquer lado. Para além da percepção de prosperidade, existia também a consciência de que a Grã-Bretanha tinha em Harold Macmillian um estadista capaz de desempenhar um papel de destaque na esfera internacional, quer fosse perante os Estados Unidos, União Soviética ou a Europa Continental.

O meu primeiro dia de ir a votos numas eleições legislativas foi em Outubro de 1959 e criou um padrão para os nove dias de eleições que lhe haviam de suceder. Após a abertura das urnas votei no meu círculo eleitoral ou seja Orpington em 1959, Chelsea e Westminster nas eleições seguintes e depois desloquei-me até Finchley com o Dennis. Visitei cada uma das mesas de voto e gabinetes do nosso comité, almoçando com o Bertie Blatch entre outros no hotel. Paguei então minuciosamente a minha própria comida e bebida para evitar a acusação de “comprar” os eleitores sendo este terror instilado em todos os candidatos pela sede dos Conservadores. A partir das cinco horas evitei deslocar-me aos gabinetes do comité, que estariam a enviar trabalhadores para convocar os nossos apoiantes às urnas, deslocando-me apenas a uma ou duas mesas de voto para marcar presença. Então ao fecho das urnas eu e o Dennis fomos até à residência dos Blatche, comer qualquer coisa, visitei os gabinetes do círculo eleitoral para ouvir as últimas grandes notícias anedóticas e por fim assisti à contagem nesta ocasião no Christ’s College, apesar de mais tarde todas as nove mesas de voto terem sido agrupadas no Barnet Town Hall.

Na escola fiquei a saber que todos os candidatos tinham direito a uma sala onde, com um grupo seleccionado de apoiantes convocados para a contagem, podiam comer ou beber e onde tinham acesso a esse milagre da vida política moderna, a televisão. A campanha de

1959 tinha sido a primeira na qual a televisão tinha tido um papel importante. E foram os serviços noticiosos da televisão que me informaram que o Partido estava a vencer por todo o país. Dividia o meu tempo entre observar o crescendo de boletins de voto candidato por candidato sobre longas mesas no hall e em regressar à sala para ver os igualmente satisfatórios resultados que começavam a surgir em todo o país.

Por volta da meia e noite e meia foi-me dito que os resultados de Finchley estavam prestes a ser anunciados e pediram que me juntasse ao escrutinador com os outros candidatos no palco. Talvez algumas pessoas com um assento seguro quando os Conservadores estavam à beira de uma vitória nacional se sentissem confiantes ou até complacentes, mas eu não. Por toda a minha carreira política por sexto sentido, talvez, quem sabe, por mera superstição, sempre associei tais atitudes a desastre eminente. Mantive-me ao lado do Dennis com um sorriso amarelo e tentei não demonstrar o que sentia.

O escrutinador começou: “Deakins, Eric Petro: treze mil quatrocentos e trinta e sete” (aplausos Trabalhistas).”Spence, Henry Ivan: doze mil setecentos e um. (aplausos Liberais). E finalmente:”Thatcher, Margaret Hilda: vinte e nove mil seiscentos e noventa e sete”. Estava ganho não só por uma maioria de 16,260, mas como também tinha conseguido arrecadar mais 3,500 votos do que o meu antecessor. As comemorações sempre mais comedidas da parte dos Conservadores do que dos Liberais ou de outras bocas socialistas elevaram-se. Fiz o meu pequeno discurso de aceitação, agradei a todos os meus ótimos assistentes, recebi um caloroso abraço do Dennis e desci do palco, a Deputada eleita por Finchley.

Num momento mais imprudente, logo após ter sido seleccionada para Finchley, disse aos gémeos que assim que me tornasse deputada iriam beber um chá ao terraço da Câmara do Comuns. E a partir desta altura começou a surgir o queixume:” Ainda não está lá mamã? Está a levar tanto tempo”. Eu conhecia bem este sentimento, pois também para mim tinha parecido muito tempo. Mas sabia que dentro de semanas iria tomar o meu lugar nos bancos de pele verde da Câmara dos Comuns

Este foi o primeiro passo.